UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TÊXTIL E MODA

LUIZA HELENA FREITAS DE OLIVEIRA

**A camisa masculina entre os séculos XVI e XIX:
um mapeamento de elementos materiais e modelagem**

São Paulo

2021

LUIZA HELENA FREITAS DE OLIVEIRA

**A camisa masculina entre os séculos XVI e XIX:
um mapeamento de elementos materiais e modelagem**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 19 de abril de 2021. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração: Têxtil e Moda

Orientadora:

Profa. Dra. Isabel Cristina Italiano

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8- 4936

Oliveira, Luiza Helena Freitas de

A camisa masculina entre os séculos XVI e XIX: um mapeamento de elementos materiais e modelagem / Luiza Helena Freitas de Oliveira ; orientadora, Isabel Cristina Italiano. – 2021
301 f : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo
Versão corrigida

1. Vestuário masculino - História - Séculos 16 a 19.
2. Vestuário masculino - Modelagem. 3. Camisa - História - Séculos 16 a 19. 4. Alfaiataria. I. Italiano, Isabel Cristina, orient. II. Título.

CDD 22.ed. –.391.1

Nome: OLIVEIRA, Luiza Helena Freitas de.

Título: A camisa masculina entre os séculos XVI e XIX: um mapeamento de elementos materiais e modelagem

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda.

Área de Concentração:

Têxtil e Moda

Aprovado em: 19/04/2021

Banca Examinadora

Prof. ^a Dr. ^a	Maria Sílvia Barros de Held	Instituição:	Universidade de São Paulo (USP)
-------------------------------------	-----------------------------	--------------	---------------------------------

Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____
-------------	----------	-------------	-------

Prof. ^a Dr. ^a	Patricia de Mello Souza	Instituição:	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
-------------------------------------	-------------------------	--------------	---

Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____
-------------	----------	-------------	-------

Prof. ^a Dr. ^a	Icléia Silveira	Instituição:	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
-------------------------------------	-----------------	--------------	--

Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____
-------------	----------	-------------	-------

*Para Júlio, que me ensinou o verdadeiro significado
de companheirismo, por todo amor e incentivo.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Isabel Cristina Italiano, por todas as orientações, acompanhamentos e direcionamentos, realizados sempre com um equilíbrio impecável de profissionalismo, paciência e carinho.

Aos colegas de mestrado do Programa de Pós-graduação em Têxtil e Moda pelo compartilhamento de fontes de pesquisa e o companheirismo nesta jornada: Beatriz Albarez de Assunção, Diego da Silva Ribeiro, Laura Moura Borges, e aos demais colegas, meu muito obrigada.

Ao Studio Acci, aqui representado nas pessoas de Henrique Assis e Letícia Acciarito, que deram todo o suporte técnico na elaboração nas reconstruções digitais em 3D.

Ao Enrico Cietta pelo apoio profissional e incentivo durante o caminho. Agradeço por trabalhar com quem tenho a oportunidade de aprender continuamente.

Ao meu irmão João Roberto Barros II, Professor Doutor em Filosofia e Ciência Política, que além do incentivo, me apoiou diretamente na realização deste trabalho propondo complementações que foram muito enriquecedoras.

À minha mãe Carmem Aparecida de Freitas. Ainda ouço suas as palavras sobre perseverança: “cada enxadada, uma minhocada”.

Ao meu pai João José Kohl de Oliveira e demais pessoas queridas em minha família: Elis, Fernando, Graciela, Maia, sra. Elisete, sr. Luiz Renato, Anna Carolina, e ao meu esposo Júlio Cezar Borges Ribeiro, por todo amor, apoio e incentivo.

A Deus, pois sem Seu amor nada disso seria possível.

RESUMO

OLIVEIRA, Luiza Helena Freitas de. **A camisa masculina entre os séculos XVI e XIX**: um mapeamento de elementos materiais e modelagem. 2021. 301 f..
Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Versão corrigida.

No presente trabalho buscou-se identificar quais elementos parecem caracterizar as camisas masculinas, sua modelagem e construção, entre os séculos XVI e XIX na Europa, com especial atenção a suas transformações mais significativas no período, com base, sobretudo, em alguns principais acervos de trajes no mundo e em acervos iconográficos. Assim, fez-se possível, a compreensão da natureza das camisas, quanto às características construtivas e materiais, além da organização da trajetória desta categoria de vestuário em uma linha cronológica, com vistas a subsidiar a recriação digital de peças semelhantes a serem propostas pela pesquisadora. Do período de recorte, foi dado enfoque principalmente no século XIX, na Europa, devido à ampla disponibilidade de peças históricas em acervos museológicos e de registros detalhados. A escolha da camisa masculina, como objeto de estudo, deve-se ao fato de que de todas as peças que pertenciam ao contexto de roupas brancas, a camisa foi a única que efetivamente saiu da roupa interior para ser uma protagonista na vestimenta do homem e da mulher contemporâneos. Foram selecionadas nove camisas, representativas da trajetória desse traje, para serem apresentadas em uma linha do tempo, visando contar a história da peça nesse período histórico. Além disso, foi feita a recriação digital das mesmas em imagens tridimensionais, a partir das modelagens históricas pesquisadas, possibilitando a visualização dos detalhes de construção. Por meio dessa pesquisa, espera-se contribuir com o aprofundamento do estudo no campo, tanto na história do vestuário quanto nos aspectos relacionados à alfaiataria.

Palavras-chave: Camisa. História do vestuário. Modelagem. Alfaiataria.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Luiza Helena Freitas de. **The male shirt between the sixteenth and nineteenth century**: a mapping of material elements and pattern making. 2021. 301p. Dissertation (Master of Science) – Postgraduation Program in Textile and Fashion, School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2021. Adjusted version.

In this study it was sought to identify which elements seem to characterize the masculine shirts, their pattern making and construction, between the 16th and 19th centuries in Europe, with special attention to their most significant transformations in the referred period, based, above all, on some of the most important collections of garments in the world, and in iconographic collections as well. Therefore, it was possible to understand the nature of shirts – regarding constructive and material characteristics –, in addition to organize the historical path of this category of clothing in a timeline, aiming the digital recreation of similar pieces to be proposed by the researcher. From the period chosen, the focus was mainly on the 19th century, in Europe, due to the wide availability of historical pieces in museum collections and detailed records. The choice of the masculine shirt as object of study is due to the fact that, from all the items belonging to the context of undergarments, the shirt was the only one that had effectively developed from being an under clothing to be part of on view masculine and feminine dressing. Nine shirts were selected, representing the path of this garment, to be presented in a timeline aiming to tell the story of this item in the chosen historical period. In addition, they were recreated in tri-dimensional images, based on historical patterns studied, enabling the visualization of details in garment's construction. With this research, it is expected to contribute to in-depth studies in the pattern making area, not only in history of dressing, but also in tailoring aspects.

Keywords: Shirt. History of dressing. Dressing. Pattern making. Tailoring.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura metodológica da pesquisa	36
Figura 2 – O Retorno do Filho Pródigo, óleo sobre tela, 1619, Giovanni Francesco Barbieri, gen. Il Guercino.....	37
Figura 3 – (a) A Adoração dos Pastores - Portinari Altarpiece, óleo sobre tela, c.1477-78, Hugo Van der Goes, nº de registro 1890, nos. 3191-3192-3193; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	40
Figura 4 – Ilustração do vestuário masculino entre 1490 e 1510.	41
Figura 5 - Camisa de linho, seda e bordada com metal (Itália), datada do século XVI, The Metropolitan Museum of Art, Estados Unidos, nº de registro 10.124.2.	42
Figura 6 - Gibão com decote quadrado, e camisa decotada visível acima do gibão, 1517, ilustração.	43
Figura 7 - Portrait of a Young Man, óleo sobre tela, início séc. XVI, Giovanni Bellini, nº de registro: RCIN 405761.....	44
Figura 8 – (a) Man with a Glove, óleo sobre tela, 1520, Tiziano Vecellio, nº de registro: INV. 757. (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	45
Figura 9 – (a) Portrait of a Man, óleo sobre tela, ca. 1520–25, Moretto da Brescia (Alessandro Bonvicino), nº de registro: 28.79; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	46
Figura 10 – (a) Chancellor Leonhard von Eck (1480–1550), óleo em abeto, 1527, Barthel Beham, nº de registro: 12.194; (b) detalhe ampliado da figura “a”.	47
Figura 11 - Portrait of François I, King of France (1494-1547), óleo sobre tela, c.1530, Jean Clouet, nº de registro: Inv. 3256.	48
Figura 12 - Retrato do rei Henry VIII, Inglaterra, c.1535-1540, Anglo-Netherlandish workshop, nº de registro OB4.1962.....	49
Figura 13 - Camisa de linho bordada em seda - vestida em manequim (Inglaterra), datada de c.1540, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.112-1972.	50

Figura 14 – (a) Camisa de linho bordada em seda – frente (Inglaterra), datada de c.1540, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.112-1972; (b) Ilustração da camisa básica do século XVI, edição nossa.	51
Figura 15 – (a) Camisa de linho bordada com seda - detalhe da cola e punho (Inglaterra), datada de c.1540, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.112-1972; (b) detalhe da camisa da figura “a”; (c) Ilustração da elaboração de pregas cartucho, edição nossa.	52
Figura 16 - Retrato de Henry Howard, o conde de Surrey, c.1541-1543, Hans Holbein.	53
Figura 17 - Les Songes drolatiques de Pantagruel, 1565, Paris, François Desprez, nº de registro: Res 3540.	54
Figura 18 – (a) The Miner, sem data, gravação em madeira, Jost Amman., sem número de registro; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	55
Figura 19 – (a) Portrait of a Gentleman, óleo sobre tela, 1569, Antonio Moro, nº de registro: 1937.1.52; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	56
Figura 20 – (a) Robert Dudley, 1st Earl of Leicester, óleo sobre painel, c.1575, Inglaterra, artista desconhecido, nº de registro: NPG 447; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	57
Figura 21 – (a) Young man among roses, aquarela em pergaminho colada em cartão, ca. 1587, Inglaterra, Nicholas Hilliard, nº de registro: P.163-1910; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	57
Figura 22 – Full length portrait of Sir William Russel, ilustração, c.1558-1603.....	58
Figura 23 - Libro de geometría, práctica y patrones – lubon de feda com manga aberta (página 21) e ropa espanõla de feda (página 58), 1580, Espanha, Juan de Alcega, sem número de registro.....	59
Figura 24 – Camisas de linho bordadas (a) masculina, c.1580-1590 e (b) feminina, c.1610.....	60
Figura 25 – Modelagem da Camisa Básica do século XVI.....	61
Figura 26 – Ilustrações de camisas do século XVI.....	62

Figura 27 – (a) Portrait of a Gentleman with his dog, 1590–1649, Paris, óleo sobre tela, Simon Vouet, sem número de registro; (b) detalhe ampliado da figura “a”.	65
Figura 28 - Rufo de linho (Inglaterra), datado de 1620-1629, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: T.287-1916.....	66
Figura 29 – Rufo caído, visto sobre um plano, com amarração em cordões com tassel, d.1620-1630.	67
Figura 30 - Retrato Juan de Pareja, Espanha, c.1606-1670, Velázquez, nº de registro 1971.86.	67
Figura 31 - Colarinho caído (Inglaterra), datada de 1620-1630, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: 190-1900.	68
Figura 32 – (a) A Lackey with His Master's Set of Clothes, c.1633, França, gravura, Abraham Bosse, nº de registro: 44.953; (b) detalhe ampliado da figura “a”.	70
Figura 33 – (a) Henri II de Lorraine, c. 1634, óleo sobre tela, Anthony van Dyck, nº de registro: 1947.14.1; (b) detalhes ampliados da figura “a”.	71
Figura 34 - Lute Player, c.1640, França, óleo sobre tela, Jean de Reyn, nº de registro: 34.541.	72
Figura 35 – (a) Conjunto masculino (Inglaterra), datado de 1635-1645, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: T.58 to B-1910; (b) detalhes ampliados da figura “a”.	73
Figura 36 – Ilustração traje francês no período de 1625 a 1649.	74
Figura 37 – (a) Camisa longa em linho branco (Inglaterra), datada de c. 1630-1650, Manchester Art Gallery, Inglaterra, nº de registro: 1995.21; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	75
Figura 38 - Camisa masculina de linho (Itália), datada de c.1600-1650, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro 139-1880.	76
Figura 39 – (a) Camisa masculina para dormir de linho – detalhes (Itália), datada de c.1600-1650, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro 139-1880; (b) ilustração da camisa básica masculina do século XVI com abertura	

frontal, edição nossa; (c) Ilustração da elaboração de pregas cartucho, edição nossa.	77
Figura 40 – Gola - vista de diversos ângulos (Flandres), datada de c.1650-1665, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: T.99-1967.	78
Figura 41 – (a) A Musical Party, c. 1650, Holanda, óleo sobre tela, Gerbrand van den Eeckhout, nº de registro: 26.260.8; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	79
Figura 42 – (a) Portrait of Paulus van Esch, c.1665, Holanda, óleo sobre tela, Nicolaes Maes, nº de registro: 1943.808; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	80
Figura 43 – (a) Paying the Hostess, c. 1670, Holanda, óleo sobre tela, Pieter de Hooch, nº de registro: 58.144; (b) detalhe ampliado da figura “a”.	81
Figura 44 - Portrait of Charles Killigrew, c.1673, óleo sobre tela, Peter Lely, nº de registro: S.540-1983.....	82
Figura 45 - Portrait of John Wilmot, Second Earl of Rocheste, c.1677 (pintado), óleo sobre tela, Peter Lely, nº de registro: 491-1882.	83
Figura 46 - Gaspard Marsy (1624-1681), escultor, 1682, óleo sobre tela, Jacques Carré (pintor), nº de registro: MV 3519.....	84
Figura 47 – (a) Portrait of a Young Man, c. 1685 (pintado), óleo sobre tela, Louis Ferdinand Elle, nº de registro: P.68-1917; (b) detalhe ampliado da figura “a”.	85
Figura 48 – (a) <i>Jabot</i> de renda no manequim (Bélgica ou França), datado de c.1690-1715, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.397 to D-1970; (b) mesmo <i>jabot</i> de renda aberto.	86
Figura 49 - Camisa masculina em cambrá de linho branco (local desconhecido), datada de 1690, Museu nacional do Traje, Portugal, nº de registro 4094.	87
Figura 50 - Camisa bordada com peitilho (Espanha), datada de c.1700, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.358-1910.....	88
Figura 51 – (a) Homme de qualité en habit d'espée. Engraving and etching with hand-applied color on laid paper, 1687, França, Nicolas Arnoult, nº de registro 44.1198; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	89

Figura 52 – Camisa de linho branco usada por Gustav Adolf II (Suécia) datada de 1627: (a) Foto do acervo do museu Livrustkamaren (Estocolmo), fotógrafo Goran Schimidt; (b) ilustração da mesma camisa, elaborada por Arnold (2008).	90
Figura 53 – Diagrama de modelagem da camisa de linho branco usada por Gustav Adolf II (Suécia).	91
Figura 54 – Camisa de linho branco, manchada de sangue, usada por Claes Bielkenstierna quando ele foi ferido em batalha em 1659 (a) Foto do acervo do museu Livrustkamaren (Estocolmo); (b) foto do detalhe do tampo abaixo da manga da camisa; (c) ilustração da mesma camisa realizada por Arnold (2008).	92
Figura 55 – Diagrama de modelagem da camisa de linho branco usada por Claes Bielkenstierna datada de +1659.	93
Figura 56 – Ropa turca deraxa de leuantar (sic) (modelagem).	94
Figura 57 - Un capo de page, diagrama, Le Tailleur Sincère.	95
Figura 58 – Camisas masculinas de 1720 (a) punhos da camisa com babados e (b) camisa sem babados nos punhos, ilustração.	97
Figura 59 - Camisa de linho, detalhe da gola e degolo franzido (Inglaterra), datada de 1700-1720, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.356-1980.	98
Figura 60 - Camisa de linho, detalhe da manga e corpo (Inglaterra), datada de 1700-1720, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.356-1980.	98
Figura 61 – (a) Camisa de linho, detalhe do bordado (Inglaterra), datada de 1700-1720, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.356-1980; (b) carta que menciona a confecção da camisa para o rei William III.	99
Figura 62 - Camisa de linho costurada a mão com linha de linho (Grã Bretanha), datada de 1740-1780, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.246-1931 (a) disposta em manequim; (b) vista do ombro; (c) vista da frente superior.	100

Figura 63 - <i>Jabot</i> de renda (França), datada de 1755-1765, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro 779-1890 (a) vestido em manequim; (b) disposto sobre mesa plana.	101
Figura 64 - <i>Jabot</i> de renda de 5 partes (Valenciennes, França), datado de 1760, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: 1511, A to D-1900 (a) vestido em manequim; (b) disposto sobre mesa plana.	102
Figura 65 - Camisa masculina de linho branco (local desconhecido), datada de 1760-1770, Museu nacional do Traje, Portugal, nº de registro 4096.	103
Figura 66 - Camisa de linho costurada a mão (Grã Betanha), datada de 1775-1800, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.360-1984 (a) vista de frente; (b) vista de costas.	104
Figura 67 - Camisa de linho bordada com o monograma “J.S.” (França), datada de c. 1780, The Metropolitan Museum of Art, Estados Unidos, nº de registro 2009.300.62 (a) frente da camisa; (b) vista lateral do ombro.	105
Figura 68 – Detalhe do taco lateral de camisa masculina de linho (Estados Unidos ou Europa), datada do final do século XVIII, Western Reserve Historical Society, Estados Unidos, nº de registro L2015.1.2; (a) lado de fora; (b) lado de dentro.	105
Figura 69 – Estilos de vestuário masculino (a) francês em 1780 e (b) holandês em 1794, ilustração.	106
Figura 70 – Traçado da modelagem da camisa masculina de 1700 a 1810.	107
Figura 71 – Moldes do corpo e das mangas da camisa de 1750-1800.	108
Figura 72 – Plate XVII Tailor of Suits, Narrow Width Fabric of Different Aunages for Vest, Frock, Riding Coat, Roquelaure, Shirt, Short Waistcoat and Short Cassock, Half View.	110
Figura 73 - Camisa masculina de linho (Inglaterra), datada de 1791, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.281-1987 (a) frente da camisa; (b) detalhe da frente e gola; (c) bordado da sigla e data.	114
Figura 74 - (a) Detalhe do taco da abertura lateral da camisa masculina de linho (Inglaterra), datada de 1791, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº	

registro T.281-1987; (b) Ilustração da camisa básica do século XVI, edição nossa.....	115
Figura 75 – (a) Detalhe do franzido da gola da camisa masculina de linho (Inglaterra), datada de 1791, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.281-1987; (b) detalhe ampliado da figura “a”; (c) Ilustração da elaboração de pregas cartucho, edição nossa.....	116
Figura 76 – (a) Gravura Les Courses du Matin, 1805, Philibert-Louis Debucourt; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	117
Figura 77 – Homem elegante à moda de 1799, La Mésangère, ilustração.	118
Figura 78 - (a) Camisa para casamento c.1795-1800; (b) Camisa masculina, 1813, [S.I.].....	120
Figura 79 - Retrato de Joseph-Antoine Moltedo, c.1810, Jean Auguste Dominique Ingres, nº de registro: 29.100.23.	121
Figura 80 - Cavalcada de Longchamp, desenho que mostra uma sátira do vestuário masculino no início do século XIX, nº de registro: 102977.....	122
Figura 81 - Retrato de Clemens August Carl Klenze, litografia, Eduard Meyer, c.1800-1815, nº de registro: 14138157.	123
Figura 82 - (a) Retrato de Louis Charles Mercier Dupaty, c.1805, Jean Auguste Dominique Ingres. (b) Detalhe ampliado da figura “a”.....	124
Figura 83 - Charles Dupaty, statuaire: (retrato). François Louis Dejuinne (autor), litografia, início do século XIX, nº de registro: NUM EST 5724.	125
Figura 84 – (a) Ilustração de vestuário masculino, Revista de arte e notícias: para cidadãos de todas as classes, ilustração nº44, 1819; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	126
Figura 85 - Camisa de linho e algodão (Paris), datada do início do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/619.....	127
Figura 86 – (a) Ilustração de vestuário masculino, Revista de arte e notícias: para cidadãos de todas as classes, ilustração nº28, 1821; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	129

Figura 87 - Camisa feita de linho (Grã-Betanha), datada de c.1821, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.156-1930.....	130
Figura 88 - Camisas masculinas; (a) Camisa de uso diurno, 1824; (b) Camisa de uso diurno, c.1830; (c) Camisa de uso diurno, c.1830-40.....	132
Figura 89 - Camisa de linho (Inglaterra), datada de 1830, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.97-1963.....	133
Figura 90 – (a) Detalhe do taco da gola da camisa de linho (Inglaterra), datada de 1830, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.97-1963; (b) Ilustração da gola e detalhe do ombro da camisa, edição nossa.	133
Figura 91 – (a) Camisa masculina vista de frente (Grã-Betanha), datada de 1846, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T104-1934; (b) Camisa masculina vista de costas.....	134
Figura 92 - (a) Detalhe do taco da carcela da manga e da abertura lateral da camisa (Grã-Betanha), datada de 1846, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T104-1934; (b) Ilustração do detalhe do taco lateral da camisa básica do século XVI, edição nossa.	135
Figura 93 - Desenho técnico da camisa de civil, c.1800 (frente e costas).....	136
Figura 94 - (a) Tacos do decote e ombros da camisa civil; (b)Tacos da abertura lateral da camisa civil; c.1800.	136
Figura 95 – (a) Camisa de cambraia (Inglaterra), datada entre 1820 e 1840, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.474-1995; (b) detalhe da frente da camisa.	137
Figura 96 – Camisa de Uniforme da Casa Real (Portugal), datada do século XIX, Museu Nacional dos Coches, Portugal, nº de registro F 2260.	138
Figura 97 – Camisa de Uniforme da Casa Real (Portugal), datada do século XIX, Museu Nacional dos Coches, Portugal, nº de registro F 2511.	139
Figura 98 – (a) <i>Jabot</i> de camisa masculina (local desconhecido), datado do século XIX, Museu Nacional do Traje, Portugal, nº registro 13727; (b) Punhos de camisa masculina (local desconhecido), datado do século XIX, Museu Nacional do Traje, Portugal, nº registro 13728.	140

Figura 99 – (a) Camisa de casamento (Inglaterra provavelmente), datada de c.1848-1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.561-1919; (b) detalhe do bordado da camisa,	142
Figura 100 – Frente de camisa de casamento (Grã-Betanha), datada de c.1848-1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.147-1925 (a) detalhe 1; (b) detalhe 2.	143
Figura 101 – Moldes da camisa civil, c.1800. Modelagem: Isabel Italiano e Desirée Bastos.	144
Figura 102 - Colarinhos e gravatas, retratos de c.1850, artista desconhecido; (a) Retrato de Lord Carlisle; (b) Retrato de Mr. Phelps; (c) Retrato de Mr. Shee; (d) Retrato de Mr. Gladstone.....	146
Figura 103 – Camisa vista de frente (Inglaterra), datada de c. 1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.94-1963.....	147
Figura 104 – (a) Frente da camisa ampliada (Inglaterra), datada de c. 1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.94-1963; (b) detalhes do bordado da camisa.....	148
Figura 105 – (a) Frente da camisa (Inglaterra), datada de c. 1850s, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.393-1985; (b) detalhe do punho e manga da camisa.....	149
Figura 106 – (a) Frente da camisa (Inglaterra), datada de c.1800-1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro 1112-1904; (b) detalhe da abertura e bordado.	150
Figura 107 – Frente de uma camisa masculina, (Grã Betanha provavelmente), datada de c. 1800-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro 740-1902	151
Figura 108 - Camisa masculina c.1850-1860, local desconhecido.....	152
Figura 109 –Camisa auto ajustável Gorget, 1853, ilustração.....	153
Figura 110 - Camisa masculina, c.1862, ilustração.....	154
Figura 111 - Camisa masculina, 1868, ilustração.....	155

Figura 112 - Amostra de camisa (Inglaterra), datada de 1878, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.415-1976.	156
Figura 113 – Camisa masculina (Inglaterra), datada do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº de registro: 96/622.	157
Figura 114 – Camisa masculina (Inglaterra), datada do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº de registro: 96/621.	158
Figura 115 – Gravatas, 1800-1900, ilustração.	159
Figura 116 - Colarinhos e punhos masculinos, 1868, ilustração.	160
Figura 117 – (a) Camisa para noite, colarinho e gravata, de Welch, Margetson & Co, c. 1860; (b) ilustração de traje masculino para eventos noturnos de c.1850.	161
Figura 118 – Camisa masculina (Londres, Inglaterra), datada de 1866-1890, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.208-1972.	162
Figura 119 – Camisa masculina (Paris), datada do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/477.	163
Figura 120 – Camisa masculina (Paris), datada do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/620.	164
Figura 121 - Colarinho de camisa masculina (Berlim, Alemanha), datada do século XIX, Museu dos Biscainhos, Portugal, nº registro 2881 MB.	166
Figura 122 - Punho de camisa masculina (Berlim, Alemanha), datada do século XIX, Museu dos Biscainhos, Portugal, nº registro 2871 MB.	166
Figura 123 - Trajes de críquete. (a) Jogador em flanelas brancas (1869); (b) Batedor com camisa e calça decorada com símbolos de críquete (1869).	167
Figura 124 – (a) Escala para composição do diagrama da camisa; (b) Ilustração de como tirar as medidas do corpo.	169
Figura 125 – Ilustração da <i>Yoke Shirt</i> e <i>Improved Sack Shirt</i>	169
Figura 126 – (a) Traçado da camisa <i>yoke</i> ; (b) Traçado da camisa <i>sack</i>	170
Figura 127 – Traçado de modelagem da camisa masculina noturna de c.1870.	171

Figura 128 – (a) Camisa “ <i>court</i> ”, de Welch, Margetson and Co., 1883, ilustração; (b) detalhe da aba que era presa internamente na roupa interior masculina.	173
Figura 129 – Camisa (local desconhecido), datada de 1838-1889, Palácio Nacional da Ajuda, Portugal, nº de registro 55339.....	174
Figura 130 - Camisa de homem (Portugal), datada de final do século XIX, Museu dos Biscainhos, Portugal, nº registro 2866 MB.	175
Figura 131 – Camisa (Portugal), datada do final do século XIX, Museu Nacional de Etnologia, Portugal, Nº registro AQ.561	177
Figura 132 – Camisa (Portugal), datada do final do século XIX, Museu Nacional de Etnologia, Portugal, Nº registro AR.641	178
Figura 133 – Camisa masculina frente e costas, ilustração do ‘ <i>The tailor an cutter</i> ’, 1883.	179
Figura 134 – Detalhes da Camisa que pertenceu a Rui Barbosa (Paris), datada de c.1900, Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil, nº de registro 29.132: (a) Peitilho da frente; (b) costas; (c) cabeça da manga; (d) punhos e mangas.	180
Figura 135 – (a) Camisa com peitilho de algodão (Portugal), datada de XIX d.C.-XX d.C., Museu de Alberto Sampaio, Portugal, nº de registro MAS T 402; (b) Detalhe bordado monograma.....	181
Figura 136 – Traje masculino com camisa para eventos sociais, 1888: (a) Paletó; (b) Casaca de uso noturno.	182
Figura 137 - Retratos de 1885 e 1890, autor desconhecido.....	183
Figura 138 – <i>Men’s ideal outing shirts</i> (as camisas masculinas ideais para atividades externas), anúncio em catálogo.	184
Figura 139 – Traje para a prática de tênis, 1888.....	184
Figura 140 – Ilustração de Mr. e Mrs. Joseph Chamberlain, c. 1889, autor desconhecido.	185

Figura 141 – (a) Fotografia de F. J. Francis e um amigo, 1895, fotografado por Wm. Notman & Son. Fotografia de dois homens com o colarinho alado; (b) detalhe ampliado da figura “a”.....	186
Figura 142 – Colarinho destacável (Londres, Inglaterra), datado de 1890-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.84-2000	187
Figura 143 – Anúncios de colarinhos com peitilhos postiços descartáveis.	188
Figura 144 – Camisa (Grã-Betanha), datada de c.1884-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro S.1418-1984 (a) frente; (b) costas; (c) detalhe da abertura da frente da camisa.	189
Figura 145 – Camisa (Grã-Betanha), datada de c.1884-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro S.1417-1984 (a) frente; (b) costas; (c) detalhe do bordado.	190
Figura 146 – Traje noturno, frente e costas, 1899.....	191
Figura 147 - Camisa masculina listrada com gola removível, datada de c. 1900, local desconhecido.	192
Figura 148 – (a) Traçado do corpo da camisa, manga, punho e colarinho; (b) Traçado de colarinhos e punhos variados.....	193
Figura 149 – Variações de frentes de camisa, ilustração.....	194
Figura 150 – (a) Traçado do corpo da camisa; (b) Traçado da manga.	195
Figura 151 – (a) Traçado da camisa de dormir: manga, colarinho e bolso; (b) Traçado da camisa de dormir: corpo frente e costas.....	195
Figura 152 – Traçado do gibão e gravuras auxiliares.....	197
Figura 153 – (a) Traçado do corpo da camisa; (b) Traçado da manga, frente e costas, e punho.	198
Figura 154 – Linha do tempo da camisa masculina – parte 1.	201
Figura 155 – Linha do tempo da camisa masculina – parte 2.	202
Figura 156 – Linha do tempo da camisa masculina – parte 3.	203
Figura 157 – Camisas de linho bordadas (a) masculina, c.1580-1590, selecionada para recriação digital em 3D, e (b) feminina, c.1610.	204

Figura 158 – Detalhe da ilustração de camisa básica do século XVI.	205
Figura 159 - Traçado da Camisa do século XVI a partir de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006), elaborado para a camisa selecionada.....	206
Figura 160 - Vista da frente da camisa do século XVI recriada digitalmente em 3D.	208
Figura 161 - Vista das costas da camisa do século XVI recriada digitalmente em 3D.	209
Figura 162 - Detalhe do colarinho da camisa do século XVI recriada digitalmente em 3D.....	210
Figura 163 - Camisa masculina em cambraia de linho branco vista de frente (local desconhecido), datada de 1690, Museu nacional do Traje, Portugal, nº de registro 4094, selecionada para recriação digital em 3D.....	211
Figura 164 - Camisa masculina em cambraia de linho branco vista sobre a mesa (local desconhecido), datada de 1690, Museu nacional do Traje, Portugal, nº de registro 4094, selecionada para recriação digital em 3D.....	212
Figura 165 - Camisa bordada com peitilho (Espanha), datado de c.1700, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.358-1910.....	212
Figura 166 - Traçado da Camisa do século XVII, adaptado a partir de Arnold (2008, p.74), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.	213
Figura 167 – Vista da frente da camisa do século XVII, recriada digitalmente em 3D.	214
Figura 168 – Vista das costas da camisa do século XVII, recriada digitalmente em 3D.	215
Figura 169 - Vista do detalhe dos ombros da camisa do século XVII, recriada digitalmente em 3D.	216
Figura 170 - Camisa de linho costurada a mão (Grã Betanha), datada de 1740-1780, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.246-1931 (a) disposta em manequim; (b) vista do ombro; (c) vista da frente superior, selecionada para recriação digital em 3D.....	217
Figura 171 – Moldes do corpo e das mangas da camisa de 1750-1800.	218

Figura 172 - Traçado da Camisa do século XVIII de Viana e Italiano (2018), selecionado para recriação digital em 3D.....	219
Figura 173 – (a) Detalhe do ombro da camisa mostrando os detalhes da colocação do decote e da linha do ombro, nº de registro T.246-1931 do V&A; (b) Detalhe do ombro da camisa com destaque para o taco do decote (molde 5), nº de registro T.246-1931 do V&A.	220
Figura 174 – Detalhe do reforço no protótipo da camisa de 1750-1800, desenvolvido em algodão cru, por Viana e Italiano.	221
Figura 175 - Vista da frente da camisa do século XVIII recriada digitalmente em 3D.	222
Figura 176 - Vista das costas da camisa do século XVIII, recriada digitalmente em 3D.	223
Figura 177 - Vista do ombro da camisa do século XVIII recriada digitalmente em 3D.	224
Figura 178 - Camisa de linho e algodão (Paris), datada do início do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/619, selecionada para recriação digital em 3D.....	225
Figura 179 – Traçado da modelagem da camisa masculina de 1700 a 1810.	226
Figura 180 – Vista lateral do ombro da camisa de linho (França), datada de c. 1780, The Metropolitan Museum of Art, Estados Unidos, nº de registro 2009.300.62.	226
Figura 181 – Detalhe do recorte e das mangas da camisa de linho e algodão (Paris), datada do início do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/619, selecionada para recriação digital em 3D.	227
Figura 182 - Traçado da Camisa do primeiro quarto do século XIX de Waugh (1964), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.	228
Figura 183 – Vista de frente da camisa do século XIX (primeiro quarto), recriada digitalmente em 3D.	229
Figura 184 – Vista de costas da camisa do século XIX (primeiro quarto), recriada digitalmente em 3D.	230

Figura 185 - Vista do recorte das mangas da camisa do século XIX (primeiro quarto) recriada digitalmente em 3D.....	231
Figura 186 - (a) Ilustração de homens vestidos em camisas e coletes; (b) detalhe ampliado da figura “a”	232
Figura 187 – Protótipo da camisa civil, c.1800 (frente e costas), selecionada para recriação digital em 3D.....	233
Figura 188 – Desenho técnico da camisa de civil, c.1800 (frente e costas).	233
Figura 189 – Moldes da camisa civil, c.1800. Modelagem: Isabel Italiano e Desirée Bastos.	234
Figura 190 - Traçado da Camisa do segundo quarto do século XIX de Italiano e Viana (2015), adaptado para recriação digital em 3D.	235
Figura 191 – Detalhe da junção da costura do ombro com a gola da camisa civil, c.1800. Destaque para o taco (costas da camisa).	236
Figura 192 - Vista da frente da camisa do século XIX segundo quarto (de 1821 a 1850) recriada digitalmente em 3D.....	237
Figura 193 - Vista das costas da camisa do século XIX segundo quarto (de 1821 a 1850) recriada digitalmente em 3D.	238
Figura 194 - (a) Vista da lateral; (b) vista do punho; Camisa do século XIX segundo quarto (de 1821 a 1850) recriada digitalmente em 3D.	239
Figura 195 – (a) Camisa com frente bordada; (b) Frente da camisa bordada, c. 1850, Inglaterra, nº registro T.94-1963, selecionada para recriação digital em 3D.	240
Figura 196 - Frente da camisa com peitilho bordado, c. 1850, Inglaterra, nº registro T.94-1963, selecionada para recriação digital em 3D.	241
Figura 197 - Traçado da Camisa do terceiro quarto do século XIX, com cava reta, de Italiano e Viana (2015), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.	242
Figura 198 - Vista de frente da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava reta) recriada digitalmente em 3D.....	243

Figura 199 - Vista das costas da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava reta) recriada digitalmente em 3D.....	244
Figura 200 - Detalhe da frente da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava reta) recriada digitalmente em 3D.	245
Figura 201 – Traçado de modelagem da camisa masculina noturna de c.1870, selecionado para recriação digital em 3D.....	246
Figura 202 – Traçado de modelagem da camisa masculina noturna de c.1870 de Waugh (1964), executado para recriação digital em 3D.....	247
Figura 203 – Vista de frente da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava redonda) recriada digitalmente em 3D.	248
Figura 204 – Vista das costas da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava redonda) recriada digitalmente em 3D.	249
Figura 205 – Vista lateral da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava redonda) recriada digitalmente em 3D.....	250
Figura 206 – Detalhe da frente e lateral da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava redonda) recriada digitalmente em 3D.....	251
Figura 207 – Detalhes da Camisa que pertenceu a Rui Barbosa (Paris), datada de c.1900, Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil, nº de registro 29.132, selecionada para recriação digital em 3D: (a) Peitilho da frente; (b) costas; (c) cabeça da manga; (d) punhos e mangas.	252
Figura 208 – Camisa masculina frente e costas, ilustração do <i>'The tailor an cutter'</i> , 1883.	253
Figura 209 – (a) Camisa “ <i>court</i> ”, de Welch, Margetson and Co., 1883, ilustração; (b) detalhe da aba que era presa internamente na roupa interior masculina.	254
Figura 210 – (a) Traçado do corpo da camisa; (b) Traçado da manga.	255
Figura 211 – Traçado de modelagem da camisa masculina diurna do último quarto do século XIX, de Maia (1908), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.	256

Figura 212 – Vista de frente da camisa do século XIX (último quarto, uso de dia) recriada digitalmente em 3D.....	257
Figura 213 – Vista de costas da camisa do século XIX (último quarto, uso de dia) recriada digitalmente em 3D.....	258
Figura 214 – Vista lateral da camisa do século XIX (último quarto, uso de dia) recriada digitalmente em 3D (a) lateral de frente; (b) lateral de costas.....	259
Figura 215 – <i>Shirt</i> (Grã-Betanha), datada de c.1884-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro S.1418-1984, selecionada para recriação digital em 3D: (a) frente; (b) costas; (c) detalhe da abertura da frente da camisa. ...	260
Figura 216 – (a) Traçado da camisa de dormir: manga, colarinho e bolso; (b) Traçado da camisa de dormir: corpo frente e costas.....	261
Figura 217 – Traçado de modelagem da camisa masculina de dormir do último quarto do século XIX, de Goldsberry & Doran (1895), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.....	262
Figura 218 – Vista de frente da camisa do século XIX (último quarto, uso de noite) recriada digitalmente em 3D.....	263
Figura 219 – Vista de costas da camisa do século XIX (último quarto, uso de noite) recriada digitalmente em 3D.....	264
Figura 220 – Detalhe da frente da camisa do século XIX (último quarto, uso de noite) recriada digitalmente em 3D.....	265
Figura 221 – Foto de um modelo de alamar.....	286
Figura 222 – Fechamento da gola com aselha, ilustração	286
Figura 223 – Foto de carcela da camisa com punho.....	287
Figura 224 – Ilustrações de camisas do século XVI, tipos de colarinhos	287
Figura 225 – Colarinho destacável (Londres, Inglaterra), datado de 1890-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.84-2000	288
Figura 226 – Gibão com decote quadrado baixo e camisa decotada aparecendo acima.....	288

Figura 227 – <i>Jabot</i> de renda no manequim (Bélgica ou França), datado de c.1690-1715, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.397 to D-1970.	289
Figura 228 – Pedaco de tecido com orela.....	290
Figura 229 – Dois peitilhos de camisa do século XIX, ilustração.	290
Figura 230 – (a) Camisa de linho bordada com seda, detalhe da gola (Inglaterra), datada de c.1540, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.112-1972; (b) Ilustração da elaboração de pregas cartucho, edição nossa. ..	291
Figura 231 – <i>Young Man among roses</i> , aquarela em pergaminho colada em cartão, ca. 1587, Inglaterra, Nicholas Hilliard, nº de registro: P.163-1910, detalhe ampliado.....	292
Figura 232 – Exemplo de taco abaixo da manga, Camisa bordada com peitilho (Espanha), datada de c.1700, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.358-1910.	292

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	28
1.1 Método	32
1.1.1 <i>Estrutura Metodológica de Pesquisa</i>	35
2 A TRAJETÓRIA DA CAMISA MASCULINA: DO SÉCULO XVI AO XVIII	37
2.1 Século XVI	39
2.1.1 <i>Informações sobre obras complementares.....</i>	63
2.2 Século XVII	64
2.2.1 <i>Informações sobre obras complementares.....</i>	94
2.3 Século XVIII	96
2.3.1 <i>Informações sobre obras complementares.....</i>	109
3 A TRAJETÓRIA DA CAMISA MASCULINA: SÉCULO XIX	112
3.1 A camisa no período de 1791 a 1820.....	113
3.1.1 <i>Informações sobre obras complementares.....</i>	128
3.2 A camisa no período de 1821 a 1850.....	128
3.2.1 <i>Informações sobre obras complementares.....</i>	144
3.3 A camisa no período de 1851 a 1882.....	145
3.3.1 <i>Informações sobre obras complementares.....</i>	172
3.4 A camisa no período de 1883 a 1908.....	172
3.4.1 <i>Informações sobre obras complementares.....</i>	196
4 A TRAJETÓRIA DA CAMISA MASCULINA REPRESENTADA EM UMA LINHA DO TEMPO	200
5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS.....	204
5.1 Camisa do século XVI.....	204
5.2 Camisa do século XVII.....	210
5.3 Camisa do século XVIII.....	216
5.4 Camisa do século XIX, de 1791 a 1820.....	224
5.5 Camisa do século XIX, de 1821 a 1850.....	232
5.6 Camisa do século XIX, de 1851 a 1882 (cava reta).....	239
5.7 Camisa do século XIX de 1851 a 1882 (cava redonda)	245
5.8 Camisa do século XIX, de 1883 a 1908.....	251
5.9 Camisa do século XIX, de 1883 a 1908 (de dormir).....	259
6 CONCLUSÃO	266
REFERÊNCIAS.....	269

GLOSSÁRIO.....	286
APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS	293

1 INTRODUÇÃO

Em 1930, surgiu o adjetivo “colarinho branco” para descrever os homens trabalhadores que, durante a maior parte dos séculos XIX e XX, foram vistos utilizando camisas¹ brancas em suas funções administrativas, de gerência, de supervisão ou clericais. Em 1940, o criminalista norte-americano, Edwin Sutherland, definiu o “crime de colarinho branco” como um crime “cometido por uma pessoa respeitável, e de alta posição social de Estado, no exercício de suas ocupações”, em geral, cometido sem violência e de alto ganho financeiro (SUTHERLAND, 1949, tradução nossa). Benczes (2006) define *white-collar* (colarinho branco) quem se veste formalmente, usando gravata, por oposição aos *blue-collar* (colarinho azul) que utilizam camisas de denim ou cambráia azul por seu trabalho de natureza manual, ou braçal. Além de outras cores de colarinhos² com seus respectivos significados.

Ao longo da história, a camisa se transformou na sua forma e no seu significado social. Sua trajetória remonta os tempos antigos e passa por grande parte dos povos. No entanto, o foco dessa pesquisa está na Europa, berço das civilizações ocidentais e onde se encontram a maior parte dos acervos de indumentária atualmente, com extensão aos Estados Unidos, cujas revistas e registros imagéticos permitem uma melhor compreensão da velocidade da disseminação das modas europeias, que dominavam nesse período.

A pesquisa tem como recorte temporal os séculos XVI ao XIX, sendo o século XIX o mais rico em informações e peças museológicas disponíveis, portanto, foi dado um aprofundamento maior nesse período em relação aos demais. Foram realizadas pesquisas bibliográficas na literatura tradicional e em artigos acadêmicos que abordam a história da camisaria e sua utilização entre os séculos XVI e XIX, além da pesquisa de peças de estudo disponíveis em museus nacionais e internacionais, que pertencem ao período de recorte da pesquisa.

¹ No decorrer do presente estudo, quando for mencionado o item de vestimenta “camisa”, nos referimos especificamente à camisa masculina, claramente identificável pelos museus de trajes históricos, registros iconográficos e escritos como tais, ou interpretada como tal pela autora utilizando a identificação de elementos materiais e estruturais similares a outras camisas masculinas do período estudado. Para mais informações, ver GLOSSÁRIO.

² Ver GLOSSÁRIO.

Até o século XIX, a camisa era considerada como parte das “roupas brancas”, ou seja, as roupas que se utilizavam por baixo do vestuário aparente e que tinham o principal objetivo de higiene pessoal. Não obstante, essa peça do guarda-roupa passa a ser cada vez mais aparente, até sair dessa categoria no século XX. Dito isso, o eixo teórico do presente trabalho está no levantamento da trajetória da camisa masculina, suas transformações e as principais características da peça no período.

A questão fundamental do presente trabalho, pode ser assim enunciada:

Quais elementos parecem caracterizar as camisas masculinas, e sua modelagem³ e construção, entre os séculos XVI e XIX na Europa, com especial atenção a suas transformações mais significativas no período, com base, sobretudo, em alguns principais acervos de trajes no mundo e em acervos iconográficos, de modo a possibilitar a compreensão da natureza, características construtivas e materiais, além da trajetória desta categoria de vestuário em uma linha cronológica, com vistas a subsidiar a recriação digital de peças semelhantes a serem propostas pela pesquisadora?

A partir da questão fundamental, são estabelecidos os seguintes subproblemas:

- 1) Que elementos parecem caracterizar transformações significativas ocorridas nas camisas masculinas e na sua modelagem e construção, entre os séculos XVI e XIX, a partir do acervo de alguns principais museus de trajes?
- 2) Que elementos parecem caracterizar transformações significativas ocorridas nas camisas masculinas e na sua modelagem e construção, entre os séculos XVI e XIX, a partir de outras fontes pesquisáveis?
- 3) Quais propostas de recriação são significativas para mostrar a trajetória da camisa masculina, a partir dos resultados dos subproblemas 1 e 2?

A história da camisa reserva questões não respondidas, como o aparecimento da barra das costas mais comprida do que a barra da frente no corpo da peça, da pala e da carcela, assim como a origem da forma atual da gola e do colarinho. Além disso, pode-se dizer que a camisa foi a única roupa interior que, ao longo da história, saiu

³ Ver GLOSSÁRIO.

desse segmento e se tornou uma peça importante no guarda-roupa masculino, inclusive como símbolo de diferenciação social.

No entanto, analisar a história da camisa desde seu surgimento tornaria esta pesquisa ou muito extensa, ou muito superficial. Dessa forma, selecionou-se como primeiro recorte temporal o período entre os séculos XVI e XIX pelos seguintes motivos:

- Disponibilidade maior de peças conservadas, em acervos de museus da indumentária e da moda no mundo, facilitando a análise de peças originais;
- Registros de pinturas e registros escritos de historiadores;
- Registros fotográficos, com o surgimento do daguerreótipo⁴, no final do século XVIII, e posteriormente, da fotografia, para análise das peças e formas de uso;
- Registros de processos de modelagem e de produção existentes, por exemplo: manuais de modelagem, de costura e de alfaiataria datados entre os séculos XVI e XIX.

Optou-se, neste estudo, apresentar uma visão mais ampla do período entre os séculos XVI e XVIII e, para o século XIX, é realizada uma pesquisa mais detalhada, analisando-se o século em quatro períodos distintos.

O segundo recorte deste estudo é geográfico, com foco nos registros de camisas na Europa. A justificativa para esta opção reside em dois aspectos:

- Existem muitos registros sobre essa peça em acervos europeus (museus e arquivos), em iconografia (pinturas e fotografias) e a grande maioria das publicações sobre o assunto envolvem descrições e exemplos de exemplares europeus;
- Apesar dos estudos de peças europeias, os trajes usados no Brasil eram 1) de estrangeiros que vieram para o Brasil e, portanto, trajavam as roupas europeias ou 2) copiados dos exemplares europeus, muitas vezes com certo atraso em relação ao tempo.

⁴ O daguerreótipo (em francês: *daguerreotype*) foi o primeiro processo fotográfico a ser anunciado e comercializado ao grande público.

Desta forma, entende-se que este segundo recorte não invalida a aplicação deste estudo na compreensão e reconstrução de trajes brasileiros.

Esta pesquisa traz como contribuição um aprofundamento no estudo dessa peça que, a partir desse período, se tornou central na vestimenta masculina. Tendo como ponto de partida esse estudo, podem ser geradas novas pesquisas relacionadas que poderão ampliar o mapeamento da história da camisaria. Este estudo vem, então, convergir à linha de pesquisa “Projeto de Têxtil e Moda”, do Programa de Mestrado em Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo (USP).

O principal objetivo com o presente trabalho é mapear elementos construtivos e de materiais da camisa do homem europeu, entre os séculos XVI e XIX, identificáveis por meio de uma linha do tempo, utilizando-se um estudo de peças do período, registros iconográficos e escritos.

Como objetivos secundários, propõe-se neste trabalho:

- Identificar quais elementos parecem caracterizar transformações significativas ocorridas nas camisas masculinas, e sua modelagem e construção na Europa, entre os séculos XVI e XIX, a partir da bibliografia especializada;
- Identificar os elementos que parecem caracterizar transformações significativas ocorridas nas camisas masculinas, e sua modelagem e construção na Europa, entre os séculos XVI e XIX, a partir de acervos de museus de trajes históricos;
- Identificar as camisas masculinas, e sua modelagem e construção na Europa, entre os séculos XVI e XIX, a partir de manuais técnicos relativos ao período;
- Identificar, por meio de uma linha do tempo, a trajetória dessa categoria de traje no período estudado, destacando suas principais características construtiva e de modelagem;
- Identificar os principais elementos para se propor recriações de camisas masculinas.

1.1 Método

Para a definição do método de pesquisa, foram aplicados os conceitos apresentados por Antônio Carlos Gil (2008) e pela disciplina de Metodologia de Pesquisa em Design, de Claudio Portugal do Nascimento (2018). O modelo de pesquisa aqui adotado é o qualitativo, realizando-se uma análise com base na observação de registros iconográficos e interpretação de registros escritos, sendo necessária a consideração da experiência prévia da autora, com a interpretação de registros imagéticos e descritivos de peças de vestuário, modelagem, diagramas, desenhos técnicos, tecidos, aviamentos e elementos decorativos. A modalidade do estudo é histórica, quanto à natureza, a pesquisa é teórica e propositiva, considerando que consiste em uma análise desses registros e, também, da proposição de reprodução de representações de vestuários históricos.

A pesquisa tem como recorte temporal os séculos XVI ao XIX, sendo o século XIX o mais rico em informações e peças museológicas disponíveis, portanto, foi dado um aprofundamento maior nesse período em relação aos demais. O século XIX foi subdividido em quatro partes, adaptando a divisão do século realizada por Cunnington e Cunnington (1951) e Boucher (1987) em 4 (quatro) períodos proporcionais. Cunnington e Cunnington (1951) analisam o século XIX em 7 (sete) partes: de 1791 a 1820, de 1821 a 1840, de 1841 a 1856, de 1857 a 1866, de 1867 a 1882, de 1883 a 1896, e de 1897 a 1908. Já Boucher (1951) divide o século em 4 (quatro) partes: de 1789 a 1815, de 1815 a 1850, de 1850 a 1868 e de 1868 a 1914.

Entendeu-se que, para o presente trabalho, o século XIX deveria ser dividido, então, em quatro períodos, a saber: 1) de 1791 a 1820; 2) de 1821 a 1850; 3) de 1851 a 1882; e 4) de 1883 a 1908. Dessa forma, mantivemos os períodos (1) e (4) conforme Cunnington e Cunnington (1951), sendo que o período (4) é uma junção dos dois últimos períodos. Os períodos (2) e (3) foram definidos mesclando com a periodização de Boucher (1951). Convencionou-se a divisão dessa forma visando privilegiar a fração temporal feita por Cunnington e Cunnington (1951), porém agrupando em quatro partes de século em vez de sete, a fim de tornar a pesquisa exequível, compatibilizando a periodização de Cunnington e Cunnington (1951) com o restante da bibliografia. Essa adaptação foi realizada considerando que, utilizando-se a divisão de Cunnington e Cunnington (1951) em sete partes, seria difícil identificar nas demais

fontes em qual período delimitar diversos registros históricos e iconográficos com datações amplas.

Quanto ao recorte geográfico, a presente pesquisa possui o enfoque nos registros de camisas europeias.

Foram realizadas pesquisas bibliográficas na literatura tradicional e em artigos acadêmicos que abordam a história da camisaria e sua utilização entre os séculos XVI e XIX na Europa, além da pesquisa de peças de estudo disponíveis em museus nacionais e internacionais, que pertencem ao período de recorte da pesquisa. A respeito das peças disponíveis em acervos de museus, analisadas nesta pesquisa, foi estruturada a legenda das figuras a fim de facilitar a compreensão das informações pelo leitor da seguinte forma: descrição da peça do museu (local de origem da peça), datada em [data ou período informado pelo museu], nome do museu, país do museu, número de registro do acervo do museu.

Em relação a estudos específicos da camisa masculina, pode-se dizer que a obra de Cunnington e Cunnington (1951) "*The History Of Underclothes*", que se trata de um mapeamento histórico das roupas interiores, é a mais especializada na camisa masculina nos períodos pesquisados, visto que essa peça era fundamental na composição da roupa interior. Outras obras de Cunnington e Cunnington, citadas ao longo da pesquisa, abordam todo o vestuário masculino nesses séculos. Contudo, considera-se, ainda, essas obras muito completas no que diz respeito às características da camisa masculina nos períodos estudados, por essa razão, esses autores são citados em muitos locais do presente trabalho.

Realizado o levantamento bibliográfico e museológico, foram identificadas as características mais relevantes das peças de cada período, incluindo medidas (quando possível), além de aspectos relativos à modelagem e construção, para garantir a fidelidade na reprodução propositiva das camisas. Essa identificação e análise é realizada comparando-se as descrições encontradas na bibliografia disponível (BOEHN, 1951; CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951; KÖHLER, 1993; dentre outros) com as peças ainda disponíveis em museus (museu Victoria & Albert, Museus dos Biscainhos, dentre outros) do qual foram extraídas diversas informações para a elaboração desta pesquisa. Verificou-se que o século XVI carece de um volume de peças de museus que possam ser analisadas. Diante disso, buscou-se

complementar a visão dessa vestimenta no período a partir de retratos da época que destacavam a camisa masculina, mesmo que em parte. Dessa forma, para os períodos estudados, foram considerados, também, retratos que contribuam para a compreensão de como o traje era utilizado, em conjunto com os demais elementos de vestuário, disponíveis na bibliografia e nos museus supracitados. Os capítulos que analisam os séculos XVI ao XIX estão, portanto, estruturados da seguinte forma: 1) breve contexto histórico e social; 2) apresentação e análise dos registros iconográficos, descritivos e das peças de museus em ordem cronológica; 3) apresentação e análise de ilustrações do período, quando houver; 4) apresentação e análise da literatura técnica de modelagem do período; e 5) obras relevantes para o tema, tratadas como obras complementares.

É importante mencionar que foram feitas diferenciações entre dois tipos de mudanças na camisa: “variações de modelo” e “variações estruturais”. Considerou-se como “variações de modelo” as mudanças na camisa que foram consideradas superficiais ou passageiras, ocorrendo por uma questão de “modismos”. Já as “variações estruturais” foram apontadas quando as características de estrutura de modelagem da camisa sofreram alterações que prevaleceram com o passar do tempo. Sendo assim, as variações estruturais, geralmente, ocorreram com o aperfeiçoamento da técnica de modelagem, na busca da adequação do produto às questões ergonômicas, como, por exemplo, a mudança da cava da manga do formato reto para o formato curvo.

A partir das análises e levantamentos realizados até essa etapa, foram recriadas digitalmente em 3D (três dimensões) o total de 9 (nove) camisas, que foram consideradas como representativas da trajetória da peça ao longo dos períodos estudados. Para tal, foram desenvolvidas as modelagens de cada camisa em escala real, a partir de diagramas disponíveis na bibliografia técnica de cada período. As modelagens em 2D (duas dimensões) foram elaboradas pela pesquisadora em software de CAD (*Computer Aided Design*) e enviadas para uma empresa terceira, especializada em design digital 3D, chamada Studio Acci⁵. A empresa terceira desenvolveu as camisas digitalmente, usando o software CLO Virtual Fashion⁶, a

⁵ Site oficial da empresa: <https://www.studioacci.com.br>

⁶ Site oficial do software 3D CLO Virtual Fashion: <https://www.clo3d.com>

partir de três conjuntos de informação, para cada camisa: 1) todos os moldes necessários para a montagem das camisas, 2) instruções sobre a união das partes e sobre as costuras de acabamento e 3) informações sobre o material têxtil mais adequado para o modelo digital, bem como texturas e bordados. Por exemplo: a etapa de passar a ferro é aplicada no sistema 3D com uma ferramenta que simula o efeito do ferro de passar sobre o tecido. As camisas foram recriadas com efeito de tecido de linho ou algodão em diferentes gramaturas, botões de madrepérola ou de osso e pespontos finos. Todas essas informações visam obter a maior fidelidade possível aos modelos referenciais selecionados para recriação digital. Uma versão prévia de cada camisa foi avaliada pela pesquisadora e, após a sua aprovação, as peças digitais passaram por um processo de renderização⁷. Com essa e outras ferramentas, a tecnologia atual permite reprodução visual, muito fiel, da prototipagem de uma peça de roupa em tecido. Para cada camisa selecionada, foi documentado o processo de definição da sua possível modelagem e o resultado da sua recriação digital em 3D. Buscar-se-á a realização de uma exposição para mostrar essa narrativa com o acervo confeccionado e devidamente catalogado.

Nos apontamentos finais foram explanados os resultados quanto ao alcance dos objetivos traçados. Foram apontadas as limitações do estudo, as contribuições verificadas com a pesquisa e a proposição para trabalhos futuros.

A estrutura segue a definição disponível no subitem *Estrutura Metodológica de Pesquisa*, que foi elaborada a partir do problema fundamental e os subproblemas, desenvolvida a partir das notas de aulas da disciplina de Metodologia de Pesquisa em Design (NASCIMENTO, 2018).

1.1.1 Estrutura Metodológica de Pesquisa

A Figura 1 mostra o problema fundamental da pesquisa, os subproblemas decorrentes, bem como (A) os dados que foram coletados, (B) as fontes de coleta dos dados e (C) o método de coleta, para cada subproblema.

Para o subproblema 1, foram priorizados os dados encontrados em fotografias e descrições de peças disponíveis em acervos de museus a partir dos sites dos

⁷ Renderização (*rendering*) é o processo que permite obter imagens digitais resultantes de modelos bidimensionais ou tridimensionais, por meio de softwares específicos, com suas características mais detalhadas, como materiais, luzes, dentre outras.

próprios museus. Para o subproblema 2, foram obtidas informações na bibliografia especializada em trajes históricos e roupas brancas (interiores) a partir da consulta a essas fontes bibliográficas. Finalmente, para o subproblema 3 foram utilizadas as análises e conclusões obtidas dos subproblemas 1 e 2 para a proposta de recriação digital em 3D das camisas representativas dos séculos XVI ao XIX.

Figura 1 - Estrutura metodológica da pesquisa

Fonte: Elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira com base na disciplina de Metodologia de Pesquisa em Design, de Claudio Portugal do Nascimento (2018), 2020.

2 A TRAJETÓRIA DA CAMISA MASCULINA: DO SÉCULO XVI AO XVIII

John de Greef, em seu livro *Les origines de la chemise* (1989), resgata a intimidade que o homem tem com a camisa, por meio de ditados populares em diferentes países. Nos Estados Unidos, “*To keep one’s shirt on*” (“manter a camisa”⁸) significa “manter a paciência”, e “*To loose one’s shirt*” (“perder a camisa”) significa “perder tudo”. Em italiano, “*Esser nato con la camice*” (“nascer com a camisa”) expressa uma sorte predestinada. Em alemão, “*Das Hemd ist näher als der Rock*” (“a camisa toca a pele mais do que o casaco”) significa que a família vem antes das demais pessoas. Para Greef (1989), além da camisa ser algo tão próximo e íntimo, ao ponto desse item ser utilizado nas expressões supracitadas, e em outras expressões em diversas partes do mundo, o autor também interpreta a camisa como um símbolo de dignidade para o homem. Um exemplo é a representação da cena bíblica do retorno do filho pródigo à casa do seu pai (Figura 2), em que sua dignidade é restaurada simbolicamente ao trocar a sua camisa rasgada por uma nova, entregue pelos servos de seu pai.

Figura 2 – O Retorno do Filho Pródigo, óleo sobre tela, 1619, Giovanni Francesco Barbieri, gen. Il Guercino.

Fonte: Kunsthistorisches Museum (2020).

Waugh (1964) afirma que, enquanto os acessórios e adereços da vestimenta estão em constante mudança, a construção básica da silhueta muda com uma

⁸ Todas as vezes em que houver uma tradução, e não for especificada a fonte em português, considerar como tradução da autora.

velocidade muito menor e, por isso, reflete melhor o período em que é utilizada. Apesar de isso ser verdade para todo o vestuário, de uma forma geral, Cunnington e Cunnington (1951) entendem que a camisa é a roupa interior, vestida por ambos os sexos, mais antiga que se conhece, preservada por mais tempo do que qualquer outra, tanto no seu nome original, quanto em seu design estrutural. A afirmação de Cunnington e Cunnington é corroborada por Giles (1887), que remete à origem dessa peça do vestuário às túnicas utilizadas pelos romanos, tanto a túnica longa quanto a túnica curta, sendo a túnica curta muito similar ainda à camisa masculina utilizada, durante o século XIX, pelo homem europeu. Dessa forma, para facilitar a compreensão do texto, ao longo desta pesquisa, utiliza-se a expressão “camisa” para descrever tanto camisas, quanto túnicas, quanto batas, considerando que a finalidade e a estrutura dessas peças são muito próximas.

De acordo com o dicionário francês de 1690, organizado por Antoine Furetière, a palavra “camisa” palavra origina-se de *camisia* e esta significação foi atribuída pelos Latinos, estando presente na Lei Sállica. Por conseguinte, “camisa” se origina de *cama*, palavra estrangeira que significa leito. Na Espanha, usa-se as camisas quando se deita no leito para dormir (FURETIÈRE, 1690). Segundo Fairholt (1896), o *sherte* ou *camise* era a parte do vestuário usado próximo da pele, sem distinção de termo para os sexos (FAIRHOLT, 1896).

É importante ressaltar que, até o século XIX, o vestuário de linho por baixo da roupa exterior tinha uma função de higiene, o que dificulta a localização e posterior manutenção dessas camisas para conservação e estudo em museus. Ao longo dos séculos XVI, XVII e meados do XVIII, homens e mulheres, mesmo de alto escalão, eram, geralmente, pouco asseados. De acordo com Cunnington e Cunnington (1951), babados de renda requintados não escondiam inteiramente as mãos e as unhas sujas, e a moda de roupas de baixo pesadamente perfumadas distraía imperfeitamente a atenção de odores menos agradáveis. Segundo registros dessa época, roupas de seda e de linho, próximas à pele, eram menos propensas a abrigar piolhos do que o uso de lã, o que não se tornou comum em roupas íntimas até a limpeza física se tornar um hábito (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

A partir dos recortes estabelecidos no capítulo introdutório desta pesquisa, no presente capítulo são vistas as principais bibliografias e iconografias sobre a camisa masculina europeia entre os séculos XVI e XVIII. Na medida do possível, foram

identificados exemplares de museus, que contribuíram para elucidar a construção dessa peça, apesar da dificuldade de conservação desse item por um longo período. Como afirma Waugh: “infelizmente, vestuários antigos são raros e difíceis de se colocar em uma ordem cronológica, sendo apenas a partir do século XVII que existem itens suficientes para dar a autenticidade necessária à evolução do corte” (1964, p.11, tradução nossa). Considerando que esta pesquisa foi realizada mais de cinco décadas após a publicação de Waugh (1964), entende-se que foi possível explorar de forma mais ampla os recursos disponíveis atualmente para identificar um número relevante de camisas em acervos de museus e bibliografias que descrevem essa peça desde o século XVI. No entanto, entende-se que entre os séculos XVI e XVIII não é possível identificar uma trajetória da modelagem do corpo da camisa em uma linha do tempo dentro de cada século, o que se deve tanto por uma lenta mudança no vestuário, nesses períodos, quanto por uma baixa exposição da peça no traje exterior. Também há que se considerar a grande fragmentação territorial da Europa, o que ocasionava uma baixa capacidade dos diferentes países de influenciarem a moda um dos outros com relevância, cenário que passa a mudar principalmente a partir do século XIX.

Nas seguintes seções serão tratados os séculos XVI, XVII e XVIII. O século XIX está em um capítulo à parte, por ser um período que possibilita um maior aprofundamento, seja pela tecnologia da fotografia, que já estava à disposição, seja pela maior disponibilidade de peças em museus.

2.1 Século XVI

O XVI é considerado um século crucial, durante o qual o modo de vida dos próximos 350 anos foi estabelecido, de novas liberdades e de consolidação do poder. Dentre os grandes feitos, pode-se citar as conquistas da África, do Novo Mundo, a liberdade religiosa e intelectual da Reforma e o aumento da alfabetização que foram auxiliados pela invenção da imprensa. Tudo isso contribuiu para transformar a sociedade europeia durante esse século (DAVENPORT, 1948).

A prosperidade de nações como Espanha, Portugal e Inglaterra não foram acompanhadas pela prosperidade do seu povo. Ao longo do século, as diferenças sociais se intensificaram, a inflação avançou e a emigração da indústria não foi

desencorajada, enfraquecendo esses países economicamente ao final desse período (DAVENPORT, 1948).

Esse novo cenário econômico emerge tendo como pano de fundo o renascentismo, que possibilita à presente pesquisa o acesso a retratos de diversos homens e suas vestimentas. As influências italianas do final do século XV são substituídas no início do século XVI pelas modas suíças-alemãs. Essas, por sua vez, dão lugar aos estilos espanhóis, na metade do século. O corte amplo e quadrado do traje suíço-alemão influenciou as vestimentas masculinas, em particular, e invadiu até luvas e sapatos (DAVENPORT, 1948).

A partir dos registros iconográficos do século XVI, bem como dos poucos exemplares de peças originais, ainda existentes, foi possível identificar as principais características das camisas. A abertura do pescoço da camisa costumava ser amarrada, embora existam evidências de que, a partir de meados do século XIV, às vezes, era usado um botão, como pode ser visto na obra *A Adoração dos Pastores*, de Hugo van der Goes (1475), disponível na Figura 3. A abertura do pescoço estava geralmente na frente; alguns, no entanto, parecem ter sido presos por trás (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Figura 3 – (a) *A Adoração dos Pastores* - Portinari Altarpiece, óleo sobre tela, c.1477-78, Hugo Van der Goes, nº de registro 1890, nos. 3191-3192-3193; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Le Galleria degli Uffizi (2019); (b) destaque nosso.

Kelly e Schwabe (1925) apresentam o vestuário francês, do século XVI ao XVIII, em textos e ilustrações. Os autores apontam que no início do século XVI, a camisa começa a ser mais evidente e, à medida que é mais exposta, passa a ser frequentemente mais decorada. Pode ser encontrada finamente bordada nas bordas, em fios de ouro ou sedas coloridas (principalmente pretas e vermelhas). Seu corte é muito amplo, reunido em estreitos franzidos nos punhos e no pescoço, como mostra a Figura 4. Quando o gibão⁹ é usado muito curto, a camisa aparece ligeiramente entre as peças de roupa de cima e de baixo. Além disso, a camisa pode aparecer na frente, do pescoço à cintura, e pode aparecer ligeiramente nos punhos (KELLY; SCHWABE, 1925).

Figura 4 – Ilustração do vestuário masculino entre 1490 e 1510.

Fonte: Kelly e Schwabe (1925, p.7).

Cunnington (1954) detalha o vestuário inglês desse período, vê-se que, entre 1490 e 1520, a camisa poderia ter uma abertura profunda em forma de “V” ou “U” até a cintura na frente, com uma curva baixa em volta da nuca. A abertura frontal era, geralmente, fechada apenas na cintura, por meio de um gancho ou nó e, algumas vezes, era amarrada com tiras na gola (CUNNINGTON, 1954).

⁹ Ver GLOSSÁRIO.

A camisa de linho da Figura 5 remete a esse estilo descrito por Cunnington. Bordada com fios de seda e de metal, a peça é originária da Itália e datada do século XVI, atualmente disponível no acervo do Metropolitan Museum of Art (MET), em Nova York (EUA). Apesar da escassez de mais informações por parte do museu sobre esse item, é possível observar o corte do corpo reto nas laterais, em formato retangular, provavelmente cortado de ourela¹⁰ a ourela, franzindo o excesso de tecido junto à gola, como é possível perceber ao aproximar a foto. As mangas são amplas e franzidas junto ao punho. Na fotografia não é possível observar como era o fechamento da gola, que pode ter sido por amarração, por exemplo.

Figura 5 - Camisa de linho, seda e bordada com metal (Itália), datada do século XVI, The Metropolitan Museum of Art, Estados Unidos, nº de registro 10.124.2.

(a)

(b)

Fonte: (a) The Metropolitan Museum of Art (2018a); (b) detalhe nosso.

Além da opção descrita por Cunnington (1954), do decote da camisa, também era utilizado até 1540, na Inglaterra, a camisa sem colarinho em um destes dois estilos: (a) decote quadrado e baixo (Figura 6), mas aumentando gradativamente e,

¹⁰ Ver GLOSSÁRIO.

em alguns casos, se tornando oval entre 1500 e 1536, ou (b) gola justa em volta do pescoço entre 1530 e 1540 (CUNNINGTON, 1954).

Figura 6 - Gibão com decote quadrado, e camisa decotada visível acima do gibão, 1517, ilustração.

Fonte: Cunningham, 1954.

A Figura 7 é um retrato de Giovanni Bellini, em que se pode observar como a veste se tornou fechada, percebendo-se acima da gola uma finíssima tira da camisa. A camisa masculina, até cerca de 1510, tinha decote baixo, exceto no período de 1430 a 1450, quando, devido a tendências da moda, adquiria uma gola vertical alta o suficiente para mostrar, na frente, acima da borda da peça de roupa. As camisas eram geralmente feitas de cambraia ou de *holland*¹¹ (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

¹¹ Ver GLOSSÁRIO.

Figura 7 - Portrait of a Young Man, óleo sobre tela, início séc. XVI, Giovanni Bellini, nº de registro: RCIN 405761.

Fonte: Royal Collection Trust (2019).

No século XVI, o decote da camisa sobe, assume uma gola e delicados laços de cordão; o colarinho se eleva, se dobra e assume uma borda plissada, a partir da qual o rufo¹² elisabetano se desenvolverá (DAVENPORT, 1948). Essa característica pode ser visualizada na Figura 8, que é o retrato de um jovem homem segurando uma de suas luvas, apoiado em um bloco de mármore, vestindo um gibão preto e uma camisa branca plissada, com um colarinho preso no pescoço por algum tipo de fechamento. A identidade do jovem ainda não foi comprovada. A elegância de sua aparência, particularmente os toques refinados das luvas de couro e os cabelos cuidadosamente penteados, sugerem que ele era um aristocrata com cerca de dezoito ou vinte anos, que era um seguidor ávido da moda na Veneza de seus dias (MUSÉE DU LOUVRE, 2019a).

¹² Ver GLOSSÁRIO

Figura 8 – (a) Man with a Glove, óleo sobre tela, 1520, Tiziano Vecellio, nº de registro: INV. 757. (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Musée du Louvre (2019a); (b) destaque nosso.

A camisa medieval era feita de lã, linho, ou cânhamo e, ocasionalmente, para os mais ricos, seda. No século XV, as "camisas de pano" eram às vezes usadas entre a camisa de linho e o gibão. A partir do século XVI, o tecido mais comumente utilizado é o linho (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Mudanças importantes foram feitas na linha do pescoço durante o período. A partir de 1510, um pequeno babado foi adicionado ao decote; mas, depois de 1525, o decote foi cortado alto e acabado com uma faixa larga e justa ao redor do pescoço. Essa faixa foi costurada a um pequeno colarinho virado para baixo, ou então a um pequeno friso. A abertura frontal teria o fechamento com cordões ou botões (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Na Figura 9, vê-se o retrato de um homem com uma camisa com fechamento em amarração com uma gola que, sendo mais larga, e de tecido muito fino, se dobra sobre o casaco.

Figura 9 – (a) Portrait of a Man, óleo sobre tela, ca. 1520–25, Moretto da Brescia (Alessandro Bonvicino), nº de registro: 28.79; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) The Metropolitan Museum of Art (2018b); (b) destaque nosso.

Na Inglaterra, em 1525, a camisa era geralmente decotada e recebia por acabamento uma faixa ao redor do pescoço (CUNNINGTON, 1954). Esse detalhe é visível na Figura 10, em um retrato pintado por Barthel Beham, na Alemanha, em 1527. O homem retratado, Leonhard von Eck, foi o chanceler de William IV e um poderoso oponente da Reforma (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 2020a).

Figura 10 – (a) Chancellor Leonhard von Eck (1480–1550), óleo em abeto, 1527, Barthel Beham, nº de registro: 12.194; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) The Metropolitan Museum of Art (2020a); (b) destaque nosso.

Os franzidos da manga da camisa começaram a aparecer por baixo da manga do gibão, nos punhos, na década de 1530 (CUNNINGTON, 1954). Esse detalhe é percebido na Figura 11, o retrato de François I, rei da França de 1515 a 1547. Sua camisa e gibão são decotados, valorizando os ombros, como se utilizava na Inglaterra até 1540. Além dos franzidos das mangas aparecerem sob os punhos do gibão, o volume de tecido das mangas da camisa aparece por entre os recortes das mangas.

Figura 11 - Portrait of François I, King of France (1494-1547), óleo sobre tela, c.1530, Jean Clouet, nº de registro: Inv. 3256.

Fonte: Musée du Louvre (2019b).

Em 1530, a camisa do homem inglês poderia ter um colarinho ereto com gola virada para baixo. A gola vertical aumentou de altura, assim como o gibão. Bordados em linha escura ou a utilização de sedas coloridas na gola e nos punhos das camisas eram muito comuns (CUNNINGTON, 1954). De acordo com Quicherat (1875), a faixa no pescoço da camisa teria evoluído para o colarinho por volta de 1540.

A mudança gradual que marcou a camisa, durante a primeira metade do século XVI, tem um viés psicológico. A princípio, a frente com o decote na horizontal, expondo a parte superior do peito, que enfatizava a largura dos ombros e sua ampla masculinidade, era útil para a conotação de atração sexual. Gradualmente, o decote subiu, a ênfase nos ombros diminuiu e, com o aumento da constrição ao redor do pescoço, surgiram diversas variações de golas e colarinhos, os quais sobreviveram até os dias modernos (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

A Figura 12 é um retrato do rei Henrique VIII, realizado entre 1530 e 1540, por uma oficina anglo-holandesa, localizada na Inglaterra. É um dos diversos retratos de Henrique VIII, que eram muito comuns no período e, também, muito similares, apenas

com variações na sua vestimenta e na posição das mãos (ART GALLERY NSW, 2019). Nessa versão, adquirida pela Art Gallery NSW em 1961, pode-se observar o grande franzido presente na gola, aqui totalmente fechada, com seus adornos dourados em volta do decote e da abertura frontal da blusa. Os rufos das mangas aparecem sob o pesado casaco, finos como uma cambraia, mas também expressivos em volume.

Figura 12 - Retrato do rei Henry VIII, Inglaterra, c.1535-1540, Anglo-Netherlandish workshop, nº de registro OB4.1962.

Fonte: Art Gallery NSW (2019).

As fontes museológicas permitem analisar as camisas que permaneceram preservadas ao longo dos séculos. Porém, naturalmente as peças do século XVI, que se encontram mais bem preservadas, são aquelas destinadas a usos em ocasiões especiais e de classes mais altas, portanto, mais adornadas. Encontra-se, na Figura 13, uma camisa de linho branco bordada com fios de seda azul na gola e punhos, que ficavam expostos. Essa peça do acervo do museu Victoria & Albert possui uma modelagem típica desses modelos na época, em que as camisas eram cortadas de

ourela a ourela, aproveitando toda a largura do tecido, por isso eram muito amplas e muito franzidas na região da gola e punhos (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018a).

As duas aberturas laterais, uma característica marcante da camisa masculina, a partir do século XVI, não eram vistas na camisa medieval. Quando presentes, a frente e as costas tinham o mesmo comprimento. Às vezes, as aberturas não estavam exatamente nas costuras laterais, permitindo que a frente da camisa fosse mais estreita do que as costas. Em alguns exemplares, havia também uma “fenda” no centro da frente (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Figura 13 - Camisa de linho bordada em seda - vestida em manequim (Inglaterra), datada de c.1540, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.112-1972.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018a).

Quanto ao corte da camisa nessa época, é possível observar, na Figura 14, como o corpo é cortado inteiramente reto e as mangas, cortadas como retângulos, sem nenhuma curva anatômica nas cavas. Esse tipo de corte irá perdurar até o século XIX. Suas costuras são decoradas com bordado de linha em ponto cruz, especialmente nas cavas. De acordo com o museu, gola e punhos foram bordados em linha colorida, bem como as costuras laterais da peça (VICTORIA & ALBERT

MUSEUM, 2018a). Segundo a descrição do próprio museu, o corpo principal da camisa é feito de dois painéis planos cortados ao longo da largura do tecido com as ourelas, que formam a bainha. Uma seção, de nove polegadas de comprimento e quatro polegadas de largura, é cortada a partir do topo de cada lado para tirar as mangas, que são quase quadradas. Embaixo das mangas é possível observar um pequeno triângulo, o taco¹³. Esse taco é formado a partir da metade de um quadrado, cortado ao meio pela diagonal. A frente da camisa é aberta por cerca de dez polegadas e é presa por três pares de cordões de amarração trançados presos à faixa do pescoço. As 13,5 polegadas inferiores das costuras laterais são deixadas em aberto. As mangas retas e franzidas são firmemente reunidas em faixas de punho estreitas (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018a). A Figura 14b mostra, também, em outra camisa, o mesmo tipo de taco. Esse recurso de construção segue nas camisas até o século XIX, quando a cava das camisas sofre modificações, tornando-se curva. Esse fato é comprovado por estudos feitos em camisas do final do século XIX como, por exemplo, o trabalho de Waugh (1964).

Figura 14 – (a) Camisa de linho bordada em seda – frente (Inglaterra), datada de c.1540, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.112-1972; (b) Ilustração da camisa básica do século XVI, edição nossa.

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2018a); (b) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54).

¹³ Ver GLOSSÁRIO.

Como é possível observar na Figura 15, com fotos da mesma camisa mostrada na Figura 14, o bordado continua nas costuras das mangas e no corpo da camisa (ombro, por exemplo), mesmo que estas não sejam vistas. O babado do pescoço é decorado com motivos botânicos, e o mesmo bordado está presente no babado em volta dos punhos. As costuras do corpo da camisa são decoradas com minúsculos motivos renascentistas (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018a). Um segundo detalhe que se pode ressaltar, nessa camisa, é o estilo do franzido ou pregueado junto ao decote preso à gola, feito com pregas cartucho¹⁴: um franzido muito compacto, utilizado para franzir uma grande quantidade de tecido. Esse tipo de pregueado era sempre feito à mão. Quanto maiores eram os pontos, mais grossas seriam as pregas (MIKHAILA & MALCOLM-DAVIES, 2006).

Figura 15 – (a) Camisa de linho bordada com seda - detalhe da gola e punho (Inglaterra), datada de c.1540, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.112-1972; (b) detalhe da camisa da figura “a”; (c) Ilustração da elaboração de pregas cartucho, edição nossa.

(a)

(b)

(c)

Fonte: (a) e (b) Victoria & Albert Museum (2018a); (c) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.53).

Uma forma de uso dessas camisas adornadas pode ser vista na Figura 16, que é um retrato realizado por Hans Holbein (1498-1543), considerado um dos retratistas

¹⁴ Ver GLOSSÁRIO.

mais talentosos do século XVI pelo realismo e riqueza de detalhes que aplicava em suas obras (THE NATIONAL GALLERY, 2019). Na figura, é possível perceber que o conde retratado estaria utilizando uma camisa bordada com motivos botânicos na gola e punhos, que aparecem discretamente sob a roupa exterior.

Figura 16 - Retrato de Henry Howard, o conde de Surrey, c.1541-1543, Hans Holbein.

Fonte: The National Gallery (2019).

Uma nova fonte de documentação sobre vestuário e acessórios apareceu no século XVI, na forma de coleções de gravuras, a primeira delas datada de 1520. Quarenta ou mais foram publicadas antes de 1540, e seu número cresceu posteriormente, em particular, nos centros de Veneza e Paris e, em menor número, em Antuérpia e Frankfurt. Dentre os principais autores e artistas, pode-se citar François Desprez e Jost Amman. Essas ilustrações são considerados verdadeiros livros de vestuário, reunindo modelos variados de vestuário e acessórios, e representações do vestir de diversas nações da Europa. Dessa forma, atendem o

desejo dos pesquisadores de maior conhecimento do vestir desse período (BOUCHER, 1987, p.248).

A Figura 17 mostra uma ilustração de François Desprez, datada de 1565, de seu livro *Les Songes drolatiques de Pantagruel* (“Os sonhos bizarros¹⁵ de Pantagruel”, tradução nossa). Os personagens são meio humanos, meio bestas, mas aparecem todos trajados conforme a sua função. O personagem visto na figura veste uma camisa de colarinho baixo, franzida no decote.

Figura 17 - *Les Songes drolatiques de Pantagruel*, 1565, Paris, François Desprez, nº de registro: Res 3540.

Fonte: Les Bibliothèques Virtuelles Humanistes (2019, p.27).

¹⁵ A palavra *drolatique*, conforme dicionário francês-português, pode significar engraçado, curioso, bizarro, estranho ou cômico. Algo não habitual ou que sai do comum.

Uma das poucas ilustrações de Jost Amman, que foram localizadas, está na Figura 18, chamada de *The Miner* (O mineiro). Nela vemos um homem vestindo seu gibão e, por baixo dele, uma camisa com gola ligeiramente dobrada.

Figura 18 – (a) *The Miner*, sem data, gravação em madeira, Jost Amman., sem número de registro; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Encyclopædia Britannica (2020a); (b) destaque nosso.

As modas rígidas e formais da Espanha começam a afetar todas as vestes europeias, a partir do primeiro terço do século XVI. A renda é introduzida na França através da Itália, em 1533, por Catarina de Medici, com isso, seu uso aumenta enormemente. A influência hispânica é percebida de 1545 a 1610, iniciando com cores escuras nos trajes, que se tornam mais claras e brilhantes no final do século. Nesse período, trajes masculinos parecem afeminados, à medida que as roupas femininas se tornam mais masculinas (DAVENPORT, 1948).

A orla franzida da gola virada para baixo é elaborada em muitas formas de babados pregueados, engomados e aramados, que tendem a cair em desuso, novamente, no primeiro quarto do século XVII, combinando com os babados dos punhos (DAVENPORT, 1948).

A Figura 19 mostra o retrato de um cavalheiro com a gola que sugere o princípio do rufo. Embora tenha a sua identidade desconhecida, seu vestir e porte demonstram que ele era um indivíduo de riqueza e distinção, segundo a descrição do museu. A inclusão de um cão de caça era bastante comum em retratos de aristocratas, e as correntes de ouro são um sinal habitual de honra. A sugestão de uma identificação militar é reforçada pelo gesto de suas mãos na cintura, e a pose era geralmente usada por Moro (autor da obra) em suas pinturas de aristocratas, em oposição às poses mais informais que ele usava ao retratar sujeitos da classe média (NATIONAL GALLERY OF ART, 2020a).

Figura 19 – (a) Portrait of a Gentleman, óleo sobre tela, 1569, Antonio Moro, nº de registro: 1937.1.52; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) National Gallery of Art (2020a); (b) destaque nosso.

Um segundo exemplo da transição da gola para o rufo, pode ser visto na Figura 20, de cerca de 1575. De acordo com o museu, é um retrato de Robert Dudley, primeiro conde de Leicester, que viveu entre 1532 (ou 1533) até 1588, cortesão e magnata, favorito de Elizabeth I. Leicester é mostrado aqui em um traje vermelho

brilhante, com o emblema de uma ordem à qual pertencia. Esta foto provavelmente era um retrato de corpo inteiro e foi cortada (NATIONAL PORTRAIT GALLERY, 2020).

Figura 20 – (a) Robert Dudley, 1st Earl of Leicester, óleo sobre painel, c.1575, Inglaterra, artista desconhecido, nº de registro: NPG 447; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) National Portrait Gallery (2020); (b) destaque nosso.

O rufo, que apareceu inicialmente como uma dobra da gola que passa a ficar mais alta, começa a tomar corpo e a ter um destaque importante no vestuário masculino. Um decreto de 1562 limita sua largura a quinze centímetros de cada lado da face. Depois, aumenta rapidamente, atingindo seu tamanho máximo em 1585 (BOUCHER, 1987). A Figura 21 mostra um exemplo da proporção que o rufo tomou no final do século.

Figura 21 – (a) Young man among roses, aquarela em pergaminho colada em cartão, ca. 1587, Inglaterra, Nicholas Hilliard, nº de registro: P.163-1910; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2020a); (b) destaque nosso.

Giles (1887) menciona o grande interesse no vestuário do período elizabetano (1558-1603), e aponta a Figura 22 como um ótimo espécime do vestuário do homem nobre nesse período. Ele usa um imenso rufo, um gibão ricamente ornamentado e cheio, acolchoado ou estofado, e aparentemente feito de rica seda preta. O gibão é repleto de pequenos cortes, que em composição com o grande corte nos braços, mostra o forro de renda estampada (GILES, 1887).

Figura 22 – Full length portrait of Sir William Russel, ilustração, c.1558-1603.

Fonte: Giles (1887, p.46).

Em relação aos registros de traçados de modelagem, que possam auxiliar em uma melhor compreensão da construção das camisas masculinas nesse período, são escassos os registros encontrados. Há de se considerar o fator tempo, que limita localização de registros conservados e disponíveis para consulta, mas também o fator cultural, visto que, nos anos 1500s, não era comum que o alfaiate revelasse suas técnicas, sendo uma profissão quase que exclusivamente transmitida oralmente.

Segundo Waugh (1964), desde a era medieval, era prática comum dos alfaiates o corte do tecido a partir de moldes. No entanto, os raros livros mais antigos de alfaiataria fornecem apenas algumas poucas modelagens e tinham o principal propósito de mostrar como aproveitar ao máximo as diferentes larguras de tecido, sem variações de estilo e sem instruções técnicas. Um exemplo é o livro do alfaiate

espanhol Juan de Alcega, com sua obra *Libro de Geometría, Práctica y Traça*, publicada em Madrid (Espanha) em 1580. Duas das páginas desse livro são mostradas na Figura 23. Essa obra é considerada o primeiro tratado de alfaiataria espanhol e abriu o caminho para outras publicações desse tipo no final do século XVI e no início do século XVII. Em sua dedicatória a um teólogo chamado Tejada, Alcega descreve “este é meu pequeno trabalho, algo novo, até hoje não visto em nossa Espanha”. A utilidade deste trabalho foi confirmada por Hernán Gutiérrez, alfaiate da princesa de Portugal, e Juan López de Burgette, alfaiate do duque de Alba, que em 21 de agosto de 1579, após examinar o trabalho e o conhecimento do autor, considera que “o livro mencionado é muito bom, e útil para toda a república” e eles recomendam que o autor seja licenciado para que possa imprimi-lo e vendê-lo “a um preço justo”. O rei concedeu a licença em 13 de setembro de 1579 e o livro foi impresso em Madri em 1580 (BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA, 2019).

Figura 23 - Libro de geometría, práctica y patrones – lubon de feda com manga aberta (página 21) e ropa espanhola de feda (página 58), 1580, Espanha, Juan de Alcega, sem número de registro.

Fonte: Biblioteca Nacional de España (2019).

Na bibliografia pesquisada, o livro de Mikhaila e Malcolm-Davies (2006) é o único que mostra a modelagem da camisa masculina no século XVI. Os autores

elucidam, com muitos detalhes, a construção do vestuário do século XVI e se dispõem ao estudo das principais vestimentas utilizadas pela maioria das pessoas na Inglaterra de Tudor, do nascimento ao túmulo, a partir de documentações detalhadas de inventários e outras fontes. Nessa obra, a roupa íntima masculina é descrita como uma camisa longa, comprimento até pelo menos o meio da coxa, com as costuras laterais parcialmente abertas, para que a camisa pudesse ser enfiada entre as pernas (Figura 24). Uma camisa vestida assim, limpa todos os dias, tornaria as demais roupas interiores desnecessárias. Dessa forma, é natural que as camisas fossem confeccionadas para sobreviver a lavagens regulares, tendo costuras com pontos, às vezes, tão pequenos e juntos, que ficam invisíveis ao olho nu (MIKHAILA & MALCOLM-DAVIES, 2006).

Figura 24 – Camisas de linho bordadas (a) masculina, c.1580-1590 e (b) feminina, c.1610.

Fonte: Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.17).

Segundo os autores, a estrutura básica das camisas permaneceu praticamente inalterada ao longo do século, se constituindo de diversos retângulos, quadrados e triângulos (que poderiam ser quadrados dobrados ou cortados ao meio), como se pode ver na Figura 25. A largura da camisa era determinada pela largura do tecido. As demais partes da modelagem, sem linhas curvas, cabiam quase que lado a lado, havendo pouquíssimo desperdício de tecido, quando as peças eram cortadas. As variações de estilo eram restritas ao decote e a gola, que mudavam conforme as características das vestimentas externas. As camisas de gola alta eram, geralmente, presas com cordões no pescoço e nos punhos. As evidências sugerem que as mangas das camisas da classe baixa, eram, às vezes, simplesmente finalizadas com uma bainha, sem serem presas a um punho (MIKHAILA & MALCOLM-DAVIES, 2006).

Figura 25 – Modelagem da Camisa Básica do século XVI.

Fonte: Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.56).

Em seu livro, Mikhaila & Malcolm-Davies (2006)¹⁶ descrevem as diversas variações que uma camisa poderia ter no século XVI quanto a golas, punhos e

¹⁶ As ilustrações de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006) são utilizadas ao longo desta pesquisa ao destacar a construção das peças em acervos de museus, utilizando-as como comparativo de elementos de construção e modelagem, como já visto na Figura 14.

aviamentos. Na Figura 26 pode-se ver um diagrama dos autores, que mostra diversas variações da camisa, a saber: (a) a camisa básica com gola, punhos e abertura frontal amarrados; (b) camisa (feminina) com gola, punhos e abertura frontal fechados por botões; (c) colarinho e punho com babado; (d) colarinho fechado por amarração; (e) colarinho com botão e aselha¹⁷; (f) colarinho com fechamento alamar¹⁸; (g) camisa (feminina) com gola e manga simples com bainha.

Figura 26 – Ilustrações de camisas do século XVI.

Fonte: Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54).

Mais informações sobre a construção da camisa apresentada na Figura 24 e da modelagem apresentada na Figura 25, foram dispostas no capítulo **5 A**

¹⁷ Ver GLOSSÁRIO

¹⁸ Ver GLOSSÁRIO

REcriação Digital das Camisas, em que esse modelo foi um dos selecionados para a recriação digital em 3D.

Nota-se na camisa do século XVI uma estrutura de modelagem ainda rudimentar quanto aos aspectos ergonômicos, considerando-se, inclusive, que a largura total da camisa era definida pela largura total do tecido. Não há mudanças significativas na modelagem estrutural da peça nesse século, havendo, apenas, variações de golas, punhos e elementos decorativos. Apesar de serem chamados de golas e punhos, os acabamentos na região do pescoço e nas extremidades das mangas ainda não são as golas e punhos conhecidas atualmente e que aparecerão, com maior intensidade, a partir do século XVIII. As curvas para adaptar a peça ao corpo do usuário só se mostrará presente na camisa a partir da segunda metade do século XIX. De certa forma, os tacos posicionados na manga (sob o braço) e no decote (na linha do ombro) auxiliam a adaptação da peça às curvas do corpo, ainda que mantendo formas retas. O excesso de volume de tecido é reduzido em alguns dos exemplares dos séculos XVII e XVIII, conforme será visto a seguir.

2.1.1 Informações sobre obras complementares

Outros títulos foram identificados, porém, não foi possível consultá-los para esta pesquisa. O primeiro de Ruppert (1973), intitulado “*The history of the art of cutting in England*” (“A história da arte do corte na Inglaterra”, tradução nossa), é citado por Waugh (1964). Não foi possível identificar o ano da primeira edição e Waugh não cita o ano da edição consultada para o seu livro, mas a de 1973 foi a localizada em pesquisa na internet. Possuindo 5 volumes, a obra de Ruppert consiste em livros finos ilustrados sobre o vestuário inglês do século XVI ao XIX.

Procurou-se, também, consultar o livro “*Pattern Cutting for Men's Costume*” (2008), da autora Elizabeth Friendship, que se propõe a ser um guia das modelagens de maior destaque do século XVI ao XIX, porém, ele não foi localizado nas bibliotecas em São Paulo. Entretanto, foi encontrada uma revisão sobre sua obra do Professor David Wilcox da Edinburgh College of Art (ECA)¹⁹ que sugere que a fidelidade histórica do referido livro pode estar comprometida:

¹⁹ David Wilcox ensina nos programas *Performance Costume* no Edinburgh College of Art (ECA), onde sua área de especialização é corte de modelagens históricas. Descrição disponível em: <https://www.eca.ed.ac.uk/profile/david-wilcox>.

Devo dizer também que, para aqueles interessados em roupas para encenação histórica, muitas dessas roupas têm linhas mais contemporâneas e mais retas. (...) essas sutilezas do vestuário de época foram eliminadas. Mas onde um traje menos rigoroso e historicamente flexível é necessário, por exemplo, o palco da ópera, então este livro tem valor (WILCOX, 2010, p.135-136, tradução nossa).

A tabela completa com os livros de diagramas, modelagens, ilustrações e registros descritivos consultados está disponível no APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS.

2.2 Século XVII

O século XVII foi marcado por transformações sociais lideradas pela Reforma e Contra Reforma da Igreja e pelo fortalecimento da realeza sobre o poder feudal. As guerras religiosas na Europa, travadas entre cerca de 1524 e 1648, expressavam interesses tanto religiosos, quanto políticos. O avanço do protestantismo incentivou o comércio e a indústria, levando ao surgimento de uma nova divisão entre capital e trabalho (DAVENPORT, 1948).

As diversas guerras, enfrentadas em vários países europeus, influenciaram a moda em diferentes momentos. Nesse contexto, o século XVII é considerado o século da França, por ser a menos prejudicada por conflitos religiosos e por sua crescente evolução sob o domínio cada vez mais absoluto dos reis Bourbon. Com suas finanças estabelecidas, agricultura e estradas melhoradas, a França teve sua indústria incentivada, especialmente a de luxo (DAVENPORT, 1948).

No entanto, apesar de ser considerado um século importante para a influência francesa no vestuário, os registros iconográficos e peças de acervos de museus pesquisados não são, especificamente, da França. Considerou-se nessa pesquisa que a influência no vestuário ocorreu de forma generalizada sendo, dessa forma, utilizadas registros iconográficos da Europa como um todo, que correspondiam ao período estudado.

Devido ao século XVII ser caracterizado por um vestuário que encobria o corpo da camisa, mas não suas golas e punhos, são esses os itens mais visíveis e alvo de registros iconográficos e bibliográficos. Poucas peças de museus confirmam que, basicamente, a estrutura e modelagem das camisas masculinas pouco mudou em

relação ao século anterior. Assim, conforme os registros bibliográficos e iconográficos, pode-se notar apenas as variações de golas e punhos.

Como será visto também em outros exemplos, a Figura 27 mostra como, no século XVII, a camisa passa a ter uma valorização nos materiais e detalhes empregados nessa peça. A pintura de Simon Vouet (Figura 27), executada, provavelmente, por volta de 1622 após o retorno do artista a Gênova é, de acordo com o museu, um registro importante desse período na obra do artista. A posição social elevada do sujeito e sua participação na hierarquia militar são sublinhados por seu vestido rico, provavelmente cerimonial. O jovem retratado também usa um rufo macio, do tipo que estava em voga durante as primeiras décadas do século XVII (DOROTHEUM, 2020).

Figura 27 – (a) Portrait of a Gentleman with his dog, 1590–1649, Paris, óleo sobre tela, Simon Vouet, sem número de registro; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Dorotheum (2020); (b) destaque nosso.

Segundo Köhler (1993), um dos primeiros itens do vestuário masculino a sofrer modificações foi o grande rufo da gola. Antes rígido, agora caía livremente nos ombros, na forma de duas ou três camadas sobrepostas, ou era substituído por uma

gola lisa ou bordada. Essa mesma gola poderia ser enrijecida com arame, ficando, então, erguida em volta do pescoço. Esses estilos de gola foram usados até cerca de 1630 (ibidem).

Confirmando essa informação, segundo o museu Victoria & Albert (2020), na década de 1620 o estilo de rufo mais comumente visto já não era mais o armado, mas o que caía em camadas, feito para cobrir a gola do gibão, jaqueta ou corpete usado por baixo. A Figura 28 mostra um exemplo de rufo feito de um linho fino, costurado por pontos tão finos que mal podem ser vistos a olho nu. As pregas muito estreitas são aplicadas nas camadas finas de linho e passadas a ferro. Era necessária uma grande habilidade para executar esse tipo de acabamento, aquecendo os ferros em um fogão à temperatura apenas quente o suficiente para suavizar o linho, mas não queimar (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2020b).

Figura 28 - Rufo de linho (Inglaterra), datado de 1620-1629, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: T.287-1916.

Fonte: Victoria & Albert Museum, (2020b).

Um segundo exemplo de rufo, visto na Figura 29, mostra a barra externa do rufo com renda e o acabamento interno com uma larga tira de tecido. (CUNNINGTON, 1963). Essa tira de tecido, provavelmente, ajudaria a manter o rufo preso à roupa.

Figura 29 – Rufo caído, visto sobre um plano, com amarração em cordões com tassel, d.1620-1630.

Fonte: Cunnington (1963, p.39).

A partir de, aproximadamente, 1630 a gola caída sobre os ombros se torna mais comum, como é o caso da Figura 30, um retrato pintado por Diego Rodríguez de Silva y Velázquez, em Madri, na Espanha. De acordo com o museu, Velázquez provavelmente fez esse retrato de seu assistente escravo em Roma, durante os primeiros meses de 1650 (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 2019a).

Figura 30 - Retrato Juan de Pareja, Espanha, c.1606-1670, Velázquez, nº de registro 1971.86.

Fonte: The Metropolitan Museum of Art (2019a).

Nesse período, o principal material utilizado nas camisas é o linho, variando em tipos diferentes de tecido como o *holland* fino, *holland* frizado, e para qualidades inferiores, um tipo de linho chamado “*lockeram*” – descrito em registros pessoais, como diários e registros contábeis, como um tecido para confeccionar camisas para os servos (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

No acervo do museu Victoria & Albert localizou-se o que está identificado como uma “gola caída” (tradução nossa) que, pela descrição, aparenta ser a gola caída típica desse período, que veio para substituir o rufo, pois usava menos tecido e era menos caro (Figura 31). É possível observar os detalhes da borda do colarinho caído, que possui um trabalho feito com recortes e bordado com linha branca. Esse trabalho era conhecido como “*whitework*” (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2020c).

Figura 31 - Colarinho caído (Inglaterra), datada de 1620-1630, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: 190-1900.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2020c, destaque nosso).

Com o iniciar do novo século, quase todos os países europeus começaram a abandonar os estilos espanhóis, em especial com o início da guerra dos Trinta anos. Esse foi um período de transição da moda espanhola para a moda francesa quando, a partir de 1650, a França passou a liderar a moda europeia, com exceção dos trajes

da corte, onde a moda espanhola continuou a prevalecer. Entretanto, mesmo ali era possível identificar a influência de novas ideias, com a antiga rigidez sendo eliminada aos poucos (KÖHLER, 1993).

No início do século, entrou em moda um tipo de gibão que podia ser abotoado apenas na parte superior e, na parte inferior, a camisa aparecia. Também as mangas do gibão podiam ser totalmente abertas na parte da frente ou “golpeadas” (com pequenos “rasgos”), revelando assim o volume bufante por entre as aberturas (BOUCHER, 1987).

Segundo Cunnington e Cunnington (1951), é nesse período que as roupas de baixo deixam de ser apenas utilitárias em sua função e passam a serem exploradas para indicar distinção de classe. A camisa masculina é, nesse período, uma parte integrante do vestuário visível do cavalheiro elegante (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

De acordo com Davenport (1948), até aproximadamente 1625, a manga superior do gibão poderia ser cortada, fechando embaixo do cotovelo. À medida que o gibão se altera a partir de 1625, sua manga fica mais justa e fechada. As aberturas frontais e traseiras do gibão eram fechadas com botões, podendo ser usadas abertas ou fechadas. Essa informação é corroborada por Arnold (2008), que complementa que as mangas das camisas eram confeccionadas muito volumosas, com um grande franzido na cabeça da manga, a fim de preencher a manga do gibão.

Em torno de 1640, um grande volume da camisa aparece abaixo da barra e pela frente aberta do gibão, que está mais justo ao corpo e nas mangas, exceto por uma abertura que revela a amplitude da manga da camisa. Nessa época, as golas de linho são tão largas que cobrem os ombros (DAVENPORT, 1948).

Pode-se visualizar a descrição de Davenport (1948) na Figura 32, uma gravura de Abraham Bosse (1602-1676) intitulada “Um lacaios com o conjunto de roupas de seu mestre” (tradução nossa). Segundo a autora, entre 1625 e 1650 as gravuras de Abraham Bosse (1602-1676) são apontadas como um conjunto de grandes documentos sobre o figurino francês. Suas ilustrações retratavam cenas do dia a dia e todo tipo de ocupação: salas de aula, estúdios de artistas, sapateiros, gravadores, operários e soldados. Nessa ilustração (Figura 32) a camisa branca é visível sob o gibão, na frente, no recorte das mangas, nos punhos dobrados para fora e na grande

gola que repousa sobre os ombros. Era necessário que a camisa possuísse volume de tecido para criar esse efeito de preenchimento sob o gibão, nas mangas e no corpo (DAVENPORT, 1948).

Figura 32 – (a) A Lackey with His Master's Set of Clothes, c.1633, França, gravura, Abraham Bosse, nº de registro: 44.953; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Museum of Fine Arts of Boston (2020a); (b) destaque nosso.

Após a morte de Henrique IV, rei da França de 1589 a 1610, se tornou comum o uso excessivo de ornamentos, uso de roupas cravejadas de pedras preciosas, camisas com golas e punhos bordados com ouro, prata, cordões ou renda, fossem verdadeiros ou imitação. Em 1633, reativou-se uma lei de 1629 que proibia o uso de tais roupas adornadas, com exceção de nobres e príncipes. Segundo o autor, uma lei que foi tão ineficaz quanto todas as anteriores (KÖHLER, 1993).

O estilo de gola com bordado de linha é encontrado em algumas pinturas do período, como por exemplo o retrato da Figura 33, de Henri II de Lorraine feito por Anthony van Dyck, cerca de 1634. Refletindo o auge da moda, Henri usa os cabelos compridos, que caem sobre a gola larga de renda adornada com um laço multicolorido. O mesmo estilo de bordado da gola aparece nos punhos, dobrados para fora sobre o

gibão, e a camisa volumosa é revelada no corpo abaixo da abertura frontal e no recorte das mangas (NATIONAL GALLERY OF ART, 2020b).

Figura 33 – (a) Henri II de Lorraine, c. 1634, óleo sobre tela, Anthony van Dyck, nº de registro: 1947.14.1; (b) detalhes ampliados da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) National Gallery of Art (2020b); (b) destaque nosso.

A Figura 34 mostra o retrato feito por Jean de Reyn, datado de cerca de 1640, possivelmente de Victor Amadeus I (1690 - 1741), príncipe de Carignano – comuna italiana da cidade metropolitana de Turim, na região de Piemonte (MUSEUM OF FINE ARTS, 2020). Pode-se perceber o punho franzido e largo da camisa, dobrado para fora, além da manga muito volumosa que aparece sob o recorte do gibão. Neste exemplar, provavelmente, o colarinho é removível²⁰.

²⁰ Ver GLOSSÁRIO termo “Colarinho destacável ou removível”

Figura 34 - Lute Player, c.1640, França, óleo sobre tela, Jean de Reyn, nº de registro: 34.541.

Fonte: Museum of Fine Arts of Boston (2020b).

O conjunto masculino do museu Victoria & Albert, apresentado na Figura 35, mostra como eram usados esses trajes com a camisa, no final da década de 1630 e início da década de 1640. O gibão tem cintura alta nas laterais e nas costas. Uma abertura deliberada da costura em cada manga permite que a camisa de linho fino seja vista por baixo (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2020d). Procurou-se mais informações sobre a camisa que foi montada com o conjunto pelo museu, mas não foi possível obtê-las. Apesar disso, a composição do conjunto auxilia na compreensão de como era utilizada a camisa masculina nesse período.

Figura 35 – (a) Conjunto masculino (Inglaterra), datado de 1635-1645, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: T.58 to B-1910; (b) detalhes ampliados da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2020d); (b) destaque nosso.

O conjunto da Figura 35, do museu Victoria & Albert, representa o traje francês do reinado do rei Carlos I (1625 a 1649), assim como a ilustração da Figura 36. De acordo com Giles (1887), no século XIX, esse era considerado um dos trajes mais conhecidos da época, visto que era continuamente apresentado em palco e em filmes. Pode-se considerar, conforme o autor, que era o traje preferido de quem se exibia em bailes de fantasia e de máscaras. Porém, pode-se dizer, também, que é o menos

versátil para uso no dia a dia, com a utilização do veludo, rendas e penas. Nesse traje, a camisa, que estava bem escondida, começa a aparecer na abertura e um pouco abaixo da barra do casaco, que estava se encurtando (GILES, 1887).

Figura 36 – Ilustração traje francês no período de 1625 a 1649.

Fonte: Giles (1887, p.51).

É importante citar a renda de bilros flamenca, utilizada para a confecção dessas golas, que foi a principal renda em moda, entre as décadas de 1630 e 1660 (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2020e). A camisa da Figura 37 possui todas as bordas das aberturas laterais e punhos, com acabamento feito com renda de bilro. Além disso, a gola também foi ornamentada com renda de bilro flamenca (ou do norte da Europa) com um desenho geométrico, que provavelmente foi aplicada à camisa posteriormente. De acordo com o museu, essa camisa possui 105 cm de comprimento e foi adquirida em leilão em 1995. O fato interessante é que o vendedor trouxe um par de espartilhos, para serem avaliados para venda, e essa camisa foi usada como embrulho (MANCHESTER ART GALLERY, 2020). Considerando esse fato, é

surpreendente que a peça tenha sobrevivido até aquele momento, na mesma condição de como é apresentada pelo museu.

Figura 37 – (a) Camisa longa em linho branco (Inglaterra), datada de c. 1630-1650, Manchester Art Gallery, Inglaterra, nº de registro: 1995.21; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: Manchester Art Gallery (2020).

A camisa da Figura 38 possui decoração no decote, abertura frontal e punhos com rendas de bilro. Confeccionada na Itália, no período entre 1600 e 1650, com dois tipos de linho, sendo que o linho mais fino foi utilizado nas mangas e em volta do decote. O modelo possui um decote quadrado, abertura na frente, corte do corpo reto, de orela a orela, e mangas volumosas e compridas, franzidas na junção com os ombros. Existem duas aselhas (feitas de cordão) na frente do lado esquerdo da abertura, mas os botões correspondentes se perderam ao longo do tempo. Os punhos são fechados com dois botões (também perdidos) e casas de botão (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018b).

Figura 38 - Camisa masculina de linho (Itália), datada de c.1600-1650, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro 139-1880.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018b).

Na Figura 39 é possível observar melhor os detalhes da peça, seu decote quadrado e decoração do decote, ombros e mangas. Nos punhos, pode-se notar o grande volume de tecido que está ali franzido, reforçando os indícios de que, nesse período, as modelagens continuavam a ser cortadas totalmente retas e, posteriormente, franzidas nos locais necessários (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018b). Aqui realizou-se a comparação com as ilustrações de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006) da abertura frontal da peça e da prega cartucho, utilizada no franzido dos punhos.

Figura 39 – (a) Camisa masculina para dormir de linho – detalhes (Itália), datada de c.1600-1650, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro 139-1880; (b) ilustração da camisa básica masculina do século XVI com abertura frontal, edição nossa; (c) Ilustração da elaboração de pregas cartucho, edição nossa.

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2018b); (b) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54); (c) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.53).

A Figura 40 mostra uma gola de linho enfeitada com renda de bilros vista de diferentes ângulos. Confeccionada com uma base de linho para encaixar no pescoço, modelada em formato circular com pregas simples nos ombros, e adornada com uma borda larga de renda de bilros finamente trabalhada com um design floral denso. Seu fechamento é com duas pequenas aselhas (feitas à mão), no centro da frente, na borda do pescoço, através das quais um cordão para amarração seria enfiado e atado. No centro da frente e no centro das costas possui finíssimas pregas para modelar a gola ao pescoço e ombros (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2020e).

Figura 40 – Gola - vista de diversos ângulos (Flandres), datada de c.1650-1665, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: T.99-1967.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2020e).

Segundo Köhler (1993), o único estilo de gola que sobreviveu até 1630, dentre os vários tipos de gola utilizados no início do século, foi a gola de rendas presa na frente e que caía folgadoamente sobre os ombros. Nesse período ela variou de largura até alcançar uma dimensão tal, que permitia ser presa nos ombros. Apenas pessoas muito ricas poderiam ter uma dessas golas totalmente em renda, portanto a maior parte da população utilizava em linho liso ou com detalhe de renda na barra (KÖHLER, 1993).

Segundo Davenport (1948), a partir da segunda metade do século XVII, a camisa é volumosa. Sob as curtas mangas do gibão, pode-se ver a plenitude da manga da camisa, puxada para cima e amarrada no estilo bufante, no punho tem o acabamento de um babado. A gola cai sobre no peito em um retângulo que geralmente tem cantos arredondados e raramente fica totalmente plano (ibidem).

Com as tendências da época, em relação ao uso de cabelos compridos e perucas, a gola de rendas continuou em uso, porém, como as costas e os ombros passaram a ficar ocultos, a gola se tornou muito menor (KÖHLER, 1993).

Waugh (1964), citando Sorel (1644), afirma que:

Quanto às golas, nossos pais usavam golas pequenas e simples, enquanto nós começamos com círculos de cartolina sobre as quais colocávamos uma gola engomada, depois disso tivemos uma espécie de capa não engomada que chegava quase até o cotovelo, e depois disso as golas ficaram menores e de tamanho razoável, embora ao mesmo tempo houvesse grandes rufos tubulares pregueados, com linho suficiente para fabricar as velas de um moinho de vento: agora tudo isso foi descartado e nossas golas são tão pequenas que parecem punhos de manga (SOREL, 1644, *apud* WAUGH, 1964, p.45, tradução nossa).

Na Figura 41, obra do pintor holandês Gerbrand van den Eeckhout, datada de cerca de 1650, é possível perceber o gibão justo e curto no corpo e nas mangas, revelando o excessivo volume da camisa que estava por baixo e a calça curta.

Figura 41 – (a) *A Musical Party*, c. 1650, Holanda, óleo sobre tela, Gerbrand van den Eeckhout, nº de registro: 26.260.8; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) The Metropolitan Museum of Art (2020b); (b) destaque nosso.

Por volta de 1670, com o aparecimento do *justaucorps*²¹ – uma mudança do gibão que deixa de parecer uma jaqueta para se tornar uma espécie de casaco longo – a gola de renda da camisa abre espaço para o lenço de pescoço (também conhecido como *cravate* ou *cravat*), que era usado pelos soldados alemães em 1640. A *cravat*²²

²¹ Ver GLOSSÁRIO

²² Optou-se por usar o termo *cravat*, no seu idioma original, uma vez que o termo mais próximo, em português (gravata) não corresponde à mesma peça atual, ainda que ambas sejam usadas com a mesma finalidade.

era feita por uma faixa de tecido branco, de 30 centímetros de largura por 1 metro de comprimento, usada ao redor do pescoço e amarrada com um nó na parte da frente. Entre 1665 e 1680, era amarrada com grandes laços de fita, cujas pontas desciam até o peito, alguns homens prendiam com cordões que terminavam em borlas (KÖHLER, 1993).

Em relação às diversas variações da *cravat*, Waugh cita *The academy of armory* de Randle Holme de 1688, que contém em uma de suas sessões uma área dedicada ao vestuário. Holme descreve o seguinte:

Uma *cravatt* é outro tipo de adorno para o pescoço, que nada mais é do que uma toalha comprida colocada na gola e, assim, amarrada com um nó, este é o original de todos esses trajes; mas agora [...] há tantas maneiras novas de fazê-las, que seria uma tarefa nomeá-las, ainda mais descrevê-las (WAUGH, 1964, p.38, tradução nossa).

A Figura 42 mostra a obra de Nicolaes Maes, de 1665, que retrata o cavalheiro Paulus van Esch utilizando a sua *cravat* no pescoço. De acordo com o museu, Maes nasceu em uma rica família de comerciantes em Dordrecht. Após algum treinamento em arte local, ele foi para Amsterdã, onde se juntou ao estúdio de Rembrandt. Ele produziu vários retratos das principais figuras sociais, políticas e intelectuais (MONTREAL MUSEUM OF FINE ARTS, 2020).

Figura 42 – (a) Portrait of Paulus van Esch, c.1665, Holanda, óleo sobre tela, Nicolaes Maes, nº de registro: 1943.808; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

Fonte: (a) Montreal Museum of Fine Arts (2020); (b) destaque nosso.

Uma semelhante *cravat* é vista na obra de Pieter de Hooch, *Paying the Hostess* (“pagando a anfitriã”, tradução nossa), que está na Figura 43. A pintura mostra um cavalheiro vestindo um *justaucorps* cujas mangas, mais curtas, revelam as volumosas mangas da camisa embaixo (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 2020c).

Figura 43 – (a) *Paying the Hostess*, c. 1670, Holanda, óleo sobre tela, Pieter de Hooch, nº de registro: 58.144; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) The Metropolitan Museum of Art (2020c); (b) destaque nosso.

Uma maior exposição da camisa como vestuário externo, pode ser visualizada na pintura de Peter Lely, pintor holandês que exerceu sua profissão, na maior parte do tempo, na Inglaterra, onde se tornou o pintor oficial da corte real. A Figura 44 mostra o retrato de Charles Killigrew, cortesão inglês e gerente de teatro (VICTORIA

& ALBERT MUSEUM, 2020f). O retrato expõe, provavelmente, as volumosas mangas brancas da camisa utilizada sob o casaco, com as mangas grosseiramente dobradas para fora. Os longos cabelos reiteram a moda da época, já exposto por outros autores, com o uso de cabelos ou perucas longos na moda masculina. Também é possível perceber uma *cravat*, aparentemente de renda, com pouco volume, para compensar as longas madeixas.

Figura 44 - Portrait of Charles Killigrew, c.1673, óleo sobre tela, Peter Lely, nº de registro: S.540-1983.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2020f).

Outro exemplar de Peter Lely é o retrato de John Wilmot, conde de Rochester (1647-1680), mostrado na Figura 45 em trajes pseudo-romanos, com um tipo de couraça de aço, por ter se destacado com bravura em uma batalha no mar. Sua verdadeira fama, contudo, era de cortesão e poeta (VICTORIA & ALBERT MUSEUM,

2020g). Vê-se aqui, novamente, a exibição das volumosas mangas brancas da camisa sob o casaco e agora, com maior destaque, a *cravat* de renda amarrada bem rente ao pescoço. Os punhos da camisa são estreitos, desaparecendo sob o volume da manga, caído sobre o braço estendido, como pode-se perceber na manga direita de John Wilmot.

Figura 45 - Portrait of John Wilmot, Second Earl of Rocheste, c.1677 (pintado), óleo sobre tela, Peter Lely, nº de registro: 491-1882.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2020g).

O retrato do escultor Gaspard Marsy de 1682, disponível na Figura 46, revela ainda mais a camisa, aqui sem *jabot* ou *cravat*, possibilitando melhor visualização da

gola, colarinho e frente dessa peça. Percebe-se o excessivo volume de tecido, trabalhado com franzidos desde a gola, estreita e fechada por um botão simples. Não há outros botões na frente da camisa além do botão da gola.

Figura 46 - Gaspard Marsy (1624-1681), escultor, 1682, óleo sobre tela, Jacques Carré (pintor), nº de registro: MV 3519.

Fonte: Château de Versailles (2020).

Para explicar um pouco mais sobre essa exibição maior da camisa masculina no século XVII, vale citar Cunningham e Cunningham (1951):

Se examinarmos os retratos da moda de ambos os sexos, do período anterior e posterior à Restauração de 1660, será notado como a camisa e a *chemise* são glorificadas. Ainda mais notável e significativa foi a moda masculina, ali retratada, de exibir a camisa entre a parte inferior do colete e a parte superior das calças (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.54, tradução nossa).

Cunnington e Cunnington prosseguem afirmando que o principal impulso para isso acontecer foi erótico, e que nunca, antes ou depois, os fashionistas da época escolheram serem retratados “em vestes tão arriscadas”. Segundo os autores, isso teria sido muito importante, por ser a última vez que o homem havia dado uma sugestão erótica à sua roupa íntima, até meados do século XIX (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Ao final do século XVII, são variados os tipos de amarração da *cravat* ou *jabot* utilizados. A pintura da Figura 47, atribuída ao pintor francês Louis Ferdinand Elle, um dos membros fundadores da Académie Royale em 1648, mostra um jovem não identificado, provavelmente da alta sociedade, vestindo uma luxuosa roupa em brocado que estava na moda no terceiro trimestre do século XVII, sugerindo uma data de execução da pintura por volta de 1685, conforme informações do museu (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2020h). Nesse retrato, é possível perceber como a *cravat* de renda cai em cascata, sugerindo um corte circular (ou em semi-círculo) da renda, e não reto, como poderia ser imaginado. Sua camisa também possui punhos de renda, com motivos que combinam com o *jabot*.

Figura 47 – (a) Portrait of a Young Man, c. 1685 (pintado), óleo sobre tela, Louis Ferdinand Elle, nº de registro: P.68-1917; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2020h); (b) destaque nosso.

Outro item localizado no acervo do museu Victoria & Albert, é o *jabot* da Figura 48. Essa peça é de renda, do final do século XVII, e estima-se que seja belga ou francesa. A Figura 48(a) mostra o *jabot* sobre o manequim vestido, sendo possível observar na fotografia a composição com esse tipo de nó, mais comum a partir do início do século XVIII, de acordo com o museu (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018c). A Figura 48(b) mostra uma de suas tiras aberta sobre uma superfície plana, revelando também como esse item é armazenado no museu.

Figura 48 – (a) *Jabot* de renda no manequim (Bélgica ou França), datado de c.1690-1715, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.397 to D-1970; (b) mesmo *jabot* de renda aberto.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018c).

Desde o início do século XVII, portanto, percebe-se a necessidade de uma camisa muito ampla que avoluma sob o gibão e, logo depois, sob o *justaucorps*. Uma das poucas peças originais, identificadas desse período, é a camisa masculina da Figura 49, confeccionada de linho branco, datada de 1690, disponível no Museu do Traje e da Moda, em Portugal (MUSEU NACIONAL DO TRAJE, 2018a).

Figura 49 - Camisa masculina em cambraia de linho branco (local desconhecido), datada de 1690, Museu nacional do Traje, Portugal, nº de registro 4094.

Fonte: Museu nacional do Traje, (2018a).

Segundo a descrição do museu, na camisa da Figura 49 os detalhes decorativos das mangas são de renda de bilros, formando motivos geométricos. O decote redondo possui acabamento com entremeio de renda e duas aberturas caseadas. A aplicação de entremeio de renda também aparece sobre as costuras dos ombros e cavas. O abotoamento nos punhos é feito com dois botões forrados e

respectivas aberturas caseadas (MUSEU NACIONAL DO TRAJE, 2018a). Pendurada sobre uma haste, é possível observar o grande volume nas mangas e o seu comprimento de corpo. Ainda de acordo com o museu, essa peça possui as medidas de 112 cm de altura, 74 cm de ombros e 103 cm de comprimento de mangas.

Mais informações sobre a construção da camisa da Figura 49 são apresentadas no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**, em que esse modelo foi um dos selecionados para a recriação digital em 3D.

Outro exemplar encontrado em acervo de museu, é a camisa mostrada na Figura 50. Originária da Espanha, possui bordados em linha, formando desenhos geométricos, nas costuras dos ombros e no peitilho²³ da frente, com o decote quadrado. Não há uma gola e a frente é presa por meio de amarração. O corte reto no corpo e as amplas mangas, com franzido nos punhos, permanecem como uma característica do período. Pode-se ver, também, a presença do triângulo (taco) sob a manga, unindo as mangas ao corpo da peça, e a abertura lateral de uma certa altura do corpo até a barra que pode ter cerca de 30 centímetros, conforme relatado pelo museu, ao descrever a peça (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018d).

Figura 50 - Camisa bordada com peitilho (Espanha), datada de c.1700, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.358-1910.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018d).

²³ Ver GLOSSÁRIO.

Outra categoria de camisa masculina é a camisa para dormir. As roupas de dormir do cavalheiro do século XVII eram tão elaboradas como a camisa do dia a dia, geralmente, com inserção de rendas no decote ou na gola, e nas laterais das mangas, além de babados no punho. As mangas eram volumosas, a abertura do pescoço era um pouco mais profunda do que na camisa do dia e a gola era plana (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Davenport (1948) declara que, sobre as revistas de moda do século XVII, aquelas que surgiram nos anos 1700 foram precedidas por uma série de desenhos únicos de artistas que, muitas vezes, tinham o objetivo de mostrar pessoas nobres ou dignas de destaque, mas acabavam sempre por indicar as últimas modas. Dentre alguns dos nomes de maior destaque no século XVII, precursores das ilustrações de moda, estão Antoine Troupin (1656-1708), Nicolas Arnould (c.1680-1700) e membros da família Bonnat, como Henri Bonnat (1642-1711) e Nicolas Bonnat (1636-1718). A Figura 51 mostra uma gravura de Nicolas Arnould de 1687 em que se vê, em detalhes, a vestimenta de um homem nobre no final do século XVII.

Figura 51 – (a) *Homme de qualité en habit d'espée*. Engraving and etching with hand-applied color on laid paper, 1687, França, Nicolas Arnould, nº de registro 44.1198; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Museum of Fine Arts of Boston (2020c); (b) destaque nosso.

São diversas as ilustrações e gravuras disponíveis em museus, em sua grande parte mostrando o homem com o traje completo, sendo rara a visualização de um desenho do homem apenas com a camisa, que poderia vir a ser uma rica fonte de informação, visto o nível de detalhes que essas gravuras representam.

Dito isso, verificou-se que a camisa do século XVII apresenta variações no corpo e mangas em relação ao período anterior, mantendo-se, ainda, como uma peça de modelagem composta por retângulos e quadrados, para aproveitamento total da peça de tecido. Foram introduzidas mais variações de golas, em diferentes formatos, e mais decoradas. Os punhos, ora eram apenas acabados com uma tira de tecido, ora formavam um babado a partir da continuação do comprimento da manga.

Quanto à modelagem do século XVII, identificou-se, na obra de Arnold (2008), o estudo de duas camisas masculinas, com registros fotográficos e diagramas de modelagem. A camisa visualizada na Figura 52 foi utilizada por Gustav Adolf II, rei da Suécia, quando foi ferido em 1627 durante um combate. A camisa é decorada com renda de bilros na gola e punhos, assim como uma segunda camisa mencionada por Arnold (2008) que era, também, utilizada por Gustav Adolf II, o que indica, segundo a autora, uma preferência pessoal do rei por esse elemento decorativo.

Figura 52 – Camisa de linho branco usada por Gustav Adolf II (Suécia) datada de 1627: (a) Foto do acervo do museu Livrustkamaren (Estocolmo), fotógrafo Goran Schimidt; (b) ilustração da mesma camisa, elaborada por Arnold (2008).

(a)

(b)

Fonte: Arnold (2008, p.25, 73).

O diagrama da modelagem da camisa apresentada na Figura 52 foi recriado por Arnold (2008) e é mostrado na Figura 53. Pode-se observar como mantém as linhas retas, o taco abaixo da manga e as indicações para aplicação da renda de bilros na gola e nos punhos das mangas.

Figura 53 – Diagrama de modelagem da camisa de linho branco usada por Gustav Adolf II (Suécia).

Fonte: Arnold (2008, p.74).

A camisa visualizada na Figura 54 foi usada pelo almirante Claes Bielkenstierna (Suécia), na ocasião em que foi baleado e morto. De acordo com Arnold (2008), essa peça é um raro exemplo de uma camisa totalmente lisa, sem elementos decorativos como rendas ou bordados. Apesar da sua simplicidade, essa camisa era, provavelmente, utilizada com golas e punhos removíveis e decorados, e sua costura indica que é uma peça que foi feita para ser durável e resistente. Na Figura 54(a) vê-

se a camisa de corpo inteiro apoiada sobre um plano, enquanto na Figura 54(b) pode-se observar melhor o taco que fica posicionado abaixo da manga. Enquanto na Figura 54(c) pode-se ver uma ilustração da camisa, elaborada por Arnold (2008).

Figura 54 – Camisa de linho branco, manchada de sangue, usada por Claes Bielkenstierna quando ele foi ferido em batalha em 1659 (a) Foto do acervo do museu Livrustkamaren (Estocolmo); (b) foto do detalhe do taco abaixo da manga da camisa; (c) ilustração da mesma camisa realizada por Arnold (2008).

(a)

(b)

(c)

Fonte: (a) e (b) Arnold (2008, p.26); (c) Arnold (2008, p.75).

O diagrama de modelagem, da camisa apresentada na Figura 54, foi recriado por Arnold (2008) e é mostrado na Figura 55. Pode-se observar, novamente, como se mantém as linhas retas, o taco abaixo da manga e o grande volume da manga, que era muito franzido, para criar volume sob o gibão (ARNOLD, 2008). Esse diagrama é utilizado como base, para a recriação digital em 3D da camisa do século XVII no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**.

Figura 55 – Diagrama de modelagem da camisa de linho branco usada por Claes Bielkenstierna datada de +1659.

Fonte: Arnold (2008, p.74).

Enquanto a manga da camisa se mostrou a protagonista no século XVII, com seu volume a mostra sob o gibão, no século XVIII esse item ganha mais visibilidade como um todo e, com isso, aumentam as variações de modelo nessa peça, como será visto no subcapítulo **2.3 Século XVIII**.

2.2.1 Informações sobre obras complementares

Em relação ao estudo da modelagem, a obra mais antiga identificada, no século XVII, foi a de Burguen (1618) intitulada “*Geometria y traça perteneciente al oficio de sastres*” (“Geometria e Traço do Ofício de Alfaiate”, tradução nossa). O livro de Burguen apresenta moldes de roupas para homens, mulheres e crianças (ainda que o livro trate, basicamente, da disposição dos moldes sobre tecidos de diferentes materiais e largura). No entanto, não apresenta moldes de camisa masculina, o que até aqui não é incomum, visto que a camisa ainda cumpre um papel de roupa de baixo e é constituída por retângulos e quadrados, como visto no subcapítulo do século XVI e ao longo do século XVII. A Figura 56 mostra uma das diversas modelagens presentes na obra de Burguen, apresentadas sempre da mesma forma: o traçado na parte superior da página e um breve texto explicativo logo abaixo (BURGUEN, 1618).

Figura 56 – Ropa turca deraxa de leuantar (sic) (modelagem).

Fonte: Burguen (1618, p.92).

Outra obra relevante é de 1671, intitulad *Le Tailleur Sincère* (“O Alfaiate Fiel”, tradução nossa²⁴), considerado o primeiro material de alfaiataria francês. A obra de Benist Boullay explora cortes de trajes masculinos, robes para cerimônias reais, para o clero, magistrados e outros oficiais, mas não entra em itens como camisas e golas. O autor não traz instruções muito detalhadas sobre os diagramas, nem explica quais

²⁴ Segundo o dicionário universal francês de 1690, a expressão “*sincère*” pode significar tanto “sincero” quanto “fiel” (FURETIÈRE, 1690, p.1918).

medidas devem ser tiradas, apesar de reforçar a importância dessas no processo de modelagem sob medida. A Figura 57 mostra o primeiro diagrama disponível no livro, de um *capo de page*, em que pode-se, novamente, confirmar que nesse período a cava para encaixe das mangas passava a ser cada vez mais anatômica em outras peças que não a camisa, com a cabeça da manga se aproximando do formato que hoje chama-se “manga alfaiate”, porém ainda feita de forma muito ampla para criar o volume necessário para a moda da época (WAUGH, 1964).

Figura 57 - Un capo de page, diagrama, Le Tailleur Sincère.

Fonte: Benist Boullay (1671).

Também foi consultada a obra de Holme (1688), intitulada “*The academy of armory*” (“A academia da sala de armas”, tradução nossa), também mencionada por Waugh (1964), como um documento importante no século XVII, mas não foi identificada nenhuma menção à camisa. A obra “*Patterns of Fashion: The Cut and Construction of Clothes for Men and Women c1560-1620*”, de Arnold (1985) foi igualmente consultada, mas verificou-se que a camisa masculina não consta em seu conteúdo.

Foram levantadas outras bibliografias especializadas, que não puderam ser consultadas, mas podem ser utilizadas em outras futuras pesquisas: “*Le Costume*” de Ruppert (1973) e “*Men's 17th & 18th Century Costume, Cut & Fashion: Patterns for Men's Costumes*” de Davis (2000). A tabela completa com os livros de diagramas,

modelagens, ilustrações e registros descritivos consultados está disponível no APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS.

2.3 Século XVIII

O equilíbrio de poder na Europa passou por profundas transformações, principalmente a partir de 1713 com o fim da Guerra da Sucessão Espanhola, e ao mesmo tempo acontecia uma mudança geral na civilização europeia. Enquanto em alguns países havia um movimento em direção ao liberalismo, com uma classe média ativa e livre que consolidava sua antiga posição no comércio e participava das indústrias centenárias, em outros países, por outro lado, a autoridade ainda dominada pelos senhores feudais limitava o progresso social nas classes média e baixa, que eram mantidas enredadas em uma situação desfavorável à mudança econômica (BOUCHER, 1987).

Embora ideias de polidez e higiene tenham se espalhado pela Europa a partir da corte de Luís XIV desde o final do século XVII, na metade do século XVIII a Europa encontra-se fedorenta e suja. A população raramente lavava suas cabeças, realizando a “higiene” apenas aplicando-se farinha. A importação de algodões da Índia, que podiam ser lavados, foi proibida na Inglaterra e na França. Na Inglaterra as primeiras locomotivas a vapor foram usadas para bombear a água do Tamisa para as casas dos ricos. Por isso, a população em geral tinha menos água do que antes, e o perfume tornou-se quase uma necessidade (DAVENPORT, 1948).

A indústria têxtil francesa obteve um progresso industrial expressivo entre os anos de 1730 e 1750, com a fabricação de seda, tecidos de algodão e até tecidos de prata e ouro. Somente em 1759 o Conselho e o *Bureau de Commerce* autorizaram a estampa em algodão, invocando a utilidade de uma indústria que poderia fornecer roupas baratas para os pobres. Fábricas que produziam roupas estampadas já haviam sido montadas, principalmente por emigrantes suíços estabelecidos na França (BOUCHER, 1987).

Prússia, Saxônia, Áustria, Suécia, Rússia e até a Espanha, todos passam a seguir as tendências dos trajes franceses até alguns anos antes do final do século

XVIII, quando a França é dominada pela onda de anglomania nas duas últimas décadas do período (DAVENPORT, 1948).

Sobre a camisa desse período, Cunningham (1972) descreve que de 1700 a 1750 a manga da camisa é bastante folgada, para somente depois tornar-se mais justa. A manga com punhos terminava bem acima do nível do punho, com amplo espaço para a manga cheia da camisa, finalizando com uma faixa fechada no punho, com ou sem babado, como mostra a Figura 58.

Figura 58 – Camisas masculinas de 1720 (a) punhos da camisa com babados e (b) camisa sem babados nos punhos, ilustração.

Fonte: Cunningham (1972, p.48).

A Figura 59 mostra a gola de uma camisa de linho na cor creme que também aparece em partes na Figura 60 e na Figura 61. Esse item é muito interessante, mas difícil de obter uma boa visualização devido à qualidade das fotos disponibilizadas pelo museu. Na Figura 59 vemos uma gola alta com três botões encapados com uma espécie de ponto de crochê feito com linha. O degolo é muito franzido, costurado à gola. Há também o taco do ombro aplicado na junção dos ombros com o degolo.

Figura 59 - Camisa de linho, detalhe da gola e degolo franzido (Inglaterra), datada de 1700-1720, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.356-1980.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018f).

A Figura 60 mostra mais detalhes da manga, muito franzida junto ao punho, que aparenta não ter mais do que 3cm de largura. O corpo da camisa não tem um bom registro de imagem, mas é possível observar o corte lateral reto e os muitos franzidos presentes no degolo, nos punhos e nas cavas.

Figura 60 - Camisa de linho, detalhe da manga e corpo (Inglaterra), datada de 1700-1720, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.356-1980.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018f).

A Figura 61 mostra o bordado da mesma camisa, realizado com as iniciais “HW” e o número “10”²⁵, em ponto cruz, próximo à barra da camisa e à abertura lateral. Junto com o item, é armazenado no museu uma espécie de anotação à mão que indica que essa camisa foi confeccionada para o rei William III (1689 – 1702). Não tendo total comprovação de que isso seja verdadeiro, o próprio museu afirma que, de qualquer forma, o atual estado de conservação desse item mostra que provavelmente nunca tenha sido utilizado, ou tenha sido pouquíssimo utilizado (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018f).

Figura 61 – (a) Camisa de linho, detalhe do bordado (Inglaterra), datada de 1700-1720, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.356-1980; (b) carta que menciona a confecção da camisa para o rei William III.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018f).

A camisa da Figura 62 possui gola chamada pelo museu Victoria & Albert de “padrão”, mangas bufantes, e com detalhes de construção muito interessantes, como mostra as fotos do detalhe (ver Figura 62b e Figura 62c). O documento do museu que descreve esta camisa é um dos poucos que deixa claro o papel desse item do vestuário no guarda-roupa masculino e suas características gerais, ressaltando,

²⁵ Como será visto no capítulo do século XIX em outras camisas disponíveis em acervos de museus, o número bordado poderia representar o ano de confecção da camisa, que neste caso seria 1710. No entanto, o museu não confirma essa informação.

inclusive, como a modelagem dessa peça tinha pouca preocupação com a ergonomia, sendo composta por linhas retas que ocupavam toda a largura do tecido:

A camisa era uma peça de roupa íntima no século XVIII. Seu propósito era proteger as roupas externas do corpo em uma época em que o banho diário não era uma prática comum. As camisas eram compradas em dezenas, se o proprietário pudesse pagar, para que uma limpa pudesse ser usada todos os dias. Elas eram geralmente feitas de linho, um tecido lavável e durável. A construção da camisa era muito simples, composta de uma série de quadrados e retângulos de uma maneira que não restavam sobras de tecido depois que as partes eram cortadas de uma peça de linho. A costura das camisas do século XVIII é extremamente fina, de modo a impedir que as costuras se desgastassem durante o processo de lavagem manual (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018g, tradução nossa).

Figura 62 - Camisa de linho costurada a mão com linha de linho (Grã Betanha), datada de 1740-1780, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.246-1931 (a) disposta em manequim; (b) vista do ombro; (c) vista da frente superior.

(a)

(b)

(c)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018g).

Apesar do museu não dar informações mais específicas a respeito da camisa da Figura 62, o mesmo item foi estudado por Viana e Italiano (2018)²⁶, que afirmam que essa camisa tem todas as principais características do período, pois sua modelagem parte de retângulos de tecido aproveitando toda a largura. Considerando-se as fotos do museu em conjunto com a obra de Viana e Italiano (2018), ao longo desta seção, outras peças desse período foram comparadas à camisa da Figura 62 para melhor compreensão dos detalhes estruturais dos exemplares analisados.

Também foi encontrado em acervos de museus alguns *jabots*, utilizados para adornar o pescoço com volumes franzidos, como mostra a Figura 63. Na foto há uma tira de renda francesa feita à máquina. Sua largura não é especificada, mas estima-se ter ao menos 4 centímetros de largura. Os motivos da renda são aparentemente botânicos.

Figura 63 - *Jabot* de renda (França), datada de 1755-1765, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro 779-1890 (a) vestido em manequim; (b) disposto sobre mesa plana.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018h).

De forma muito similar é também o próximo *jabot* da Figura 64, confeccionado na cidade de Valenciennes, na França, em 1760. Nesse caso, composto por cinco

²⁶ Mais detalhes sobre a pesquisa de Italiano e Viana (2018) a respeito desse item estão dispostos no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**.

partes de tamanho aproximado, seus motivos são botânicos e parecem mostrar mais a transparência da base da renda, pois seu desenho é menos fechado que o da figura anterior (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018i).

Figura 64 - *Jabot* de renda de 5 partes (Valenciennes, França), datado de 1760, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro: 1511, A to D-1900 (a) vestido em manequim; (b) disposto sobre mesa plana.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018i).

A Figura 65 é uma camisa masculina de cerca de 1760-1770 de cambráia de linho branco e renda de bilros bordada com fio de algodão branco, formando motivos geométricos. A gola é adornada na ponta com bordado de fio de algodão branco com ponto cheio. De acordo com o museu, a abertura da frente possui entremeios de bordado que terminam com uma aplicação em renda, fechada com três botões. Os ombros são bordados a ponto cheio, com representação de motivos florais e vegetalistas. As mangas são compridas e justas, com franzidos bordados “a ponto de agulha” (faltam informações do museu sobre esse franzido bordado, porém pode ser similar ao franzido da manga da camisa da Figura 66). O punho é estreito, do mesmo tecido bordado, com um botão forrado. As costuras laterais possuem aplicação de

entremeio de renda terminando com abertura e bordado (MUSEU NACIONAL DO TRAJE, 2018b).

Figura 65 - Camisa masculina de linho branco (local desconhecido), datada de 1760-1770, Museu nacional do Traje, Portugal, nº de registro 4096.

Fonte: Museu nacional do Traje (2018b).

A Figura 66 é uma camisa masculina de linho fino formada por quadrados e triângulos muito bem costurados, segundo a própria descrição do museu, com gola alta presa com 3 botões. Cada punho tem orifícios para fitas ou abotoaduras. A manga foi pregueada durante o processo de passar a ferro, dando esse aspecto de manga justa ao corpo. A frente e as costas são formadas por uma peça de tecido de linho dobrada ao meio, sendo que a dobra do tecido acaba nos ombros, onde é adicionado um reforço. O pescoço e a abertura frontal são um corte em forma de T, feito na dobra na frente central. A costura lateral é formada de ponta a ponta da orelha da peça de tecido e é muito bem costurado na parte superior (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018j).

Figura 66 - Camisa de linho costurada a mão (Grã Betanha), datada de 1775-1800, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.360-1984 (a) vista de frente; (b) vista de costas.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018j).

A próxima camisa (Figura 67), datada de cerca de 1780, possui um detalhe na junção da gola com os ombros de forma muito similar à Figura 62. Este item do final do século XVIII mostra o corte típico da época. É interessante mencionar que o taco da junção do pescoço com os ombros facilitava no ajuste ao corpo, permitindo que o tecido não puxasse com força o pescoço e o peito. A forma de construção desse item permite que o maior volume de tecido se concentre na parte superior da peça, deixando menos volume na parte inferior do corpo, da cintura para baixo. Os punhos são largos para serem dobrados, com mangas bem amplas. Possui *jabot* fixo com bastante volume e no mesmo tecido da camisa. De acordo com a descrição do museu, esta peça possui um “reforço abaixo das mangas”, que na presente pesquisa chamamos de taco da manga (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 2020d).

Figura 67 - Camisa de linho bordada com o monograma “J.S.” (França), datada de c. 1780, The Metropolitan Museum of Art, Estados Unidos, nº de registro 2009.300.62 (a) frente da camisa; (b) vista lateral do ombro.

(a)

(b)

Fonte: The Metropolitan Museum of Art (2020d).

Uma alternativa à aplicação do taco na abertura lateral pode ser vista na Figura 68, que mostra o detalhe do taco da abertura lateral de uma camisa datada do final do século XVIII. Ao invés do taco ser aplicado como um triângulo (um quadrado dobrado ao meio), como visto até então, nessa peça, o molde do taco possui um formato diferente, sobreposto (pelo avesso) à frente e às costas da camisa, o que pode indicar que existiam variações sobre como realizar esses reforços.

Figura 68 – Detalhe do taco lateral de camisa masculina de linho (Estados Unidos ou Europa), datada do final do século XVIII, Western Reserve Historical Society, Estados Unidos, nº de registro L2015.1.2; (a) lado de fora; (b) lado de dentro.

(a)

(b)

Fonte: Kent State University Museum (2021).

Em sua obra “*Historic Costume: a chronicle of fashion in western Europe*”, Kelly e Schwabe (1925) descrevem a camisa masculina do final do século XVIII mais escondida sob os casacos, com o *jabot* ou frente franzida aparecendo sob a abertura superior. Em alguns momentos o casaco poderia ter o botão do degolo fechado, mas com um botão aberto entre o degolo e cintura para mostrar o *jabot* sob essa abertura. Contudo, a popularidade do casaco curto ou desabotoado diminui, e a camisa volta a desaparecer sob os longos casacos (KELLY; SCHWABE, 1925). A ilustração da Figura 69 mostra os diferentes estilos do vestuário masculino nesse período e como a camisa volta a desaparecer sob as camadas de roupa.

Figura 69 – Estilos de vestuário masculino (a) francês em 1780 e (b) holandês em 1794, ilustração.

Fonte: Kelly e Schwabe (1925, p.207).

Em relação às obras de diagramas e modelagens do período, foram identificadas as bibliografias a seguir. Giles (1887) em seu livro “*The history of the art of cutting in England*”, traça uma cronologia do vestuário inglês desde o que o autor chama de “vestimentas mais antigas”, passando pela Idade Média, até meados do século XIX. Gilles apresenta alguns diagramas que são resultado de seu estudo de dezenas de métodos de traçado, descritos em sua obra, incluindo também sua descrição sobre os periódicos mais relevantes na Inglaterra que tratavam sobre esse tema. Entretanto, sua fala sobre a camisa é muito breve, sem apresentar um diagrama

ou descrever a peça em maiores detalhes. Ao descrever o vestuário no final do século XVIII, o autor menciona que o homem usava “uma gravata solta de cambraia branca, amarrada em um laço grande, em cima de uma camisa com babados. Um casaco verde comprido com gola alta, mangas justas e punhos estreitos agora estavam em voga” (GILES, 1887, p.63).

Waugh (1964) apresenta o diagrama de uma camisa de 1700 a 1810 (Figura 70), em que se percebe o corte reto do corpo, das mangas e da gola, franzindo todas as partes necessárias para formar o modelo. A aplicação dos tacos na manga, gola e laterais está presente para reforço e dar espaço para o braço na manga.

A abertura do centro da frente costuma ser costurada com uma tira de renda ou, no final do século, com uma fina tira de tecido fino de algodão (em inglês “*lawn*”). O babado do punho geralmente é montado em separado, o que é mais raro depois de 1800. Esse diagrama também mostra uma gravata. A partir de c.1720 a gravata foi encurtada para caber em volta do pescoço, onde era presa por fitas, botões ou uma fivela (WAUGH, 1964. p.84).

Figura 70 – Traçado da modelagem da camisa masculina de 1700 a 1810.

Fonte: Waugh (1964, p.82, edição nossa).

Viana e Italiano (2018) mostram em sua obra o estudo de uma camisa do museu Victoria & Albert, número do acervo T.246-1931, já apresentada na Figura 62. Esse estudo nos permite compreender melhor a modelagem dessa camisa, através de texto, fotos da camisa e diagrama reconstruído da modelagem. A Figura 71 mostra os moldes do corpo e das mangas dessa camisa, em que é possível confirmar como essa peça era construída aproveitando-se toda a largura do tecido e com linhas retas, não desperdiçando nada com formatos curvos, dessa forma, decotes, cavas e punhos eram franzidos até a medida necessária (ITALIANO; VIANA, 2018). Ainda sobre a estrutura da camisa nesse período, é interessante mencionar Baumgarten e Watson (1999, p.108, *apud* ITALIANO; VIANA, 2018, p.283): “(...) as camisas típicas do século 18 até início do século 19 eram modeladas a partir da largura do linho, como um quebra-cabeça de retângulos e quadrados. A roupa resultante era geométrica em sua concepção, sem afunilamento ou ajuste no corpo”.

Figura 71 – Moldes do corpo e das mangas da camisa de 1750-1800.

Fonte: Viana e Italiano (2018, p.285).

Mais informações sobre a construção da camisa da Figura 71 foram dispostas no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**, em que esse modelo foi um dos selecionados para a recriação digital em 3D.

Tendo mencionado as modelagens do período, pode-se verificar a ampliação de variedades de modelo identificadas na camisa do século XVIII, tais como: com ou sem acabamento interno da cava das mangas, mangas lisas ou plissadas (para ficarem mais justas ao corpo), mangas amplas e muito franzidas ou mais enxutas com pouco franzido, golas altas para serem usadas em pé ou com golas removíveis, abertura frontal lisa ou com *jabot*. No entanto, não há variações estruturais na camisa, como afirma o museu Victoria & Albert: “(...) além das mudanças na profundidade dos punhos, golas e largura das mangas, o estilo da camisa muda pouco entre o século XVI e meados do século XIX (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018g, tradução nossa). Como pode ser visto no capítulo seguinte, o século XIX se inicia como uma continuação do século XVIII em termos de características da camisa, ampliando suas modificações estruturais a partir do segundo quarto do século.

2.3.1 Informações sobre obras complementares

A obra “*Tailor of suits and tailor of bodices*”, traduzida e publicada em 2003 pela Universidade de Michigan (EUA), apresenta diversos painéis de moldes do vestuário em geral. De acordo com a universidade, essa obra é originalmente publicada em 1765 em Paris. A obra menciona a camisa no painel XVII, visto na Figura 72. Segundo o autor, os moldes da camisa estariam na figura 5 (do livro) – “meia largura de tecido para uma camisa, da qual a figura mostra a metade” – e na figura 7 (do livro) – frente da camisa sinalizada com a letra “Q” e costas da camisa sinalizada com a letra “R” (AUTOR DESCONHECIDO, 1765, p.17, tradução nossa). Contudo, não foi possível identificar todos os moldes indicados, não sabendo se isso se deve à falta da continuação da página, pois os moldes aqui presentes se assemelham mais aos moldes de casacos do que da camisa, cuja modelagem era composta por linhas retas nesse período.

Figura 72 – Plate XVII Tailor of Suits, Narrow Width Fabric of Different Aunages for Vest, Frock, Riding Coat, Roquelaure, Shirt, Short Waistcoat and Short Cassock, Half View.

Fonte: Autor desconhecido (1765, p.17).

Foram pesquisadas também as seguintes obras, das quais não encontramos informações específicas sobre a camisa masculina: “*Art du tailleur: contenant le tailleur d'habits d'hommes, les culottes de peau, le tailleur de corps de femmes & enfants, la couturière & la marchande de modes*” de Garsault (1769); e “*The tailor's complete guide*” de 1796, que possui diversos diagramas de outras peças do vestuário masculino.

Pode-se mencionar o livro de Baumgarten e Watson (1999) “*Costume Close-up: Clothing Construction and Pattern, 1750-1790*” como tendo informações sobre a camisa masculina nesse período. No entanto não tivemos acesso para estudá-lo.

Outros livros identificados como potenciais para estudo da camisa masculina do século XVIII são: “*Costume in England: a history of dress to the end of the eighteenth century*”, Volumes 1 e 2, de Fairholt (1909); “*Histoire du costume de l'antiquité à 1914 Tome XI Epoque Louis XV. 1725 a 1774*” de Leloir (1914); “*Le Costume*” de Ruppert (1973), “*Men's 17th & 18th Century Costume, Cut & Fashion: Patterns for Men's Costumes*” de Davis (2000), “*Eighteenth-Century Clothing at Williamsburg*” de Baumgarten (1986), “*Pretty Gentlemen: Macaroni Men And The Eighteenth-Century Fashion World*” de McNeil (2018). A tabela completa com os livros de diagramas, modelagens, ilustrações e registros descritivos consultados está disponível no APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS.

3 A TRAJETÓRIA DA CAMISA MASCULINA: SÉCULO XIX

Como verificou-se até aqui, não houve variações estruturais na camisa masculina entre os séculos XVI e XVIII. Apenas a partir de meados do século XIX nota-se o surgimento de camisas com as cavas das mangas em curva, sem o taco abaixo das mangas, e com decote curvo e caída de ombros na modelagem do corpo, o que tornaria desnecessária a utilização de tacos do decote sobre a linha dos ombros.

Ao longo do século XIX houve várias mudanças no vestuário masculino. Porém, seria extremamente difícil acompanhar as inúmeras variantes de modelo (BOUCHER, 1987). Tendo isso em vista, as variações de modelo apontadas ao longo do capítulo são as consideradas mais proeminentes na época, ou mais relevantes para a compreensão das variações estruturais da camisa.

Importante mencionar que o estudo das camisas no século XIX foi dividido em quatro partes, adaptando-se à divisão do século realizada por Cunnington e Cunnington (1951) e Boucher (1987), importantes fontes bibliográficas do tema, em quatro períodos proporcionais, a saber: 1) de 1791 a 1820; 2) de 1821 a 1850; 3) de 1851 a 1882; e 4) 1883 a 1908, conforme detalhado na seção **1.1 Método** da presente pesquisa.

O século XIX se inicia com a recente Revolução Francesa que viria a influenciar profundamente o vestuário masculino, em especial dos homens franceses e ingleses. O novo contexto político e econômico – gerado pelas guerras, divisões, novas condições de produção e troca – impactaria também no vestuário, que revelaria suas transformações ao longo de todo o século XIX (DAVENPORT, 1948).

A primeira década se inicia na Europa com as guerras napoleônicas em curso (1792-1815). Desde o final do século XVIII algumas mudanças estavam acontecendo nos vestuários masculino, feminino e infantil. Na Inglaterra, havia uma campanha contra os trajes masculinos e femininos prejudiciais à saúde, chamando a atenção para as inconveniências dos saltos altos, naquela época também utilizados pelos homens, e para os perigos do *corset* para as mulheres (BOEHN, 1951).

A principal mudança, no entanto, ocorreu após o discurso do Conde de Mirabeau contra a desigualdade do traje, partindo desse episódio a decisão da Assembleia Nacional de Paris de abolir completamente as diferenças de classe na indumentária. Por consequência, de imediato, reduziram-se todo o luxo e

magnificência que havia revestido o vestuário masculino antes de 1789 (BOEHN, 1951).

Entre 1799 e 1815 surgem os dândis (do inglês *dandies*) na Inglaterra. Os dândis foram aos poucos impondo o novo estilo de vestuário masculino, conhecido pelo ajuste impecável, o que levou os alfaiates ingleses a aperfeiçoar o corte e dar maior atenção aos pequenos detalhes (BOUCHER, 1987). Nas próximas seções será enfatizado como se deu essa influência, em especial quanto ao primeiro quarto do século.

De acordo com Quicherat (1825), duas correntes direcionaram o gosto europeu de beleza no final do século: a anglomania e a valorização do antigo. A anglomania foi motivada em parte pelo gosto da moda elegante de 1799 que veio de Londres, cuja superioridade dos tecidos era considerada indiscutível. No subcapítulo **3.1 A camisa no período de 1791 a 1820** serão expostas mais características dessa corrente.

3.1 A camisa no período de 1791 a 1820

A primeira camisa identificada em acervos de museus a partir de 1791 é a camisa da Figura 73. De acordo com o museu Victoria & Albert, essa peça é de linho, possui um corte quadrado, com gola alta de três botões, franzida no pescoço e punhos. A abertura frontal é fechada com um botão único. Há uma pequena inscrição bordada em linha azul no lado direito da frente, sendo normalmente a sigla do seu proprietário e o ano de confecção da peça (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018k).

Figura 73 - Camisa masculina de linho (Inglaterra), datada de 1791, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.281-1987 (a) frente da camisa; (b) detalhe da frente e gola; (c) bordado da sigla e data.

(a)

(b)

(c)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018k, edição nossa).

A mesma camisa da Figura 73 pode ser visualizada na Figura 74 e na Figura 75, em que se explora alguns detalhes dessa peça. Pelas fotos disponibilizadas pelo museu não se consegue observar detalhes de acabamento próximos ao pescoço, nem a parte de trás da peça, ou a junção das mangas com o corpo na parte de baixo das mangas. No entanto, nas aberturas laterais do corpo que vão até a barra é possível observar o taco lateral da camisa, como mostra a Figura 74.

Figura 74 - (a) Detalhe do taco da abertura lateral da camisa masculina de linho (Inglaterra), datada de 1791, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.281-1987; (b) Ilustração da camisa básica do século XVI, edição nossa.

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2018k) e (b) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54).

Um segundo detalhe que se pode ressaltar nessa camisa é o estilo do franzido ou pregueado junto ao decote preso à gola, chamado de pregas cartucho²⁷. A construção desse tipo de pregueado pode ser visualizada na Figura 75.

²⁷ Mencionado anteriormente no subcapítulo do século XVI e disponível no GLOSSÁRIO.

Figura 75 – (a) Detalhe do franzido da gola da camisa masculina de linho (Inglaterra), datada de 1791, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.281-1987; (b) detalhe ampliado da figura “a”; (c) Ilustração da elaboração de pregas cartucho, edição nossa.

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2018k); (b) Victoria & Albert Museum (2018k, edição nossa); (c) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.53).

No início do século XIX a camisa era muito visível no traje masculino. Quanto maior o volume e os elementos decorativos do *jabot* frontal, mais rico era o cavalheiro. A Figura 76, uma gravura de Philibert-Louis Debucourt (1755-1832) retratando uma cena de transeuntes próximos às casas de ricos patrões em uma manhã cotidiana, é apontada por Davenport como uma imagem que dá uma “clara visão do vestuário adequado a muitas ocasiões” (DAVENPORT, 1948, p.810). Pode-se ressaltar nessa gravura a figura de dois senhores em seus casacos semiabertos, deixando à mostra os volumosos rufos de suas camisas.

Figura 76 – (a) Gravura *Les Courses du Matin*, 1805, Philibert-Louis Debucourt; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

Fonte: (a) Davenport (1948, p.811); (b) destaque nosso.

No entanto, existia uma fina linha que cortava a comunidade em dois, separando o cavalheiro, do trabalhador manual (ou braçal), que passou a ser considerada "antidemocrática" na Europa (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951). Segundo Köhler “ricos e pobres tinham o cuidado de vestir-se da maneira mais despojada possível, pois qualquer pessoa cuja aparência a colocasse sob a suspeita de ser um aristocrata corria risco de vida” (KÖHLER, 1993, p.463).

Dessa forma, a camisa masculina que antes exibia volumosos babados, agora tem sua frente completamente escondida sob o volumoso lenço de pescoço. “Os babados no punho desapareceram finalmente na virada do século. Durante a última parte da década de 1790, nem mesmo um vislumbre de manga de camisa foi mostrado, com a manga do casaco chegando até o punho” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.99, tradução nossa). Como reafirma Köhler “A roupa dos homens também exibia a mesma simplicidade em termos de cor e feitio. A ostentação nos trajes não estava de acordo com o sentimento republicano” (KÖHLER, 1993, p.464).

A influência da anglomanía na moda masculina a partir de 1799, ilustrada na Figura 77, muda o estilo do chamado “homem elegante” por Quicherat (1875), que o descreve da seguinte forma: de costeletas e cabelos curtos, com um pouco de verde ou azul sob medida para o seu corpo, de calça comprida ou calção. Já o homem operário mantém o uso de um traje com poucas variações e com um sentido prático, mais conveniente para o trabalho.

Figura 77 – Homem elegante à moda de 1799, La Mésangère, ilustração.

Fonte: Quicherat (1825, p.637).

O colarinho branco foi associado à burguesia, portanto qualquer traço visível da camisa branca era proibido (CHENOUNE, 1993). O autor descreve, ainda, como os jovens acataram essa resolução com intensidade: “(...) Daniel Jovard, para marcar sua conversão final às ideias da França jovem, subiu ao quarto dele. Ele abriu sua cômoda, amarrou todas as suas camisas e as guilhotinou com uma tesoura” (ibidem, p.50, tradução nossa).

A elegância do traje masculino dessa época se baseava no aparente despojamento, pois se tratava de mostrar a juventude e independência, provocando naturalmente a mais dura desaprovação dos mais velhos, que queriam manter a distinção do traje entre classes. O antagonismo entre essas duas gerações

determinou adiante uma amálgama na moda com a política. O que antes de 1789 seria considerado uma extravagância ou uma rebeldia dos jovens, após essa data é interpretado como uma manifestação da sua convicção política (BOEHN, 1951).

George Brummell (1778-1840), então amigo do Príncipe Regente, o futuro Rei George IV, da Inglaterra, se tornou o árbitro da moda masculina. Brummell definiu dois princípios fundamentais da vestimenta masculina: 1) preservar a limpeza e fino linho; 2) evitar a ostentação no vestir. Sua influência foi tão forte que a nobreza inglesa, mesmo com todo o tempo e recursos disponíveis para gastar em suas vestimentas, não seguiu mais o estilo francês, que era mais elaborado. Muito pelo contrário, a sobriedade do traje foi mantida como referência principal na Inglaterra e disseminada para os demais países europeus (TRUMAN, 1949). Isso ocorreu devido ao protagonismo da moda inglesa passado o período inicial da revolução francesa. O vestuário anglo-saxão se manteve sóbrio e simplificado, enquanto seu vizinho francês retornou às suas influências mais extravagantes.

A Figura 78 mostra duas camisas (sem local) datadas do século XIX, apresentadas por Cunnington e Cunnington (1951). A camisa “(a)” é datada entre 1795 e 1800, já a camisa “(b)” é de 1813. Em alguns casos é possível ter a data exata da fabricação da camisa, por ser comum na época bordar a data na parte interior da peça. Cunnington acredita ser esse o caso da camisa “(b)”, bordada com as iniciais de seu proprietário e o número “13”, considerada como sendo, provavelmente, a data de 1813 (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Cunnington descreve com medidas a camisa da Figura 78 “(b)” datada de 1813 como sendo uma camisa de linho, tendo à frente com 33 ½ pol de comprimento e 12 pol de largura no centro. Os punhos são retos, com 4 pol de largura, reforçados com goma e abotoados na base. Nos ombros há uma faixa estreita de reforço de 1 ¾ pol de largura que vai do pescoço até o topo da manga, além de outra faixa de reforço vertical de 2 pol de largura que desce 10 pol na frente e atrás dos ombros. Um taco no pescoço e abaixo da manga (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Além das observações do autor, pode-se destacar a cava das camisas sendo completamente retas, como vê-se até meados do século XIX. Ainda em relação à Figura 78, a gola é feita em tecido duplo, porém não rígida, similar às camisas dos séculos anteriores. Na camisa “(a)” também é possível notar a ausência dos punhos,

com a barra das mangas apenas embainhada, o que talvez indique a utilização de punhos destacáveis.

Figura 78 - (a) Camisa para casamento c.1795-1800; (b) Camisa masculina, 1813, [S.I.]

Fonte: Cunnington e Cunnington (1951, p.100).

Esse tipo de gola que aparece na Figura 78, projetada para cima, era a forma de vestir mais comum nesse começo de século. Os mais velhos utilizavam com as pontas da gola projetando-se para cima e para frente, com um grande espaço entre as pontas, já os jovens usavam a gola projetando-se bem em suas bochechas, uma das mudanças no vestir disseminadas por George Brummell (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Um exemplo do estilo mais jovem pode ser visto na Figura 79, o retrato de Joseph-Antoine Moltedo, empresário, agente do clero francês no Vaticano e diretor dos correios romanos de 1803 a 1814. Nesse retrato, pode-se observar o excessivo volume da camisa na região do pescoço e a gola quase alcançando as orelhas, detalhes típicos da camisa masculina do início do século XIX (THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, 2019b).

Figura 79 - Retrato de Joseph-Antoine Moltedo, c.1810, Jean Auguste Dominique Ingres, nº de registro: 29.100.23.

Fonte: The Metropolitan Museum of Art (2019b).

Uma caricatura de 1814, representada na Figura 80, mostra uma crítica de Pierre La Mésangère aos exageros do vestuário masculino nesse período, uma de suas diversas caricaturas publicadas na sua série intitulada *Le bon genre* (Paris, França). Aqui os cavalheiros são representados com seus calções largos e drapeados, e suas golas altas que, de forma exagerada, cobrem totalmente a cabeça e a cartola de seu usuário (ITALIANO, 2018).

Figura 80 - Cavalgada de Longchamp, desenho que mostra uma sátira do vestuário masculino no início do século XIX, nº de registro: 102977.

Fonte: Mesangere (1814).

O lenço amarrado em volta da gola ajudava a mantê-la em seu lugar e poderia ser branco, mas também foi visto em cores diferentes. Um exemplo é mostrado na Figura 81, retrato de um professor de direito romano na Universidade de Berlim. A ponta da gola aqui é levemente arredondada. Abaixo da amarração do lenço percebe-se um bordado na frente da camisa, provavelmente na mesma posição do botão. Não foram encontradas mais informações sobre o bordado ou outros detalhes desse retrato no museu (STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN, 2020).

Figura 81 - Retrato de Clemens August Carl Klenze, litografia, Eduard Meyer, c.1800-1815, nº de registro: 14138157.

Fonte: Staatliche Museen zu Berlin (2020).

Essa forma de prender as golas utilizando-se um lenço ou uma gravata amarrada no pescoço também era variada. Por volta de 1792, usava-se uma gravata que dava a volta ao pescoço duas vezes e era amarrada em laço na frente, como pode-se observar na Figura 81. Logo depois, passou a ser utilizada amarrada na parte de trás. Era comum, também, o uso de um lenço de pescoço sobre a gola, geralmente preto, que deixava todo o ornamento tão volumoso que sua circunferência se igualava à da cabeça, deixando o queixo enterrado sob os tecidos, ficando apenas à mostra, uma pequena extremidade da gravata branca usada por baixo (STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN, 2020).

Por volta de 1812, quando essa gravata havia saído de moda, e o excessivo volume no pescoço também, a extremidade branca da gola da camisa passou a ficar visível por baixo do lenço. Essas golas eram de linho ou até mesmo de papel, muito engomadas, a ponto de ficarem em pé de cada lado do rosto. A partir da primeira década do século XIX, o lenço passou a ser amarrado em laço na parte da frente, e

em 1818 tinha um forro bastante largo. Esse forro era endurecido com barbatana ou cerdas de porco, de tal modo que se erguia em arco nos dois lados do rosto (KÖHLER, 1993).

Na Figura 82, um retrato também realizado por Igres de Louis Charles Mercier Dupaty, escultor francês, é possível observar como essas características da gola da camisa são ainda mais acentuadas e exageradas. Davenport (1948) descreve esse retrato ressaltando a gola na altura das orelhas, largos franzidos e imensas gravatas brancas.

Figura 82 - (a) Retrato de Louis Charles Mercier Dupaty, c.1805, Jean Auguste Dominique Ingres. (b) Detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Davenport (1948, p.812); (b) destaque nosso.

Um outro ponto de vista do mesmo cavalheiro, Charles Dupaty, pode ser visualizado na Figura 83, uma litografia realizada por François Louis Dejuinne (1786-1844). A visão lateral do rosto nos permite perceber ainda melhor a altura da gola desde a nuca até a frente, indo de encontro às bochechas, e o lenço amarrado à frente. Embaixo, o *jabot* aparecendo sob a abertura do casaco.

Figura 83 - Charles Dupaty, statuaire: (retrato). François Louis Dejuinne (autor), litografia, início do século XIX, nº de registro: NUM EST 5724.

Fonte: Institut National d'Histoire de l'Art (2020).

O estilo foi registrado pelas revistas de moda da época. O “Diário de moda e vestuário” publicado em Estocolmo (Suécia) de 1818 a 1823, descrito como uma “revista de arte e notícias para cidadãos de todas as classes”, publicava ilustrações do vestuário masculino. Uma delas em especial, disponível na Figura 84, evidencia melhor esse estilo de gola elevada, amarrada com o lenço, que era mais comum neste início de século. A ilustração mostra um pequeno *jabot* aparente sob a abertura da frente do casaco.

Figura 84 – (a) Ilustração de vestuário masculino, Revista de arte e notícias: para cidadãos de todas as classes, ilustração nº44, 1819; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Nordiska Museet (2020a); (b) destaque nosso.

Outras mudanças na camisa também são apontadas por Cunnington e Cunnington (1951), mostrando como a reação aos princípios democráticos influenciou as vestimentas masculinas. Por exemplo, aumentando a visibilidade do punho branco da camisa sob a manga do casaco, ou o fato de se usar pouco os botões dos punhos, deixando também a carcela aberta. “No final deste período, o punho da camisa tornou-se mais visível, e o punho da manga do casaco foi, muitas vezes, deixado desabotoado na lateral” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.102, tradução nossa).

A camisa do museu Bayerisches National (Alemanha), mostrada na Figura 85, é uma peça de linho no corpo e algodão no *jabot* e, provavelmente, na gola. O museu disponibilizou as dimensões da peça da seguinte forma: comprimento (frente) 96 cm / comprimento (costas) 100 cm / comprimento (mangas) 55 cm / largura (costas) 84 cm / circunferência (pescoço) 43 cm / circunferência (bainha) 173 cm. É possível perceber

um recorte horizontal no corpo, aproximadamente na altura da cintura, provavelmente, é o mesmo ponto de onde se inicia a abertura lateral, entretanto não há mais informações disponíveis sobre essa característica da peça. Observa-se que a cava ainda é reta e há um taco abaixo da manga. O fechamento da gola é feito com um botão de madrepérola (BAYERISCHES NATIONALMUSEUM, 2020). Essa camisa foi uma das selecionadas para recriação digital em 3D no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**.

Figura 85 - Camisa de linho e algodão (Paris), datada do início do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/619.

Fonte: Bayerisches Nationalmuseum (2020a).

O maior cuidado com a higiene pessoal fez com que o número de camisas crescesse de forma consistente no guarda-roupa masculino. Cunnington cita o exemplo de um inventário de 1810 do oficial da marinha capitão Fremantle: “36 camisas em seu guarda-roupa, das quais 14 são descritas como ‘grosseiras’, e talvez fossem camisas de dormir. [...] Um cavalheiro bem vestido precisaria de pelo menos duas camisas limpas diariamente” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.102, tradução nossa).

No entanto, foi uma breve fase de pseudo igualdade que não durou. Apesar da

grande disseminação do sóbrio estilo inglês, a distinção de classes começou a reaparecer nas gravatas, até retornar, aos poucos, para todo o guarda-roupa do cavalheiro europeu (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

O que se viu nessa primeira parte do século XIX, analisando-se as peças de acervo de museus e literatura sobre o vestuário dessa época, é ainda uma continuação do estilo de corte do século XVIII com pequenas modificações de modelo. Um exemplo é o traçado apresentado por Waugh (1964) de uma camisa de 1700 a 1810, já apresentado na página 107 (Figura 70) na seção **2.3 Século XVIII**.

3.1.1 Informações sobre obras complementares

Quanto à modelagem da camisa nesse período, não foi identificada nenhuma obra específica desse primeiro quarto do século. A tabela completa com os livros de diagramas, modelagens, ilustrações e registros descritivos consultados está disponível no APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS. Demais fontes de pesquisa sobre a modelagem do século XIX serão apresentadas nas próximas seções.

3.2 A camisa no período de 1821 a 1850

Por volta de 1820, o traje como distinção de classe se reestabeleceu e, junto com ele, o culto da moral e o espírito de pudor (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951). Cunnington e Cunnington (1951) chamam esse momento de "apagão psicológico", pois a linguagem da sociedade se tornou mais seletiva: ninguém poderia dizer "procriação", ou "mentir" sem ser indelicado. "Cólicas" e "intestinos" eram palavras proibidas, se utilizava a palavra "estômago" para identificar tudo. A seleção do vocabulário afetou várias partes do corpo: "‘pernas’ tornaram-se ‘membros’, ‘seios’ tornaram-se ‘seio’ e, como substituto de um termo mais preciso, ‘a parte inferior das costas’ serviu para indicar uma região que confundiu o escritor de moda descritivo desde então" (ibidem, p.120-121, tradução nossa).

Com essas restrições de costume, as roupas interiores só poderiam ser descritas como "linho", perdendo, assim, a possibilidade de muitas informações detalhadas em registro literário (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951). "Era permitido, portanto, usar a palavra ‘anáguas’ e, com cautela, ‘meias’; o resto foi

silêncio” (ibidem, p.121, tradução nossa). Também nesse período o vestuário voltou a realizar o papel de distinção de classe, inclusive nas roupas interiores (ibidem).

O estilo dândi, liderado por Brummell no início do século, continua em alta apesar da ausência do seu líder. “Em Paris, os estilos ingleses permaneceram em moda depois de 1815, mesmo quando Brummell, o ‘deus dos dândis’, fugiu de seus credores e abandonou seu lugar como árbitro supremo da elegância britânica” (BOUCHER, 1987, p.368, tradução nossa).

Uma característica que começa a aparecer aqui é a volta do *jabot*. Ainda em conjunto com a gola alta, presa com um lenço ao pescoço, o *jabot* começa a aparecer sob a abertura do colete com um leve volume, principalmente em eventos noturnos. A Figura 86 é um exemplo disso, uma ilustração da “Revista de Arte e Notícias: para cidadãos de todas as classes” (Estocolmo, Suécia), em uma edição de 1821, em que se vê o volume do *jabot* aparecendo sob a abertura do casaco, abaixo da gola amarrada com o lenço no pescoço.

Figura 86 – (a) Ilustração de vestuário masculino, Revista de arte e notícias: para cidadãos de todas as classes, ilustração nº28, 1821; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Nordiska Museet (2020b); (b) destaque nosso.

De acordo com Davenport (1948, p.801, tradução nossa) “os colarinhos se separam das camisas e começam a ser engomados por volta de 1825. A camisa franzida continua a ser usada, e é necessária para ser usada na corte, mas um fechamento frontal abotoado começa a ser mais interessante”.

O babado *jabot* da camisa voltou à moda, mas já não era tão amplo, e nem plissado como havia sido no século XVIII. O colarinho duro, que se tornaria menos popular a partir de 1830, voltará a ser usado na metade do século, agora curvado para fora (KÖHLER, 1993).

Na Figura 87 pode-se observar uma camisa masculina datada de 1820. Vestida no manequim dentro dos padrões do estilo *dandie*, vê-se as características gerais: seu corpo é de linho, tem manga longa com um colarinho ereto engomado, há um *jabot* franzido duplo na frente, e mangas compridas também franzidas – não visível na imagem, mas disponível na descrição do museu (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018l).

Figura 87 - Camisa feita de linho (Grã-Betanha), datada de c.1821, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.156-1930.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018l).

Cunnington e Cunnington (1951) apresentam três modelos de camisa masculina da primeira metade do século XIX, mostrados na Figura 88. A camisa (a), datada de 1824, é para o uso diurno, feita com linho fabricado em casa (não há mais explicações sobre o tecido), com a gola fixa na camisa, dobrável sobre o colarinho, fechada com dois botões. As mangas possuem 7,5 polegadas de largura, com tacos abaixo das mangas e no encontro dos ombros com o degolo. Os punhos são destacáveis com casas para abotoaduras na base. A camisa (b) é de c.1830, para o uso diurno. Possui 37 polegadas de comprimento e 30 polegadas de largura, colarinho destacável²⁸ com dois botões. As mangas possuem 11 polegadas de largura no meio, com tacos no encontro do ombro com o degolo. Os punhos são destacáveis com um botão na base. A camisa (c) é uma peça de uso diurno, comprimento de 25 polegadas na frente e 35 polegadas nas costas, corte reto. Colarinho com 5 polegadas de profundidade e com dois botões de pérolas. A camisa possui tacos sob as mangas e no encontro do ombro com o degolo. Os punhos são de 2 polegadas de largura abotoados na base. Essa camisa era de um banqueiro de c.1830-40. A abertura da frente é impedida de se abrir ao ter o *jabot* virado para um lado e mantido nessa posição pelo colete.

Cunnington e Cunnington (1951) ainda destacam que, de forma geral, as diferenças entre os estilos diurno e noturno passaram a ser mais evidentes: embora a frente com o *jabot* franzido permanecesse para muitos como parte do vestuário cotidiano durante todo esse período, o homem da moda tendia, cada vez mais, a reservar aquele enfeite para outras ocasiões, usando durante o dia a frente plissada, que começa a aparecer com mais frequência e será vista até o final do século, como um modelo presente no guarda-roupa masculino.

²⁸ Ver GLOSSÁRIO

Figura 88 - Camisas masculinas; (a) Camisa de uso diurno, 1824; (b) Camisa de uso diurno, c.1830; (c) Camisa de uso diurno, c.1830-40

Fonte: Cunnington e Cunnington (1951, p.124).

A camisa da Figura 89 é feita em linho, com babados de musselina na abertura frontal e no punho, ambos destacáveis, de acordo com o museu. A gola alta e o colarinho formam uma peça inteira, assim como nas camisas do mesmo período já mencionadas. Conforme a descrição da peça, feita pela equipe do museu, foi encontrada, junto com a camisa, uma gravata amarrada, como era costume de uso nesse período. A gola tem fechamento por dois botões e a camisa tem o pescoço e punhos franzidos e volumosos (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018m). Ainda conforme a descrição do museu, o *jabot* da frente se projeta sobre o colete ao vestir. A camisa é bordada com uma coroa para mostrar que pertencia a um membro da nobreza (ibidem). A fotografia não mostra detalhes da cava e da cabeça das mangas.

Figura 89 - Camisa de linho (Inglaterra), datada de 1830, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.97-1963

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018m, edição nossa).

Apesar da ausência de mais fotos com detalhes dessa camisa, pode-se perceber a presença do taco da gola, utilizado como reforço da costura (Figura 90). Nota-se a presença de uma tira de tecido aplicada sobre a costura dos ombros, da gola até o final dos ombros, passando por cima do taco.

Figura 90 – (a) Detalhe do taco da gola da camisa de linho (Inglaterra), datada de 1830, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.97-1963; (b) Ilustração da gola e detalhe do ombro da camisa, edição nossa.

(a)

(b)

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2018m); (b) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54).

A camisa apresentada na Figura 91 é, também, parte do acervo do museu Victoria & Albert. Um item considerado pela instituição como um clássico do estilo de camisa masculina de meados dos anos 1840: com sua gola alta, franzidos no corpo e mangas. A peça poderia ser utilizada com um colete de decote mais baixo, mostrando totalmente o *jabot* frontal, ou com um colete e casaco mais fechados na frente e uma gravata amarrada por cima (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018n).

Figura 91 – (a) Camisa masculina vista de frente (Grã-Betanha), datada de 1846, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T104-1934; (b) Camisa masculina vista de costas.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018n).

O franzido na linha do decote da camisa da Figura 91, na costura com a gola, é mais concentrado no centro da frente e das costas da camisa, não sendo igualmente distribuído pela circunferência, o que reduz o volume nos ombros do seu usuário. Nas fotografias da peça ficam visíveis os tacos da abertura lateral do corpo e, também, os tacos das carcelas das mangas, como evidenciado na Figura 92.

Figura 92 - (a) Detalhe do taco da carcela da manga e da abertura lateral da camisa (Grã-Betanha), datada de 1846, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T104-1934; (b) Ilustração do detalhe do taco lateral da camisa básica do século XVI, edição nossa.

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2018n); (b) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54).

A camisa com a frente plissada, ou pregueada, também aparece em exemplares do período, tendo sido, também, pesquisada por Italiano e Viana (2015) no Museu Nacional do Traje (Portugal). Os autores analisaram uma camisa masculina do início do século XIX e elaboraram a modelagem dessa peça, além de confeccionarem um protótipo. Este estudo permite observar melhor todos os detalhes de uma camisa do período. A Figura 93 mostra o desenho técnico da camisa estudada pelos autores. Esse item é apresentado neste capítulo da pesquisa devido ao surgimento da pala frontal, ou do peitilho, plissado e quadrado nesse período do século XIX, como é o caso deste modelo da Figura 93.

Figura 93 - Desenho técnico da camisa de civil, c.1800 (frente e costas).

Fonte: Italiano e Viana (2015, p.146).

Esta camisa apresenta, também, reforços em tecido, em determinadas partes das costas. As costuras que prendem estes reforços e os tacos do ombro podem ser vistos na Figura 94(a). Os tacos da abertura lateral da camisa são mostrados na Figura 94(b). Apesar de não estarem presentes nas fotos, sabe-se, pelo desenho técnico (Figura 93), da presença de tacos também embaixo das mangas, no encontro com o corpo da camisa. Mais informações sobre a construção dessa camisa foram dispostas no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**, em que esse modelo foi um dos selecionados para a recriação digital em 3D.

Figura 94 - (a) Tacos do decote e ombros da camisa civil; (b)Tacos da abertura lateral da camisa civil; c.1800.

Fonte: Italiano e Viana (2015, p.148-149).

A Figura 95 mostra outra camisa com o peitilho pregueado, de tecido mais leve, de cambraia. Sua gola e colarinho são inteiriços e a ponta da gola é arredondada, com fechamento de dois botões. A frente da peça tem pala pregueada, com abertura frontal. Abaixo da abertura, possui um franzido a partir do recorte e um tipo de lingueta, que em alguns momentos era utilizado para prender a camisa na roupa interior masculina através de uma casa de botão. Dessa forma, a camisa era mantida sempre esticada no corpo, principalmente na parte que ficava visível. As mangas são compridas com punhos, que possuem um detalhe decorativo do mesmo tecido (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018o).

Figura 95 – (a) Camisa de cambraia (Inglaterra), datada entre 1820 e 1840, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.474-1995; (b) detalhe da frente da camisa.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018o).

A próxima camisa apresentada pertence ao Museu Nacional dos Coches (Portugal), que possui em seu acervo 30 camisas de Uniforme da Casa Real de Portugal, exemplares que seguem o padrão da Figura 96: colarinho duplo dobrável de ponta reta, camisa com abertura frontal no peitilho até a altura do peito que possui pequeno *jabot* fixo, punhos retos com abotoamento simples.

Figura 96 – Camisa de Uniforme da Casa Real (Portugal), datada do século XIX, Museu Nacional dos Coches, Portugal, nº de registro F 2260.

Fonte: Museu Nacional dos Coches (2018a).

Uma segunda camisa do acervo do Museu Nacional dos Coches, descrita como “Camisa de Uniforme da Casa Real”, é mostrada na Figura 97, estando dobrada, com as mangas sobrepostas à frente, revelando apenas um pouco da gola, decote e punhos. Segundo a descrição do museu essa peça é de colarinho curto e carcela lisa (MUSEU NACIONAL DOS COCHES, 2018b). Aparentemente, uma diferença em relação a camisa da Figura 96 seria a ausência do pequeno *jabot* frontal e um maior franzido nos punhos da manga.

Figura 97 – Camisa de Uniforme da Casa Real (Portugal), datada do século XIX, Museu Nacional dos Coches, Portugal, nº de registro F 2511.

Fonte: Museu Nacional dos Coches (2018b).

Entre 1840 e 1850, os adornos de pescoço eram livres, e diziam muito sobre o gosto pessoal do seu usuário. “Alguns homens usavam gravatas, enquanto outros preferiam o lenço amarrado em laço na frente. Por volta de 1848, o pescoço ficava quase que a descoberto, e os homens passaram a usar gravatas estreitas ou formando um pequeno laço ou nós” (KÖHLER, 1993, p.514). As gravatas eram mais populares entre os jovens, enquanto os lenços eram mais populares entre os mais velhos (ibidem).

Utilizado principalmente em eventos noturnos, o *jabot* era o elemento decorativo que substituíria as gravatas nessa ocasião. Os punhos combinando com o *jabot* completavam os acessórios do traje. As peças da Figura 98 são de renda mecânica de algodão, cor creme, formando motivos florais e vegetalistas. O *jabot* é preso ao pescoço com uma tira de algodão branco, enquanto os punhos são fechados com um botão simples (MUSEU NACIONAL DO TRAJE, 2018c).

Figura 98 – (a) *Jabot* de camisa masculina (local desconhecido), datado do século XIX, Museu Nacional do Traje, Portugal, nº registro 13727; (b) Punhos de camisa masculina (local desconhecido), datado do século XIX, Museu Nacional do Traje, Portugal, nº registro 13728.

(a)

(b)

Fonte: (a) Museu Nacional do Traje (2018c); (b) Museu Nacional do Traje (2018d).

Sobre os lenços e gravatas desse período, Köhler comenta que os lenços foram abandonados, e as gravatas encorpadas passaram a ser usadas. “Nos bailes e nas grandes ocasiões os homens usavam gravatas de cetim branco. Para o dia a dia, eram feitas de tecido mais escuro e barato e não tinham laço na frente” (KÖHLER, 1993, p.511). O autor afirma que o uso dessas gravatas eliminou a necessidade de que as camisas fossem totalmente brancas. Os *jabots* foram utilizados desde o início do século XVIII, mas quando saíram de moda, a frente da camisa não ficava exposta. “Era coberta por um ‘peito postiço’ que podia ser mais facilmente trocado e que também era mais fácil de lavar do que a camisa toda. Esse peito postiço era feito de linho rústico” (KÖHLER, 1993, p.511)

Segundo Cunningham e Cunningham (1951) os “peitos postiços” foram utilizados na moda masculina até aproximadamente 1850 e Köhler afirma que foi nesse período que eles desapareceram e “o peitilho intercalado, cujo linho era melhor do que o do restante da camisa, ficava à vista na abertura do colete” (KÖHLER, 1993, p.514).

Quanto aos colarinhos das camisas nesse período, Cunningham comenta que se manteve o colarinho preso à camisa e alto o suficiente para ser dobrado sobre a gravata. “Há algumas evidências, no entanto, de que o colarinho destacado não era desconhecido” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.124-125, tradução nossa).

Houve uma inovação no período em relação às camisas masculinas, mas não foi identificado um registro iconográfico para corroborar com a fala dos autores e para melhor compreensão. De qualquer forma, deixa-se aqui a citação de Cunningham e Cunningham sobre o assunto:

Uma novidade importante foi introduzida, uma forma primitiva de 'camisa esportiva', conhecida como 'camisa aquática', destinada ao rio, mas adotada pelo jovem fora de moda, na década de 1830. A forma correta tinha listras estreitas, azuis e brancas, e vermelhas e brancas, ou xadrezes de algodão, e o colarinho e os punhos não eram visíveis. (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.125, tradução nossa).

Segundo os autores, o período de 1840 ao início dos anos de 1850 apresenta uma reviravolta na camisaria masculina. Esse período, surge como o momento em que as modas pareciam fazer uma pausa, tendo já o vestuário estabelecido uma base sólida de um conjunto de trajes que indicavam a prosperidade da classe média. Segundo os autores, “A parte inferior da camisa foi cortada reta até cerca de 1850, quando se tornou curva, às vezes marcadamente, uma forma que continuou até a primeira Guerra Mundial” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.105, tradução nossa).

Já próximo de 1850 algumas camisas identificadas nos acervos de museus anunciam as características do próximo período do século XIX, com o peitilho da frente bordado e quadrado ao invés do peitilho plissado ou arredondado. O primeiro exemplo é a camisa da Figura 99, que foi utilizada por um cavalheiro chamado de Sr. Eeles para o seu casamento em cerca de 1848. A frente fina e branca de cambraia é bordada à mão com um motivo de três folhas que se repete regularmente. Era usado com um colete de cetim de seda, cor creme, bordado com um desenho de lírios do vale e bem-me-quer. Essas flores eram populares para casamentos, pois o bem-me-quer simbolizava o amor verdadeiro e o lírio do vale representava pureza de coração e felicidade (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018p).

Figura 99 – (a) Camisa de casamento (Inglaterra provavelmente), datada de c.1848-1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.561-1919; (b) detalhe do bordado da camisa,

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018p).

A Figura 100 mostra a frente de uma camisa bordada usada pelo pai do doador, Edward Morley Perkins, quando se casou com Octavia Shuter em Coulsdon (Inglaterra) em 9 de novembro de 1848. Segundo o museu, durante o início do período vitoriano, muitos noivos escolheram camisas como essa para vestir em seus casamentos. As frentes da camisa, normalmente bordadas à mão em algodão branco, eram visíveis acima da borda superior do colete do usuário. Esta frente de camisa é lindamente trabalhada com nozes e folhas de carvalho em uma variedade de pontos texturizados. As nozes são trabalhadas em ponto acetinado e de botoeira, enquanto as folhas de carvalho são preenchidas com uma massa densa de pequenos nós. As nozes eram um símbolo de boa sorte, e as folhas de carvalho representavam constância, força e longevidade, tornando-as uma escolha muito favorável para um noivo (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018q).

Figura 100 – Frente de camisa de casamento (Grã-Betanha), datada de c.1848-1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.147-1925 (a) detalhe 1; (b) detalhe 2.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018q).

Quanto à modelagem da camisa masculina nesse período, pode-se citar o estudo da camisa do Museu Nacional do Traje realizado por Italiano e Viana (2015), disponível na Figura 101. De acordo com os autores, essa peça tem um detalhe muito especial na costura do ombro, na base do pescoço, além de serem dadas outras informações do modelo com fotos do protótipo confeccionado (ITALIANO; VIANA, 2015). Tais informações auxiliam na reconstituição da peça. Essa modelagem representa a camisa já mostrada neste subcapítulo na Figura 93 e na Figura 94, selecionada para recriação digital em 3D no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**.

Figura 101 – Moldes da camisa civil, c.1800. Modelagem: Isabel Italiano e Desirée Bastos.

Fonte: Italiano e Viana (2015, p.147).

Como pode-se observar, o segundo quarto do século XIX permanece como uma continuação do estilo visto dos períodos anteriores, salvo variações como o peitilho da frente retangular e, geralmente, plissado. É a partir da segunda metade do século XIX que a camisa masculina sofre modificações estruturais, como será visto a partir do subcapítulo **3.3 A camisa no período de 1851 a 1882**.

3.2.1 Informações sobre obras complementares

Foram também pesquisadas as seguintes obras: “*Rules and directions for cutting men's clothes, by the square rule (...)*” de Jones (1822); “*The Art of Tying the Cravat*”, de Le Blanc (1829); “*The whole art of dress*” de 1830; e “*A practical guide for the tailor's cutting-room*” de Coutts (1845). Desses títulos, não identificamos informações específicas sobre a camisa masculina.

Outras obras identificadas como potenciais para estudo da camisa masculina da primeira metade do século XIX são: “*The Tailor's Masterpiece, or the Art of Cutting*

all kinds of Coats, Waistcoats, Children's Dresses, Military, Hussar, and other Jackets” de Walker (1835); e “*Livre du tailleur, guide complet du tracé de la coupe et de la façon des vêtements...*” de Canneva (1838). A tabela completa com os livros de diagramas, modelagens, ilustrações e registros descritivos consultados está disponível no APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS.

3.3 A camisa no período de 1851 a 1882

A partir da metade do século, em toda a Europa, o vestuário mostrou as primeiras tendências ao internacionalismo. Apesar da Inglaterra ainda mostrar algumas características especiais em relação à moda nacional, outros países, influenciados pelos estilos franceses, não possuem tanta força nas tendências locais (BOUCHER, 1987).

Em meio a esse movimento, surge um traje na moda masculina, e com ele uma camisa, que se tornaram o novo uniforme do cavalheiro: o ‘*Tweedside*’, ou precursor do ‘traje de salão’. Devido ao crescimento das viagens ferroviárias, tornou-se necessário um tipo de traje menos exigente, e com ele uma camisa e gola projetada para facilidade e movimento. É possível notar o início de uma simplificação da camisa masculina utilizada no dia a dia, que estava perdendo sua importância e abrindo espaço para o seu vizinho, o colete. Somente no vestuário de noite a camisa mantinha sua antiga distinção de classe (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

A Figura 102 mostra exemplos de colarinhos e gravatas de c.1850 em que é visível notar como aparece a parte da frente da camisa, dependendo do decote do colete. O colarinho é muito similar nos retratos, tocando a parte inferior do queixo e deixando uma abertura de alguns centímetros no centro da frente. Segundo Boucher, “(...) o pescoço alto estava coberto por uma gravata simples ou florida, em seda preta ou madras²⁹, a menos que os dois pedaços se fundissem em uma gravata de couro” (BOUCHER, 1987, p.368, tradução nossa).

²⁹ Ver GLOSSÁRIO.

Figura 102 - Colarinhos e gravatas, retratos de c.1850, artista desconhecido; (a) Retrato de Lord Carlisle; (b) Retrato de Mr. Phelps; (c) Retrato de Mr. Shee; (d) Retrato de Mr. Gladstone.

Fonte: Cunningham e Cunningham (1951, p.139).

Outros estilos de camisa também existiam nesse período: além da já mencionada frente plissada, ou pregueada, poderiam ter a frente enriquecida com bordados em linha. Normalmente não havia fechamento em botão na frente, sendo a camisa fechada por uma gravata branca enrolada duas vezes ao redor do pescoço, cruzando a frente do pescoço entre as pontas do colarinho. Quando a camisa era abotoada, eram usadas cerca de duas ou três abotoaduras de ouro, ligadas por correntes (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Pode-se notar a decoração de bordado em linha, na frente da camisa, no item disponível no museu Victoria & Albert, mostrado na Figura 103. A descrição física do item, feita pelo museu, aponta as características da camisa de linho branco, com gola média, com abertura frontal até a cintura no centro da frente. Nela, há uma pala (ou peitilho) bordado em linha branca, com motivos de folhagens e pássaros. Há dois botões de pérola no colarinho e orifícios para abotoaduras no pescoço e nos punhos. O comprimento da camisa nas costas é maior que o da frente e existem aberturas laterais no corpo da camisa. As cavas são retas, possuem taco de reforço abaixo do braço (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018r).

Figura 103 – Camisa vista de frente (Inglaterra), datada de c. 1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.94-1963

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018r).

Os detalhes de bordado em linha, na frente da camisa, ficam mais visíveis na Figura 104, bem como as casas para utilização das abotoaduras. Os motivos são botânicos, aparecem folhas de videira, alguns frutos, e um tipo de ave em diferentes posições ao longo do bordado. Mais informações sobre a construção dessa camisa foram dispostas no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**, em que esse modelo foi um dos selecionados para a recriação digital em 3D.

Figura 104 – (a) Frente da camisa ampliada (Inglaterra), datada de c. 1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.94-1963; (b) detalhes do bordado da camisa.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018r).

A próxima camisa, mostrada na Figura 105, também do acervo do museu Victoria & Albert, possui sua frente decorada. Na descrição do museu consta, na indicação de materiais, “algodão com decoração em tecido”, não sendo, portanto, um bordado, mas um trabalho decorativo feito no próprio tecido somente nas duas tiras recortadas da frente. As fotos disponíveis não mostram a peça por inteiro, limitando a visão à frente superior da camisa, colarinho e punho da manga. Possui botões para fechamento do colarinho, mas a frente e os punhos possuem apenas as casas para fechamento com abotoaduras. Esse modelo não possui gola fixa, provavelmente, tinha um botão na parte de trás do pé de gola para prender uma gola postíça.

Figura 105 – (a) Frente da camisa (Inglaterra), datada de c. 1850s, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.393-1985; (b) detalhe do punho e manga da camisa.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018s).

A camisa da Figura 106 é ricamente decorada na parte frontal, com bordados em linha de motivos botânicos. Possui, ainda, um diferencial: sua abertura frontal não é reta, como a maior parte das camisas, mas ondulada, seguindo o padrão dos desenhos que enfeitam a frente. Essa ondulação permite o encaixe da abertura perfeitamente aos motivos botânicos, de forma que quase não se vê a sua abertura frontal. Pode-se destacar também o formato da gola e colarinho, que aqui já são mais estreitos e delicados, se aproximando do formato mais difundido no século XX. Não há outras imagens dessa camisa disponíveis no museu, portanto não há como saber mais detalhes da sua modelagem ou de construção da peça.

Figura 106 – (a) Frente da camisa (Inglaterra), datada de c.1800-1850, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro 1112-1904; (b) detalhe da abertura e bordado.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018t).

A Figura 107 é a frente do que antes foi uma camisa masculina, tendo sido conservada dessa forma pelo museu por ser um item encontrado atrás de uma lareira durante a demolição de uma fazenda em Berkshire. É uma peça de cambraia fina bordada com fios de algodão branco. No centro há uma faixa estreita com três orifícios para botões, decorados com flores e outros ornamentos. Em ambos os lados há pergaminhos frondosos e hastes florais entrelaçadas, dentre as quais um cavaleiro e uma dama a cavalo, dois homens com falcões nos punhos, cães e faisões suspensos (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018u).

Figura 107 – Frente de uma camisa masculina, (Grã Betanha provavelmente), datada de c. 1800-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro 740-1902

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018u).

A partir de 1840 surgem as abotoaduras para os punhos e na camisa noturna foi introduzido o colarinho cortado mais alto na frente do que atrás. Os colarinhos e punhos destacáveis são mais comuns nesse período (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

A camisa para uso diário comum foi pouco a pouco sendo definida como “uma camisa com finos plissados verticais em cada lado da parte central estreita” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.138, tradução nossa). Os autores detalham um desses modelos na Figura 108 com suas medidas e demais características:

Um exemplar no Museu da Cidade, Hereford, de cerca de 1850, é de linho fino: comprimento 94 cm, largura 71 cm. O colarinho, de 2,5 cm de profundidade, é engomado e tem dois painéis de plissados verticais e três caseados no centro. Os punhos, também engomados, são virados para trás, com um botão na base e orifícios na borda. A peça é costurada à mão na sua totalidade (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.140, tradução nossa)

Figura 108 - Camisa masculina c.1850-1860, local desconhecido.

Fonte: Cunnington e Cunnington (1951, p.141).

A partir de 1850, o corte da camisa masculina começa a mudar. Cunnington e Cunnington (1951) apontam que a parte do corpo da camisa, antes cortada reta na lateral, passa a ser cortada com uma curva profunda, tanto na frente quanto nas costas. Essa afirmação pode ser verificada em uma ilustração para propaganda de uma camisa auto ajustável (Figura 109), em que é possível observar a barra das costas mais comprida do que a barra da frente, ambas arredondadas. Segundo Cunnington e Cunnington (1951), essa curva nas barras persistiu até o século XX, período de publicação da sua obra.

A camisa da Figura 109 tem também as cavas curvas, que só se tornarão mais comuns por volta de 1870. Waugh (1964) mostra a modelagem de uma camisa datada de meados de 1870, com as cavas curvas³⁰. O mesmo ocorre com o formato da cabeça da manga, que segue o formato da cava. Ou seja: (a) cabeça da manga reta,

³⁰ Modelagem disponível no final deste subcapítulo na Figura 127.

para as cavas retas; e (b) cabeça da manga ligeiramente curva, para as cavas mais curvas.

Figura 109 –Camisa auto ajustável Gorget, 1853, ilustração.

Fonte: Cunningham e Cunningham (1951, p.142).

A transformação na forma, de corte reto para linhas curvas, resulta em certo desperdício de tecido, visto que o encaixe dos moldes já não permite o máximo de aproveitamento da matéria prima no corte da peça como acontece com a modelagem retangular.

Desde o final do século XVIII o consumo de têxteis sofreu transformações e a produção se intensificou devido à expansão industrial, primeiramente na fiação de algodão e que, conseqüentemente, culminou numa automatização também da etapa de tecelagem (HOBSBAWM, 2012). Segundo Watt (2004), as invenções do período aplicadas na indústria têxtil resultaram em produções de tecido em larga escala que eram mais rápidas e econômicas. Da mesma forma, Boucher (2010) reafirma o papel de tais inovações no incremento da produção e destaca sua importância para a fiação de algodão da época. Tal fibra, mais barata e de qualidade, contribuiu para que as produções de lã, linho e seda, apenas citando algumas, enfrentassem problemas para se ajustar às transformações da indústria, conforme afirma Jenkins (2003). Um exemplo do barateamento dos preços pode ser visto em registros de produtos ingleses que mostram o preço do algodão (fibras, fios e tecidos prontos) entre 1876 e 1884, que indicam queda nos preços (TREASURY DEPARTMENT, 1885).

Quanto à produção de vestuário, Lipovetsky (2009) afirma:

Desde os anos 1820 instala-se na França, à imitação da Inglaterra, uma produção de roupas novas, em grande série e baratas, que conhece um verdadeiro impulso depois de 1840, antes mesmo da entrada na era da mecanização com a introdução da máquina de costura por volta de 1860 (LIPOVETSKY, 2009, p.81).

Considerando esse contexto, não apenas o preço – mais acessível devido à produção mais rápida e em maior escala – poderia ter sido um determinante para as modificações na modelagem da camisa masculina, como, também, o aumento na velocidade da produção, que facilitou o acesso à compra de tecido.

Outra característica da camisa que se intensifica nesse período é o peitilho plissado, ou pala da frente plissada, e em formato retangular, que se tornam mais comuns para o uso do dia a dia. A Figura 110 é a ilustração de uma camisa que pertence a um conjunto de diversas ilustrações alemãs de 1862. Observa-se como o colarinho tem um padrão muito próximo ao utilizado a partir do século XX. Nesse modelo, os punhos possuem abotoamento duplo.

Figura 110 - Camisa masculina, c.1862, ilustração.

Fonte: Davenport (1948, p.906).

A camisa da Figura 111, da mesma forma, é a ilustração de uma camisa, dessa vez da revista Harper's Bazaar, edição de 26 de setembro de 1868. É possível observar o peitilho destacável plissado, o colarinho estreito e punhos duplos dobrados. Aqui também está presente a lingueta para prender a camisa à roupa íntima, a fim de

mantê-la esticada, uma característica que começa a aparecer nas camisas masculinas a partir desse período.

Figura 111 - Camisa masculina, 1868, ilustração.

Fonte: Victoriana Magazine (2019a).

A camisa da Figura 112 é uma amostra em tamanho reduzido de camisa masculina confeccionada pelo museu Victoria & Albert (a escala não é informada pelo museu). Como mostra o bordado lateral em azul, essa amostra se refere a uma camisa de 1878. Pode-se observar a mesma curvatura na região da cintura e na barra, conforme visto na Figura 109 e na descrição de Cunningham e Cunningham (1951). A peça possui tacos de reforço na abertura da costura das mangas e na lateral do corpo. Não possui tacos abaixo das mangas, mas as cavas, já arredondadas, são reforçadas com uma espécie de revel em toda a costura, que funciona como um reforço.

Figura 112 - Amostra de camisa (Inglaterra), datada de 1878, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.415-1976.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018v).

Eram também utilizadas camisas com a frente totalmente lisa, quando não havia a intenção de se mostrar uma grande parte da peça e o corte do colete era bem alto. Cunningham descreve o vestuário do Marquês em *Hillingdon Hall* da seguinte forma: "Um imenso alfinete de pérola prendeu as pontas dobráveis de um lenço de cetim lilás com as flores, quase ocultando o elaborado acabamento de sua camisa". Para ocasiões informais, ele usa "uma camisa listrada rosa" (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.138).

Um exemplo é a camisa da Figura 113, do acervo do museu Bayerisches National (Alemanha), datada pelo museu como século XIX. A origem registrada dessa peça é da Inglaterra, e foi descrita pelo museu tendo as seguintes medidas: comprimento (frente) 99 cm / comprimento (costas) 103 cm / comprimento (mangas) 61 cm / largura (costas) 79 cm / circunferência (pescoço) 40 cm / circunferência (bainha) 161 cm. A frente da camisa é totalmente lisa com abertura frontal até a metade do peito, e já não há o franzido na costura da camisa com a gola, portanto o corpo da camisa é menos volumoso. No entanto, ainda está presente o pequeno taco no encontro da costura do ombro com a gola. A manga é franzida na cabeça e no

encontro com os punhos, e os punhos são arredondados. A cava é reta com taco de reforço abaixo da manga. O comprimento da frente é ligeiramente menor que o comprimento das costas e o corpo possui abertura lateral, com reforço de um pequeno taco.

Figura 113 – Camisa masculina (Inglaterra), datada do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº de registro: 96/622.

Fonte: Bayerisches Nationalmuseum (2020b).

Um segundo exemplo de camisa com a frente lisa é mostrado na Figura 114, uma camisa masculina que, nesse caso, possui um ligeiro franzido na gola, que dá leve volume ao corpo. Observa-se que os punhos são retangulares, as mangas são franzidas no punho e na cabeça da manga. O comprimento frente e costas são iguais, e o corpo possui abertura lateral, com reforço de um pequeno taco.

Figura 114 – Camisa masculina (Inglaterra), datada do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº de registro: 96/621.

Fonte: Bayerisches Nationalmuseum (2020c).

O que pode parecer o início de uma simplificação das camisas, se torna também uma crescente elaboração das gravatas e lenços de pescoço. Davenport detalha a trajetória das gravatas ao longo dos anos:

As gravatas inventadas saem de moda antes de 1850. O lugar delas é tomado pela gravata comum nos dias de hoje, que no início é um pouco macia e cheia, tornando-se mais plana e estreita nos anos 60. O nó Four-in-hand [também conhecido como “nó americano”], e gravatas como a Ascot [também conhecida como gravata lenço], usada por muitos atualmente em casamentos, aparecem pelos anos 60 usados com um alfinete. A antiga gravata preta stock [enrolada no pescoço como um lenço] continua sendo usada por homens idosos até 1870, com a gola virada para baixo sobre ela [...]. Em 1848 o colarinho é muito baixo, descobrindo o pescoço. (DAVENPORT, 1948, p.802, tradução nossa).

A partir de 1860 as gravatas passam a ser fundamentais na distinção social. Cunnington e Cunnington (1951) destacam que em muitas fotografias do período havia uma “considerável diversidade no estilo de camisa e colarinho” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.160). O autor segue destacando algumas personalidades

importantes com profissões eruditas que usavam o colarinho ereto, sendo que os mais velhos chegavam a ter as pontas das golas encostadas nas bochechas. A escolha de envolver o pescoço com uma faixa era a preferência dos cavalheiros que utilizavam a gola alta (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Waugh (1964) apresenta uma diversidade de colarinhos e gravatas, usadas com ou sem goma até quase o final do século. Algumas delas são mostradas na Figura 115 e apresentadas da seguinte forma: (fig. 4) “*À l’americaine*” um laço simples engomado de tecido listrado; (fig. 5) “*Collier de Cheval*” gravata preta, listrada ou com poás, usada sem goma, mas com um reforço; (fig. 6) “*À la Byron*” gravata preta ou branca, não engomada, usada no verão e para longas viagens; (fig.7) “*Em Cascade*” gravata não engomada, usada por criados ou mordomos; (fig.8) “*À la Bergami*” dobrada e com as pontas amarradas atrás das costas; (fig.9) “*De Bal*” gravata branca, dobrada e levemente engomada, amarrada nas costas ou presa em encaixes (não especificados); (fig. 10) “*Mathématique*” gravata preta de tafetá dobrada sobre um reforço; (fig.11) “*À la Gastronomes*” gravata não engomada, mas usada com um reforço, em que o nó é elástico para que possa ser afrouxado em casos de indigestão, desmaios, e outros motivos.

Figura 115 – Gravatas, 1800-1900, ilustração.

Fonte: Waugh (1964, p.120).

A partir dos anos 1860, a frente plissada da camisa passa a desaparecer, e a camisa passa a ter a frente lisa e não engomada (pelo menos na camisa do dia a dia). Os colarinhos deixam de tocar a bochecha, chegando apenas até a altura da

mandíbula, liberando um pouco mais o movimento do pescoço (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Para o vestuário cotidiano era utilizado o colarinho baixo com um ponto de encontro no centro e a gola formando uma pequena abertura em V invertido, ou uma gola dupla baixa. Com o terno *Tweedside*, por exemplo, o casaco era visível e a gravata escondia o pequeno espaço da frente da camisa acima do casaco. Os punhos eram levemente engomados e fechados por abotoaduras, muitas vezes cravejados de joias (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951). Alguns colarinhos e punhos foram registrados em ilustração pela revista Harper's Bazaar da época, conforme mostra a Figura 116. A ilustração disponível na Figura 116(c) representa a gola com abertura em V invertido, como descrito por Cunningham e Cunningham, chamada em outros momentos pelos autores de “colarinho alado”.

Figura 116 - Colarinhos e punhos masculinos, 1868, ilustração.

Fonte: Victoriana Magazine (2019b).

Davenport corrobora com essa mudança na camisa masculina, afirmando que o novo interesse no queixo está relacionado a mudanças na camisa e no colarinho. Ao longo do tempo, surgiram camisas com a frente embutida de linho plissado como um babado, sem ter o peitilho rígido (DAVENPORT, 1948). A Figura 117 mostra à esquerda (a) uma camisa utilizada para a noite, com o colarinho alado, mais baixo, dando mais movimento para o pescoço. O colarinho foi preso com uma gravata tipo borboleta. A frente possui um plissado embutido, provavelmente, mais decorativo do que das peças utilizadas durante o dia. À direita (b) vê-se uma ilustração que mostra um traje noturno masculino desse período, em que se pode afirmar ser uma camisa muito similar à camisa da foto (a). Ambas as imagens são de livros de Cunningham, porém de títulos diferentes, e se complementam aqui a fim de mostrar a camisa em questão, no contexto de uso.

Figura 117 – (a) Camisa para noite, colarinho e gravata, de Welch, Margetson & Co, c. 1860; (b) ilustração de traje masculino para eventos noturnos de c.1850.

(a)

(b)

Fonte: (a) Cunnington e Cunnington (1951, p.160); (b) Cunnington e Cunnington (1959, p.156).

O uso do *jabot* nessa época é menos comum, mas ainda se mostra presente na moda masculina. A camisa da Figura 118 é um exemplo desse tipo de camisa, com o *jabot* fixo. As cavas possuem taco abaixo das mangas e a barra da camisa na parte inferior é aberta nas laterais, sendo a parte traseira mais comprida do que a frente. A modelagem do corpo é totalmente reta, possibilitando o movimento do corpo apenas devido a uma folga de conforto. Na descrição do museu há informações sobre esse item e sobre as camisas do período, de uma forma geral:

As camisas-vestido eram geralmente feitas de linho branco ou algodão. As frentes das camisas eram às vezes perfeitamente lisas, às vezes ligeiramente plissadas ou enfeitadas, e sempre engomadas. As frentes das camisas pareciam com uma armadura e, também, ajudaram a proporcionar uma linha mais elegante às roupas. Na década de 1880, as elaboradas frentes das camisas tornaram-se um adorno necessário para a camisa de um cavalheiro elegante. O cavalheiro que usava esta peça, pode ter possuído várias camisas semelhantes. Isso porque elas tinham que ser lavadas, engomadas e passadas regularmente para manter sua brancura brilhante, pregas e babados. Para aqueles que não podiam arcar com as despesas de comprar e lavar camisas extravagantes, havia sempre a frente da camisa ou o '*dickey*' [peitilho]. Estes eram destacáveis e escondiam uma camisa suja, transformavam uma camisa diurna em um traje de noite ou até escondiam uma camisa colorida ou listrada. Quase todos os fabricantes de camisas os

fabricavam; eles eram mantidos no lugar por uma combinação de fitas e laços que passavam por passantes. No final do século XIX, a maioria das camisas da moda era feita por empresas como a Welch Margetson, a Foster Porter & Co. e a McIntyre Hogg & Co. Cassell's Household (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018, tradução nossa).

Figura 118 – Camisa masculina (Londres, Inglaterra), datada de 1866-1890, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.208-1972.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018x).

O site do Museu ainda comenta que as camisas feitas em casa foram perdendo espaço, principalmente devido ao fato de que eram de baixa qualidade (se comparadas àquelas compradas nas lojas), desconfortáveis, ficando desarrumadas e logo sujas. Assim, “a supremacia que as camisas feitas na loja, como são chamadas, obtiveram sobre a produção caseira, é devido à superioridade do seu corte” (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018x, tradução nossa).

A camisa da Figura 119 faz parte da coleção do museu nacional Bayerisches (Alemanha), sendo originária de Paris, datada do século XIX. O museu forneceu as seguintes medidas da peça: comprimento (frente) 100 cm / comprimento (costas) 103 cm / comprimento (mangas) 60 cm / largura (costas) 83 cm / circunferência (pescoço) 43 cm / circunferência (bainha) 168 cm (BAYERISCHES NATIONALMUSEUM, 2020).

De acordo com as medidas fornecidas, podemos afirmar que, provavelmente, há aberturas laterais no corpo, visto que o comprimento das costas é 3cm maior em relação ao comprimento da frente. É possível observar na fotografia da peça a

ausência de punhos e de gola, os quais possivelmente eram removíveis. Há pequenos babados no que seria o colarinho e na junção das mangas com os punhos. A abertura frontal é guarnecida por um babado dos dois lados e o abotoamento não é visível. Algumas camisas pesquisadas mostraram que o abotoamento poderia estar sob o babado. Outras mostraram não haver botões, nem outro recurso de fechamento da abertura. As cavas são retas e a cabeça da manga possui pregas para volume. Nessa fotografia não é possível identificar a presença de tacos nas aberturas laterais, porém o taco sob a manga é visível na manga direita da camisa.

Figura 119 – Camisa masculina (Paris), datada do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/477.

Fonte: Bayerisches Nationalmuseum (2020d).

Na Figura 120 vemos uma segunda camisa da coleção do museu nacional Bayerisches, também com *jabot* frontal, com pouquíssimas diferenças em relação à camisa da Figura 119. Aqui os punhos são fixos à peça, mas permanece a ausência da gola. Os tacos abaixo das mangas e nas aberturas laterais aparecem para reforço. Uma característica dessa modelagem é a possível compensação dos ombros, sendo a costura destes caída para a frente da peça, como é feito até hoje na modelagem

das camisas masculinas e femininas para compensar a caída dos ombros. Contudo, isso é apenas uma conjectura da pesquisadora, uma vez que não é possível confirmar esse detalhe.

As mangas são franzidas na cabeça e na junção com os punhos. As cavas são retas e o corpo possui pouco franzido. Há um acabamento interno nas cavas e ombros, como uma espécie de reforço retangular. O museu forneceu as medidas desse item, sendo as seguintes: comprimento (frente) 103 cm / comprimento (costas) 107 cm / comprimento (mangas) 56 cm / largura (costas) 89cm / circunferência (pescoço) 39 cm / circunferência (bainha) 178 cm (BAYERISCHES NATIONALMUSEUM, 2020e).

Figura 120 – Camisa masculina (Paris), datada do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/620.

Fonte: Bayerisches Nationalmuseum (2020e).

A prática de esportes ao ar livre começa a se disseminar mais após 1870, tanto para homens quanto para mulheres, “espalhando-se pela França com a invenção da bicicleta e crescendo ainda mais depois da virada do século” (BOUCHER, 1987, p.402, tradução nossa). Esses novos hábitos influenciam a moda, rompendo com as

barreiras de classe no vestuário cotidiano. Esportes como críquete, futebol e golfe, que “exigiam que os participantes tivessem praticamente o mesmo tipo de roupa, independentemente da sua posição”, ajudando a democratizar o vestuário (ibidem, p.402, tradução nossa).

A presença de golas e punhos removíveis se torna cada vez mais comum, visto que era muito mais fácil manter limpas essas pequenas partes da camisa do que a camisa por inteiro, além de manter a camisa intacta por maior tempo. A Figura 121 mostra um colarinho removível que pertence à coleção do Museu dos Biscainhos (Portugal). Este é de linho branco engomado duplo, em formato retangular com um ligeiro estreitamento no centro (na parte que fica atrás do pescoço). Possui também dois prolongamentos nos ângulos inferiores, nos quais se apresentam duas aberturas caseadas, posicionadas horizontalmente, e que, quando sobrepostas, permitem a inserção de um botão frontal. Há ainda uma terceira casa posicionada ao centro nas costas, que serve para fixação à camisa por meio de um segundo botão (MUSEU DOS BISCAINHOS, 2018a).

Na face interna apresenta marcas carimbadas em tinta preta, lendo-se, da esquerda para a direita, de acordo com o museu, a primeira interpretada como presumível identificação de agente de comercialização em Portugal, a “CAMISARIA ÉLITE/ GUIMARÃES & FERREIRA / LOYOS 38 a 40 PORTO”; a da direita identificável como presumível referência ao local de fabricação, introduz a palavra, “BERLIN” tendo em cima os símbolos “OO ÉLITE38”, atribuídos ao modelo, série ou número. A avaliação dos carimbos remete a presente peça para uma presumível confecção na cidade de Berlim, na Alemanha, e introduz um estabelecimento comercial localizado na cidade do Porto, em Portugal. No acervo do Museu dos Biscainhos existem outros onze colarinhos iguais, considerando-se a possibilidade de que, originalmente, foram adquiridos em conjunto (MUSEU DOS BISCAINHOS, 2018a).

Figura 121 - Colarinho de camisa masculina (Berlim, Alemanha), datada do século XIX, Museu dos Biscainhos, Portugal, nº registro 2881 MB.

Fonte: Museu dos Biscainhos (2018a).

Compondo o mesmo conjunto do colarinho da Figura 121, os punhos removíveis também estão disponíveis no museu e podem ser observados na Figura 122. Feitos de linho branco engomado duplo, em formato retangular com 4 aberturas caseadas localizadas perto dos ângulos e dispostas duas a duas, de forma a coincidirem quando as extremidades se tocam para a passagem de abotoaduras. Na face interna apresenta marcas carimbadas em tinta preta, presumindo-se que o carimbo à esquerda na Figura 122(a) seja atribuível a um fabricante alemão da cidade de Berlim. Por sua vez, possui em cima outra referência numérica, considerada correspondente ao modelo. O carimbo à direita na Figura 122(a), faria referência ao estabelecimento português de comercialização, “Camisaria Elite” de Guimarães & Ferreira, situada em Lóios, nºs 38-40, na cidade do Porto, em Portugal. Disso se pode deduzir a importação do presente artigo e a sua venda em casa especializada na cidade supracitada. Este punho faz par com o nº 2872 MB e é semelhante a outros 20 punhos individuais catalogados pelo museu (MUSEU DOS BISCAINHOS, 2018b).

Figura 122 - Punho de camisa masculina (Berlim, Alemanha), datada do século XIX, Museu dos Biscainhos, Portugal, nº registro 2871 MB.

Fonte: Museu dos Biscainhos (2018b).

Conforme mencionado anteriormente, o crescimento da prática esportiva proporcionou uma nova mudança. Surgiram, no final desse período, as camisas esportivas, que não correspondiam nem à categoria de camisa para o dia a dia, nem à categoria de camisa para eventos noturnos, abrindo um novo espaço no guarda-roupa masculino, que priorizava o conforto (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Na Figura 123, vê-se a ilustração de dois jogadores de críquete, ambos de camisa, sendo que o segundo (b) está com uma camisa estampada com motivos de críquete (esporte), mostrando como os hábitos esportivos ampliaram a variedade de motivos e cores nas camisas masculinas (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1959, p.248).

Figura 123 - Trajes de críquete. (a) Jogador em flanelas brancas (1869); (b) Batedor com camisa e calça decorada com símbolos de críquete (1869).

Fonte: Cunningham e Cunningham (1959, p.248).

Um extrato do catálogo comercial de 1866 dos Srs. J. & R. Morley Ltd. revela a variedade de tipos de camisas que um homem dessa época poderia ter em seu guarda-roupa, tanto em cores quanto em materiais: camisas com mangas compridas ou curtas; em algodão castanho, azul, rosa e riscas; algodão imperial, merino (simples ou duplo) em tons naturais, vermelhos ou extravagantes; camisas de lã de cordeiro

de inverno, saxônia ou cashmere, de lã de cordeiro escarlate, de *worsted* e *segovia*³¹; camisas de tecido com frentes de linho; camisas de linho puro; camisas sociais com punhos franceses, dentre outras variações (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Apesar das camisas para ocasiões campestres e esportivas possuírem uma grande variedade quanto às opções de cores, não agradavam tanto as pessoas da alta sociedade, que “se agarravam ao símbolo da camisa branca e colarinho como sinais exteriores e visíveis de que não ganhavam a vida com o suor do pescoço” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.160, tradução nossa). De qualquer forma, na última parte do século XIX, as modas coloridas são freadas e se tornam mais sóbrias, por serem influenciadas pelo cenário econômico de pessimismo (ibidem).

Sobre a modelagem nesse período, o estudo de Nairn intitulado “*Practical essays on shirt cutting*” apresenta, em detalhes, o traçado da camisa, como afirma o autor: “neste trabalho dei os resultados de minha experiência como cortador e fabricante de camisas finas, que acompanho há vários anos; ao mesmo tempo, acrescentando todos os detalhes relacionados ao comércio que o tornariam prático e instrutivo” (NAIRN, 1881, p.1, tradução nossa).

Para realizar o desenho do diagrama da camisa masculina, Nairn (1881) disponibiliza uma escala de medidas de várias partes da camisa, tomando como base a medida do comprimento das costas, conforme se vê na Figura 124. A escala deveria ser destacada do livro e emendada no centro (visto que está em duas partes), depois utilizada conforme as instruções ao longo do texto. Assim, cada número corresponderia a uma posição do traçado, em que a medida dessa escala seria aplicada como uma espécie de régua personalizada (NAIRN, 1881).

³¹ Não foram localizadas maiores informações sobre esses tipos de tecido.

Figura 124 – (a) Escala para composição do diagrama da camisa; (b) Ilustração de como tirar as medidas do corpo.

(a)

T. NAIRN'S		GRADUATED SHIRT SCALES														
26-7	D	9	8	7	9	8	7	6	5	4	3	2	1			
28-9	D	9	8	7	8	7	6	5	4	3	2	1				
30-1	D	9	8	7	8	7	6	5	4	3	2	1				
32-3	D	9	8	7	7	6	5	4	3	2	1					
34-5	D	9	8	7	6	5	4	3	2	1						
36-7	D	9	8	7	6	5	4	3	2	1						
38-9	D	9	8	7	6	5	4	3	2	1						
40-1	D	9	8	7	6	5	4	3	2	1						
42-3	D	9	8	7	6	5	4	3	2	1						
44-5	D	9	8	7	6	5	4	3	2	1

Fonte: (a) Nairn (1881, anexo); (b) Nairn (1881, p.2).

O autor mostra como fazer dois tipos de camisa (Figura 125): a primeira é a *yoke*, mais tradicional, possui um corte mais simples e solto ao corpo; a segunda é a *sack* (chamada pelo autor de *improved sack shirt*), que Nairn informa ser mais avançada e que requer maior experiência. O estilo dessa camisa é mais ajustado ao corpo e sua modelagem não utiliza tacos em nenhum lugar (NAIRN, 1881).

Figura 125 – Ilustração da *Yoke Shirt* e *Improved Sack Shirt*.

Fonte: Nairn (1881, p.12).

A Figura 126 mostra no lado (a) o traçado da camisa *yoke* e no lado (b), o traçado da camisa *sack*. A modelagem da manga da camisa *yoke* é reta nas laterais e a cabeça da manga é igual na parte da frente e das costas. Já a modelagem da manga da camisa *sack*, possui a cabeça da manga desenhada no estilo “manga duas folhas”, com a parte da frente diferente da parte das costas. O modelo *sack* também possui um reforço de tecido, tipo “revel”, nos ombros até o entorno das cavas, além de abertura nas costas. Observa-se a presença da barra arredondada na frente e costas de ambos os modelos de camisa (NAIRN, 1881).

Figura 126 – (a) Traçado da camisa *yoke*; (b) Traçado da camisa *sack*.

(a)

(b)

Fonte: (a) Nairn (1881, p.4); (b) Nairn (1881, p.14).

A obra de Waugh (1964) mostra o diagrama de uma camisa masculina noturna de c.1870 (Figura 127). Segundo a autora, a frente plissada apareceu em c.1820. Em 1850 era usada bordada, e a partir de 1870, a frente era geralmente lisa (ibidem, p.125). No traçado, pode-se perceber as barras arredondadas na frente e nas costas e a presença dos tacos apenas nas laterais da camisa. Nessa modelagem não há ainda a presença da gola, apenas do colarinho, visto que o colarinho destacável era comumente utilizado. Mais informações sobre a construção dessa camisa foram dispostas no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**, em que esse modelo foi um dos selecionados para a recriação digital em 3D.

Importante perceber a cava arredondada do traçado da camisa presente na Figura 127. Os levantamentos feitos durante a pesquisa sugerem que é por volta desse período que aparecem as camisas com a cava em curva, diferentes das cavas completamente retas de exemplares anteriores. Da mesma forma, nota-se aqui a caída de ombro, que torna desnecessária a utilização do taco no encontro do pescoço com os ombros, bem como a presença da pala das costas, que até então não havia aparecido nas fontes museológicas e bibliográficas identificadas nesta pesquisa. No entanto, não foi possível encontrar bibliografia que corroborasse com essa afirmação.

Figura 127 – Traçado de modelagem da camisa masculina noturna de c.1870.

Fonte: Waugh (1964, p.125, edição nossa).

Conforme mencionado anteriormente, é a partir da segunda metade do século XIX que se nota uma mudança estrutural na camisa masculina, com o surgimento da cava arredondada, da caída de ombro, e o desaparecimento do taco abaixo das mangas e do taco do decote. É também aqui a primeira vez que a literatura técnica de modelagem apresenta traçados com curvas na região da cintura, propondo a construção de peças mais justas ao corpo. O peitilho da frente e lingueta, para prender a camisa na roupa interior, aparecem em exemplares de camisa do último quarto do

século XIX, porém também começa a surgir uma camisa de construção mais simples, sem a presença desses elementos.

3.3.1 Informações sobre obras complementares

Em seu livro “*Elements of garment cutting, together with practical hints to cutters*”, Madison (1878) não apresenta nenhum diagrama de camisa, mencionando essa peça apenas quando mostra a modelagem de um colete, dizendo “uma grande quantidade de manga da camisa exposta por cima do ombro traseiro sempre parece ruim e deve ser evitada” (MADISON, 1878, p.81).

Outras obras pesquisadas que não apresentaram informações específicas sobre a camisa masculina foram “*L'Art du tailleur*” de Compaing e Devere (1856); “*A complete system of cutting: the result of thisrty yeats practice & experience*” de Brundage (1867); “*Le nouveau livre du tailleur: traité complet de la coupe des vêtements d'homme*” de Thirifocq (1881); “*Vest Cutting: a manual for the practical tailor and cutter*” de Hecklinger (1883). Além desses títulos, foram identificados como potenciais para estudo da camisa masculina desse período do século XIX os livros “*Guide to Cutting*” de Minister (1863) e “*The Tailor's Guide*” de Compaing e Devere (1875). A tabela completa com os livros de diagramas, modelagens, ilustrações e registros descritivos consultados está disponível no APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS.

3.4 A camisa no período de 1883 a 1908

O último quarto do século é marcado pela depressão econômica que ofuscou a maior parte desse período e refreou a extravagância de roupas que haviam sido tão notáveis. Passou a haver uma crescente sobriedade, valorização da higiene e demanda por roupas íntimas “sensatas” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

A camisa comprida continua, e a lingueta para abotoar na roupa interior estava se tornando usual. O modelo que satisfazia as necessidades básicas cotidianas consistia em uma camisa de peitilho liso e colarinho estreito. De acordo com Cunningham e Cunningham, a frente da camisa permanece lisa até 1889, quando a camisa com frente plissada retorna por influência da América. A frente com botão único no peitilho se tornou a mais utilizada, mas foi a influência americana que trouxe

a “camisa casaco”: “abotoada na frente, de modo a evitar a necessidade de deslizá-la pela cabeça” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.189, tradução nossa), que será vista principalmente a partir do início do século XX. Não foram encontrados exemplares de camisa em acervos de museus conforme descrito por Cunnington e Cunnington (1951), com abertura total na vertical, nesse período.

A Figura 128 mostra a ilustração de uma camisa masculina para utilização em eventos noturnos, chamada de “a nova camisa ‘court’”. Essa camisa possui um único abotoamento frontal no peitilho, onde se encontra uma espécie de aba que era presa à roupa interior, mantendo a camisa perfeitamente esticada enquanto o cavalheiro a vestia. Percebe-se nesse modelo em específico a ausência da gola, o que indica a utilização de golas removíveis.

Figura 128 – (a) Camisa “court”, de Welch, Margetson and Co., 1883, ilustração; (b) detalhe da aba que era presa internamente na roupa interior masculina.

(a)

(b)

Fonte: (a) Cunnington e Cunnington (1951, p.189); (b) destaque nosso.

Boucher afirma que é nesse período que a moda passa a ser definitivamente internacionalizada, tendo o mundo inteiro olhando para as mesmas tendências. O autor afirma que no final do século XIX e início do século XX o desenvolvimento do vestuário se torna mais semelhante entre a Europa e Estados Unidos, espalhando-se velozmente na África e na Ásia. No entanto, foi o estilo francês que ganhou a aceitação mundial, sendo assim, “neste período, a história do traje é a história do traje da França” (BOUCHER, 1987, p.388, tradução nossa).

A Figura 129 mostra a foto de uma camisa-vestido com características similares a da Figura 128, aparentando ter, no entanto, três botões na frente em vez de um botão único. O museu do Palácio Nacional da Ajuda (Portugal) descreve a peça com mais algumas informações:

Camisa branca em tafetá de linho branco com o monograma do rei D. Luís coroado. Camisa de cós sem gola, com macho pregueado à frente, franzida nas costas e com rachas laterais. Mangas compridas com punho alto. No peitilho, apresenta casas dos dois lados e o monograma bordado a ponto cruz com linha vermelha (PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA, 2018).

Figura 129 – Camisa (local desconhecido), datada de 1838-1889, Palácio Nacional da Ajuda, Portugal, nº de registro 55339.

Fonte: Palácio Nacional da Ajuda (2019).

Outra camisa do início do século XIX está disponível no Museu dos Biscainhos (Portugal) com sua descrição detalhada. Sua fotografia de frente e costas pode ser vista na Figura 130, estando em falta a fotografia de maiores detalhes.

Camisa de homem em tecido de linho branco, confeccionada mecânicamente (sic) a linha da mesma cor, sendo o torso composto por um único pano que assegura as duas faces, a frontal e a dorsal, a que crescem duas nesgas, colocadas transversalmente, junto da gola ao nível da curvatura dos ombros. Apresenta um decote subido e, superiormente, uma espécie de cós com uma abertura caseada e três botões – originalmente seriam quatro -, um dorsal, dois laterais e outro na face anterior, sendo a função deste de apertar a camisa e a dos outros a de ligação a um colarinho que faria parte integrante do uso da peça de vestuário em análise. Na área anterior central foi integrado por costura um peitilho de recorte quadrangular composto por duas contrapartes em tecido de bretanha de linho, ambas com duas casas, de uma parte verticalizadas, e, da outra transversais. Apresenta-se guarnecido pela formação de feixes de nervuras paralelas de diferentes larguras. Logo abaixo do peitilho, nasce um tufo de roda, ao centro, solução que se reencontra no dorso junto à gola e no topo das mangas; os ombros são internamente reforçados pelo têxtil base e lateralmente, no fundo da camisa foram abertas duas pequenas rachas apoiadas por nesgas. As mangas são compridas e compostas por um pano e uma nesga cada uma, terminando em punho em Bretanha de linho, liso e com duas aberturas caseadas. Considerando a execução do espécime presume-se que seja proveniente de uma confecção (sic) fabril. O exemplar em foco pertenceu a uma família da fidalguia minhota, os antepassados da Senhora Dona Maria da Purificação de Araújo e Brito Lima da Rocha Aguiar da "Casa da Ponte", de Arcos de Valdevez (MUSEU DOS BISCAINHOS, 2018c).

Figura 130 - Camisa de homem (Portugal), datada de final do século XIX, Museu dos Biscainhos, Portugal, nº registro 2866 MB.

Fonte: Museu dos Biscainhos (2018c).

A documentação do museu complementa, ainda, fatos sobre a camisa dizendo “salienta-se que permite ilustrar que a sociedade nobre e burguesa da região, à semelhança da capital e da Europa, possuía o conhecimento dos ditames da moda masculina” (MUSEU DOS BISCAINHOS, 2018c).

Ao longo desse período percebe-se o surgimento de silhuetas mais enxutas nas camisas masculinas, como é o caso da Figura 131. De acordo com o Museu Nacional de Etnologia (2018a), essa camisa possui corpo em linho branco, peitilho e punhos de algodão na mesma cor, sendo, portanto, confeccionada com uma mistura de tecidos. Apresenta colarinho duplo, de bicos arredondados. Possui peitilho reforçado com tecido duplo e abertura frontal no centro que se estende até cerca de 1/3 da altura do peitilho. O peitilho é central, ocupando cerca de 1/3 da largura da camisa. A abertura frontal apresenta duas casas de botões. Pode-se observar no lado esquerdo, junto à cintura, um "M" bordado em ponto de cruz de linha de cor vermelha. Na extremidade inferior, as costuras laterais são abertas. Nas costas, partindo do colarinho, vê-se duas largas pregas espaçadas entre si. As mangas são amplas e a camisa apresenta cava reta, com um taco para dar forma à manga, da mesma forma que modelos anteriores já apresentados no presente trabalho. No encontro das mangas com os punhos, o excesso de tecido é acomodado em três pregas espaçadas entre si. As mangas possuem carcela até os punhos, que são de algodão, fechados com dois botões de plástico na cor branca (MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA, 2018a). As informações detalhadas foram fornecidas pelo museu, mas não estão disponíveis as imagens que representam todos os detalhes dessa peça aqui descrita.

Figura 131 – Camisa (Portugal), datada do final do século XIX, Museu Nacional de Etnologia, Portugal, Nº registro AQ.561

Fonte: Museu Nacional de Etnologia (2018a).

O Museu Nacional de Etnologia de Portugal possui em seu acervo diversas peças de camisa masculina oriundas de um estudo realizado nas províncias do Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Ribatejo, num total de 177 objetos. Deste número, Ernesto Veiga de Oliveira recolheu 87, entre 1961 e 1972, dos quais 29 pertencem à província do Douro Litoral. É desse estudo que se originam as camisas aqui apontadas do Museu Nacional de Etnologia, dentre elas a camisa da Figura 132. Esta é similar à camisa da Figura 131 em diversos aspectos, com uma maior diferenciação em seu peitilho. O peitilho da frente possui três pregas de cada lado, e sua abertura segue até a metade da camisa. É fechado por três botões de madrepérola, iguais ao botão que fecha o colarinho. Abaixo do peitilho surgem duas pregas que dão volume à parte inferior da camisa, que conta também com aberturas laterais. Nas costas, há seis pregas que partem da costura dos ombros, dando volume ao corpo. As mangas possuem uma pequena prega na cabeça da manga e nove

pequenas pregas no encontro com os punhos. As mangas e punhos possuem carcela, e os punhos são fechados por um botão, semelhante aos botões do peitilho (MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA, 2018b).

Figura 132 – Camisa (Portugal), datada do final do século XIX, Museu Nacional de Etnologia, Portugal, Nº registro AR.641

Fonte: Museu Nacional de Etnologia (2018b).

Essas camisas, quando vestidas, provavelmente seriam comparáveis à ilustração da Figura 133. Chenoune (1993) afirma que os homens desse período costumavam reclamar de como as roupas eram mais ajustadas, modelando esses corpos que então, eram mais ativos devido a prática esportiva e queriam ser valorizados. Um jornal da época afirma que a moda é “uma armadura de tecido que ajusta o tronco” e que a moda “chegou a tal ponto que nem sabemos onde colocar sua carteira e seu lenço” (CHENOUNE, 1993, p.89, tradução nossa).

Figura 133 – Camisa masculina frente e costas, ilustração do *'The tailor an cutter'*, 1883.

Fonte: Cunnington e Cunnington (1951, p.187).

Um exemplar de camisa representativa desse modelo, no mesmo período, é uma camisa que pertenceu a Rui Barbosa e parte do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, mostrada na Figura 134. Essa peça, fotografada por Isabel C. Italiano em visita presencial ao museu, se encontra em um estado de conservação precário, não tendo sido possível desdobrá-la totalmente para fotografar a peça. Dessa forma, foram obtidas fotografias de partes da camisa e seus detalhes. Interessante notar alguns detalhes dessa camisa. Um deles é uma aselha que aparece no centro costas, fixado ao colarinho. Não foi possível identificar sua função, durante a pesquisa. Outro detalhe é o plissado na cabeça da manga, mostrando pregas estreitas bem marcadas no tecido.

Figura 134 – Detalhes da Camisa que pertenceu a Rui Barbosa (Paris), datada de c.1900, Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil, nº de registro 29.132: (a) Peitilho da frente; (b) costas; (c) cabeça da manga; (d) punhos e mangas.

(a)

(c)

(b)

(d)

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia. Foto: Isabel C. Italiano, 2013.

No final do século XIX, se esperava total sobriedade dos homens, sendo elegante não exagerar nos ornamentos, conforme afirma Boucher: “por exemplo, em 1894: (...) de dia ele deve usar apenas uma corrente de relógio, um anel no anular ou no mínimo e botões de punhos ou de camisa não chamativos, bem como o prendedor de gravata. à noite, nem prendedor nem corrente” (BOUCHER, 2010, p.394). A frente da camisa já não é mais rígida; um conforto que foi obtido com o passar dos anos (ibidem).

A camisa do Museu de Alberto Sampaio (Portugal) da Figura 135 mostra possuir esse peitilho, ou pala da frente, mais estreita e oval como já visto na ilustração da Figura 133. Esse item não está inteiramente visível no registro fotográfico, mas a descrição do museu permite saber os detalhes dessa peça: uma camisa de linho cor natural, com peitilho, gola pequena e redonda, mangas compridas, punhos largos com casas e dois pequenos botões. Neste caso, o peitilho, a gola e os punhos são de algodão. A camisa é aberta na frente até à cintura, seu peitilho é fechado com três pequenos botões. Possui abertura lateral em ambos os lados do corpo e bordado de monograma “F” em ponto cruz na cor vermelha.

Figura 135 – (a) Camisa com peitilho de algodão (Portugal), datada de XIX d.C.-XX d.C., Museu de Alberto Sampaio, Portugal, nº de registro MAS T 402; (b) Detalhe bordado monograma.

(a)

(b)

Fonte: Museu de Alberto Sampaio (2018).

Em seu livro, Cunnington e Cunnington (1959) apontam, utilizando-se de ilustrações, as diferentes composições de vestuário masculino dessa época, incluindo a camisa. Na Figura 136, observa-se como a camisa ficava exposta nos trajes de eventos sociais e ainda mais em eventos noturnos em 1888, com o decote do colete bem baixo, expondo a frente da camisa.

Figura 136 – Traje masculino com camisa para eventos sociais, 1888: (a) Paletó; (b) Casaca de uso noturno.

(a)

(b)

Fonte: Cunnington e Cunnington (1959, p.287).

O colarinho entre 1880 e 1890 era um pouco mais alto, sendo o "colarinho Masher" o mais alto de todos, que era o tipo de colarinho utilizado pelos dândis que se vestiam de forma mais elaborada, conhecidos nesse período também como "*Piccadilly Johnny*". O colarinho destacável era, agora, de uso muito generalizado, embora reprovada pela elite da moda (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1959).

A Figura 137 mostra dois retratos desse período com camisas de colarinhos brancos e suas gravatas sendo a camisa, provavelmente, toda branca, pois era considerada mais "asseada", sendo utilizada pelos mais nobres (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.186, tradução nossa). Segundo o mesmo autor, a camisa do dia para uso formal permaneceu "branca e engomada, com punhos retangulares" (ibidem) e a quantidade de camisa exposta na frente pelo corte do colete, às vezes mais baixo, às vezes mais alto, variava conforme a estação do ano.

Figura 137 - Retratos de 1885 e 1890, autor desconhecido.

Fonte: Chenoune (1993, p.90).

Segundo Cunningham e Cunningham (1951), no dia a dia a camisa branca continuou predominando para uso formal, ficando mais exposta, principalmente no verão. A quantidade de botões visíveis variava de acordo com o modelo da camisa. No entanto, as camisas coloridas ganharam espaço no dia a dia do homem europeu, mantendo sempre o colarinho na cor branca. Apareceram camisas listradas em cores extravagantes, monótonas e tons de madeira. As peças lisas em cores sólidas não eram bem aceitas, as listradas claras em rosa e em azul eram as favoritas. A disputa entre camisas brancas e camisas coloridas é apontada pelos autores como que parecendo “uma ameaça à própria cidadela da distinção de classes” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.188, tradução nossa).

Em um catálogo da Sears, publicado em 1897, há um anúncio de camisas com diversos detalhes de desenhos, listrados e arabescos, como mencionado por Cunningham e Cunningham (1951). Na chamada do anúncio, disponível na Figura 138, nota-se os seguintes dizeres: “a camisa ideal para a prática de ciclismo, esporte com remo, pescaria e uso em geral” (SEARS, ROEBUCK & COMPANY, 1897, p.232).

Figura 138 – *Men's ideal outing shirts* (as camisas masculinas ideais para atividades externas), anúncio em catálogo.

A estação que mais expunha a frente da camisa, naturalmente, era o verão. Nessa época, em 1893 foi introduzido o *cummerbund* (uma faixa de cintura larga) usada em vez do colete, dando “uma exibição incrível da frente de camisa” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.188, tradução nossa). A faixa na cintura se tornou muito popular nesse período.

Além da diferenciação do punho, mencionada por Cunnington e Cunnington, nas camisas de dia e de noite, havia outro elemento importante que distinguia esse vestuário nessas ocasiões: o colarinho. Com a força dos colarinhos e punhos removíveis (ou destacáveis), era possível ter uma maior variedade de modelos distintos, possibilitando o surgimento de vários modelos de colarinho que conquistaram a época (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

A Figura 140 mostra uma ilustração em que é possível notar a altura do colarinho, que chegava até a altura do queixo com uma abertura em V, preso por uma fina gravata. Segundo Cunnington e Cunnington, “entre 1880 e 1900, os colarinhos nunca deixam de ganhar altura” (idem, 1951, p.186, tradução nossa). Os autores também afirmam que “a altura do colarinho aumentou de forma constante, de modo que em 1894 foi dito que ‘brevemente chegaremos à medida de 3 polegadas’” (ibidem, p.187, tradução nossa). Observa-se também o quanto à frente da camisa estava exposta, ainda que com um colete.

Figura 140 – Ilustração de Mr. e Mrs. Joseph Chamberlain, c. 1889, autor desconhecido.

Fonte: Cunnington e Cunnington (1951, p.190).

Cunnington e Cunnington chamam o colarinho que cria esse efeito de abertura em V de “colarinho vertical”. Segundo os autores “em 1896, o colarinho vertical poderia ter as pontas sobrepostas por 3/8 polegadas, e ter uma frente de 3 polegadas e a parte de trás com 2 ¾ polegadas” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.187, tradução nossa).

A altura dos colarinhos permitia a utilização de uma variedade de gravatas para diferentes ocasiões, não sendo essa escolha banal, conforme mostram os autores:

A boa escolha de camisa, gola e gravata era uma questão de suma importância, sendo necessária uma gravata um pouco maior à tarde do que pela manhã; uma gravata borboleta para usar no verão; [...] em 1890 o nó americano ficou na moda, as extremidades passaram a ser atadas e passadas através de um anel e depois alinhadas sob o colete de cada lado para expor o alfinete decorativo central (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.187-188, tradução nossa).

Outro tipo de colarinho utilizado no período é o colarinho alado (*butterfly collar*). Similar ao colarinho V, porém, com as pontas da gola dobradas para baixo, dando a impressão de “asas”³². A Figura 141 mostra a fotografia de dois senhores em Montréal (Canadá), utilizando o colarinho alado que se popularizou na Europa nesse período.

Figura 141 – (a) Fotografia de F. J. Francis e um amigo, 1895, fotografado por Wm. Notman & Son. Fotografia de dois homens com o colarinho alado; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

³² O Dicionário Lexico de Oxford define *butterfly collar* (traduzido nesta pesquisa como “colarinho alado”) como um colarinho que tem duas longas asas, arredondadas ou não, cuja origem remonta ao século XIX. O termo foi primordialmente encontrado no jornal *The New York Times* (LEXICO OXFORD, 2020). Um exemplo de colarinho alado já foi mostrado na Figura 116.

Fonte: Musée Mccord (2019, edição nossa).

Os colarinhos destacáveis eram fixados na camisa por abotoamento na frente e nas costas (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951). A Figura 142 mostra a foto de um colarinho destacável de 1890-1900, nunca utilizado, por isso tão bem conservado, mantendo ainda a inscrição bordada do seu dono (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018y).

Figura 142 – Colarinho destacável (Londres, Inglaterra), datado de 1890-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.84-2000

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018y).

Chenoune (1993) afirma que uma das prerrogativas da elite era a utilização de colarinhos verdadeiros, ou seja, colarinhos presos à camisa – pois, às vezes, se utilizava um colarinho falso para dar a impressão de se estar utilizando uma camisa. No entanto, com a disseminação da confecção industrial, os colarinhos e punhos falsos se tornam populares devido à difícil manutenção da camisa completa (CHENOUNE, 1993, p.92, tradução nossa). Os colarinhos falsos possuíam uma extensão, como uma espécie de pequeno peitilho da frente, para dar a impressão de se ter uma camisa por baixo (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Não só os colarinhos e punhos falsos se fortaleceram, como surgiram também esses itens feitos de papel e de borracha. Isso não se deu sem o olhar de desdém de muitos nobres da época, que reprovavam a disseminação desses elementos no vestuário masculino. “Frentes de camisa com colarinhos ainda são uma característica

do comércio de classe baixa e média' (1895), onde eram, não oficialmente, conhecidas como 'fraudes'" (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.188, tradução nossa).

Exemplos de colarinhos falsos com peitilho estão disponíveis no catálogo da Sears de 1897, e podem ser vistos na Figura 143. Na Figura 143(a) observa-se um peitilho comprido, e na Figura 143(b) um peitilho curto, provavelmente para ser utilizado com coletes de decote mais alto. Em ambos os casos, o material é descrito como *celluloid*, um dos precursores do plástico, que se tornou substituto de diversos materiais no final do século XIX (BOYD, 2020; GROM, 2020).

Figura 143 – Anúncios de colarinhos com peitilhos postigos descartáveis.

Fonte: Sears, Roebuck & Company (1897, p.237).

A utilização desses materiais descartáveis chega até aos punhos e colarinhos removíveis, que eram fixados à camisa. Chenoune conta a história de um viajante que teve os seus acessórios, confeccionados com papel, destruídos por uma lavanderia, por esquecer de removê-los, o que deveria ser um acontecimento frequente na época. “Quando a lavadeira trouxe de volta minhas roupas”, ele se lembra, “eu a vi vir até mim com o rosto chateado, segurando apenas duas tiras disformes de papel” (CHENOUNE, 1993, p.92, tradução nossa).

Além da acessibilidade desses materiais mais simples, outro motivo por trás da disseminação de acessórios confeccionados nesses materiais era a praticidade. Cunningham e Cunningham comentam como a camisa engomada perde sua força no cotidiano da população: “o fetiche do ‘colarinho alto’ viu uma crescente resistência à sua exigência de passadoria, e o próprio fato de que a ‘camisa fervida’ ganhou aquele

título desdenhoso, era, em si, um significado da sua perda de força” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.200, tradução nossa). Os autores também comentam sobre o crescimento dos materiais alternativos como papel e borracha lavável como um símbolo de que “estava ficando claro que o artigo genuíno estava deixando de ter o significado de outrora” (ibidem, p.200, tradução nossa).

Dessa forma, compreende-se a simplificação da camisa para alcançar características de maior conforto e praticidade. A Figura 144 mostra uma camisa que pode ser citada como exemplo da uniformização masculina do início do século XX. Item disponível no museu Victoria & Albert, a camisa apresenta a frente aberta até a altura da cintura, a gola e o colarinho como duas peças cortadas separadamente, com visual mais próximo do comumente utilizado até os dias atuais. Suas medidas são especificadas da seguinte forma: “comprimento: 90 cm do centro costas do colarinho até a barra traseira, largura: 52,5 cm na largura do peito” (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018z). Essa peça foi estudada e reconstruída digitalmente em 3D no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**.

Figura 144 – Camisa (Grã-Betanha), datada de c.1884-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro S.1418-1984 (a) frente; (b) costas; (c) detalhe da abertura da frente da camisa.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018z).

O único registro de camisa de manga curta do século XIX, obtido nessa pesquisa, é a da Figura 145, uma peça utilizada pelo dramaturgo e crítico irlandês George Bernard Shaw (1856-1950), conforme registro do museu Victoria & Albert:

Camisa de manga curta *Jaeger*, usada pelo dramaturgo e crítico George Bernard Shaw (1856-1950). Do guarda-roupa pessoal de Shaw. A camisa de creme é tecida de pura lã, tem um colarinho não engomado e uma abertura frontal central fixa com uma fila vertical de 4 botões perolados. A camisa é cortada em forma de T simples, com mangas curtas e aberturas laterais arredondadas, sendo um pouco mais comprida na parte traseira do que na frente. Uma etiqueta marcada '*Jaeger, 126 Regent Street*' foi costurada no interior da gola, e outra etiqueta, com a marca distintiva Jaeger, foi costurada no interior do lado esquerdo da abertura frontal (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018aa, tradução nossa).

Figura 145 – Camisa (Grã-Betanha), datada de c.1884-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro S.1417-1984 (a) frente; (b) costas; (c) detalhe do bordado.

Fonte: Victorian & Albert Museum (2018aa).

Cunnington e Cunnington (1959) ilustram o traje noturno do homem em 1899 (Figura 146) com a frente da camisa lisa, presa a um único botão, colarinho destacável alto e ereto, com um breve espaço entre as pontas da gola, presa por uma gravata. A frente da camisa é bem exposta por um colete baixo. A altura do colarinho em voga que vinha aumentando constantemente, atingindo cerca de três polegadas em 1899, o que os autores comentam, citando a revista *The Tailor & Cutter*: “certamente mais do que o homem comum poderia usar com conforto” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1959, p.325, tradução nossa).

Figura 146 – Traje noturno, frente e costas, 1899.

Fonte: Cunnington e Cunnington (1959, p.311).

Os registros bibliográficos mencionam, frequentemente, as camisas com colarinhos destacáveis até o início do século XX, mas no final do século XIX a moda voltou a valorizar o colarinho costurado à peça. O vestuário correto para várias ocasiões foi descrito por Cunnington e Cunnington como: pela manhã, ou para trabalhar, uma camisa colorida com punhos coloridos para combinar, colarinho branco e gravata de seda extravagante. Para ir a um casamento, camisa e colarinho alto, tudo branco, com lenço ou gravata em cetim preto ou cor clara. Para ir à igreja e passar o domingo, camisa, com colarinho e punhos brancos com gravata de seda extravagante. O traje noturno era completo com camisa branca de gola alta, presa com uma gravata branca larga com alfinetes e elos de madrepérola. Na prática esportiva se usava uma camisa elegante de flanela ou de linho (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.204).

Em outro livro, os autores reforçam que no vestuário do dia a dia, de 1890 a 1900, “a camisa colorida era permitida, mas o colarinho branco era imprescindível”, como já mencionado (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1959, p.324, tradução nossa).

O século XX se inicia com a camisa masculina cotidiana possuindo punhos com dois botões para ajuste, o peitilho da frente continua a existir e punhos destacáveis eram uma opção. Muitas dessas camisas eram feitas para ajustar na parte de trás, e se multiplicam as opções de cores e tecidos para os usuários (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

A Figura 147 mostra a foto de uma camisa masculina listrada, descrita por Cunnington e Cunnington (1951), como sendo nas cores verde, preto e branco. Nota-se colarinho e punhos brancos, rígidos, a abertura frontal até a linha da cintura, com o recorte do peito (peitilho) em formato retangular. A gola é removível. A camisa é comprida e suas barras são arredondadas, sendo a parte das costas mais comprida do que a parte da frente.

Figura 147 - Camisa masculina listrada com gola removível, datada de c. 1900, local desconhecido.

Fonte: Cunnington e Cunnington (1951, p.202, tradução nossa).

Nas peças encontradas em museus e ilustrações desse período, é possível observar como a barra da camisa agora está definitivamente arredondada (ver Figura 147) sendo que a barra da frente pode ser arredondada ou retangular (ver Figura 131 e Figura 147). Cunnington e Cunnington afirmam que “as fendas laterais, em 1890, tinham um pequeno reforço inserido e, agora, a borda inferior, frente e costas, era invariavelmente curva” (ibidem, 1951, p.186, tradução nossa). Os autores apontam que, embora fosse frequente usar camisas de peitilho na frente, fechado com um botão único, o mais habitual até o final do período era o fechamento com três botões em frentes lisas. O fechamento do peitilho com menos de três botões, era mais comum em peitilhos plissados, ou pregueados.

Sobre a modelagem da camisa nesse período, o livro *“The Cutter's practical guide to cutting and making shirts, undergarments, collars, and specialite clothing for various occupation”* de Vincent (1890) é específico sobre a camisa masculina e se dedica não apenas a mostrar o diagrama, mas também a contar uma breve história desse item. A Figura 148 mostra alguns exemplos de traçados disponíveis nessa obra, que trata também de diferentes tipos de corpos e diferentes tipos de camisas. Não há mais volumes excessivos de tecido para serem franzidos no pescoço ou na cava, apenas volume no centro das costas do corpo. A cava e a cabeça da manga são arredondadas, com diferenças nas partes correspondentes à frente e às costas, seguindo um formato mais anatômico, próxima da literatura técnica de modelagem atual.

Figura 148 – (a) Traçado do corpo da camisa, manga, punho e colarinho; (b) Traçado de colarinhos e punhos variados.

Fonte: (a) Vincent (1890, p.4; (b) Vincent (1890, p.23).

Após realizar a descrição do traçado da camisa, Vincent discute o acabamento da frente da camisa, que poderia ser feito em vários estilos, como mostra a Figura

149. O peitilho poderia ser confeccionado junto com a camisa ou cortado e definido posteriormente, encaixando-o na abertura (VINCENT, 1890).

Figura 149 – Variações de frentes de camisa, ilustração.

Fonte: Vincent (1890, p.7)

O livro “Tratado elementar de risco e corte de roupa” de Maia (1908), publicado em Lisboa (Portugal), apresenta o traçado de uma camisa masculina similar àquela apresentada por Vincent (1890), como se pode ver na Figura 150. Maia indica, também, a modelagem de mais de um tipo de colarinho. Observa-se que a lateral da camisa é bem arredondada, frente e costas e cava arredondada. Esse traçado é utilizado na reconstrução digital da camisa em 3D no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**.

Figura 150 – (a) Traçado do corpo da camisa; (b) Traçado da manga.

(a)

(b)

Fonte: (a) Maia (1908, p.174); (b) Maia (1908, p.177).

A obra “*Diamond Garment Cutter: Book of Diagrams*”, de 1895, foi elaborada por Goldsberry e Doran, sendo muito rica em variedade de diagramas para o vestuário feminino, masculino e infantil. Apesar disso, há apenas um traçado disponível sobre camisa masculina para noite, de uso íntimo, como se pode observar na Figura 151 (GOLDSBERRY & DORAN, 1895). Esse traçado é utilizado na reconstrução digital da camisa em 3D no capítulo **5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS**.

Figura 151 – (a) Traçado da camisa de dormir: manga, colarinho e bolso; (b) Traçado da camisa de dormir: corpo frente e costas.

(a)

(b)

Fonte: Goldsberry & Doran (1895, p.165-166).

À guisa de conclusão, pode-se afirmar que a camisa masculina entra no século XIX com as mesmas características dos séculos anteriores e sofre modificações ao longo do tempo, chegando ao final do período muito similar aos modelos de camisa da atualidade. O acabamento do pescoço com gola e colarinho, aparecem no final do século fixos à camisa, assim como os punhos, e menos engomados, o que para Cunnington e Cunnington (1951) era um indício da busca pelo conforto e praticidade. O corte da camisa agora possui cavas arredondadas, cabeça das mangas em curva, pala das costas dupla, barra da camisa aberta nas laterais e arredondada. O único taco que resiste até o final do século XIX foi o pequeno taco da abertura lateral do corpo, uma vez que a cava curva já não requer o uso do taco que ficava sob a manga.

No final do século, a uniformidade, consequência da internacionalização das referências sociais e estéticas, ficou mais evidente. Cunnington e Cunnington (1951) ressaltam que em 1898 a uniformização tomou conta de tal forma, que todos se vestiam de forma parecida. Ou seja, se anteriormente o trabalhador operário usava camisa colorida, enquanto o trabalhador da classe média usava camisa branca, agora já não há mais essa diferenciação. Todos estavam cada vez mais parecidos, “a uniformidade estava se infiltrando, apesar dos esforços desesperados do cavalheiro para manter-se em destaque em meio à multidão” (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951, p.202, tradução nossa).

3.4.1 Informações sobre obras complementares

A obra de Falconer (1893), intitulada “*Tables and Diagrams Illustrating Economy in cutting: economical methods for cutting out garments*”, cita a existência de um sistema de modelagem de camisa (*shirt system*), de sua autoria, que incluía camisas de baixo, ceroulas, entre outros itens. Contudo, esse sistema de modelagem de camisa citado não foi encontrado.

Uma interessante obra é a “*Die Costum-Ausstellung im K.K. Oesterreichischen Museum*” (1891), que mostra uma série de peças de museus austríacos de vestuário feminino e masculino, com a utilização de diagramas e gravuras das peças. Todavia, não foi apresentada nenhum diagrama de camisa masculina. A Figura 152 é um exemplo de conteúdo do livro que pode ser utilizado para futuras pesquisas da história do vestuário europeu (MASNER, 1891).

Figura 152 – Traçado do gibão e gravuras auxiliares.

Fonte: Masner (1891, p.41).

As obras a seguir não são europeias, mas são complementares para a compreensão do traçado da camisa nesse período, dada a escassez de títulos que aprofundem esse tema. Em 1890, foi lançado o estudo de James Martin intitulado “*Martin's shirt system*”, onde o autor apresenta seu trabalho como sendo “simples e fácil de aprender, e deveria ser parte de todas as escolas de corte e costura” (MARTIN, 1890, p.1). Seu conteúdo é muito sucinto, iniciando com algumas instruções de como tirar medidas, passando para o traçado do corpo da camisa e o traçado da manga e do punho, como mostrado na Figura 153. Por ser tão simplificado, o livro mostra apenas como chegar no traçado, sem explicar em maiores detalhes porque o traçado é feito dessa forma, como, por exemplo, o porquê de a lateral da manga ter uma curvatura em seu comprimento, como mostra a Figura 153(b).

Figura 153 – (a) Traçado do corpo da camisa; (b) Traçado da manga, frente e costas, e punho.

Fonte: (a) Martin (1890, p.3); (b) Martin (1890, p.5).

Analizou-se também o livro *“Garment cutting in the twentieth century”* de Günther F. Hertzer, uma extensa obra sobre o vestuário masculino com explicações de como tirar medidas, detalhamento de cada tipo de peça e complexos diagramas para utilização no traçado das peças. Entretanto, sua obra não entra no diagrama da camisa masculina, sendo brevemente citada, apenas para explicar como compô-la com a peça que está sendo detalhada (HERTZER, 1892).

Foram também pesquisadas as seguintes obras: *“International System of Garment Cutting”* de Thornton (1885); *“Cours de Coupe de la Mode-Pratique pour faire soi-même ses robes, ses manteaux”* (1899); *“Garment cutting self-taught”* de Abercrombie (1889); *“Garment cutting in the twentieth century”* de Hertzer (1892); *“Erste franzsisch-amerikanische lehr-methode des zuschneidens für herrn und knaben anzüge”* de Greenstein (1895); *“The Practice Of Garment Pattern Making”* de Hulme (1900); *“Men's garments 1830-1900: A guide to pattern cutting and tailoring”* de Davis (1994); *“The Victorian Tailor: an introduction to period tailoring”* de McLochlainn (2011); e *“Men's Tailoring: Bespoke, Theatrical and Historical Tailoring 1830-1950”* de Cottenden (2019). Desses títulos, não identificamos informações específicas sobre a camisa masculina.

Acredita-se que um dos motivos que pode levar a uma maior dificuldade em encontrar informações sobre o traçado da camisa pode se justificar pelo fato de que, até o século XX, o corte e costura da camisa não eram, necessariamente, considerados como parte da profissão de um alfaiate. Isto é confirmado pelo documento “O estabelecimento de taxas mínimas no setor de alfaiataria sob a Lei de Câmaras de Comércio de 1909”³³ de Londres:

Para o homem comum, e como uma questão de desenvolvimento histórico, o "alfaiate" é uma pessoa que faz roupas externas para homens a partir de tecidos, e as roupas que são tradicionalmente o produto do alfaiate não deixam de estar associadas ao comércio de alfaiataria apenas porque são feitos de algodão em vez de lã, ou porque, devido à especialização dos processos, a mão de obra empregada na sua confecção é de menos e não de maior competência. Em relação a roupas específicas, boas perguntas, sem dúvida, continuarão surgindo de tempos em tempos. Se obviamente o pijama não é alfaiataria, os coletes brancos dos homens obviamente o são, mas ainda há espaço para discutir sobre a camisa do mineiro, que é em parte uma peça de roupa interior e em parte uma peça de vestuário exterior (TAWNEY, 1915, p.4, tradução nossa).

No mesmo documento, é citado o caso de uma empresa de Londres que praticava alfaiataria a preços mais baixos. Contudo, a empresa renunciou à alfaiataria quando as taxas mínimas do setor entraram em operação, e passou à fabricação de camisas (TAWNEY, 1915, p.103).

Outras obras foram identificadas como potenciais para estudo da camisa masculina do final do século XIX, como: “*The Practical Work of Dressmaking & Tailoring: With Illustrations*” de Browne (1902); “*Modes and Manners of the Nineteenth Century As Represented in the Pictures and Engravings of the Time...*” de Fishel e Von Boehn (1909); “*Le Costume*” DE Ruppert (1973); e “*Pattern Cutting for Men's Costume*” de Friendship (2014). A tabela completa com os livros de diagramas, modelagens, ilustrações e registros descritivos consultados está disponível no APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS.

³³ Em inglês, *The establishment of minimum rates in the tailoring industry under the Trade Boards Act of 1909*.

4 A TRAJETÓRIA DA CAMISA MASCULINA REPRESENTADA EM UMA LINHA DO TEMPO

A longa trajetória das camisa revela que as modificações na modelagem e construção, estilo e forma foram lentas, até que passasse a ser utilizado o traçado curvo e mais ergonômico no final do século XIX. Esse traçado curvo é, praticamente, o mesmo utilizado ao longo dos séculos XX e XXI.

Uma vez que este estudo abrange um amplo período histórico, entende-se como importante, e didático, apresentar visualmente o caminho percorrido pela camisa desde o século XVI até o final do século XIX.

Como resultado do mapeamento da trajetória da camisa masculina nos capítulos anteriores, e atendendo aos objetivos da pesquisa, foi estruturada uma linha do tempo ilustrando³⁴ as camisas, identificadas pela pesquisadora como sendo as mais representativas em cada época. A Figura 154 mostra a primeira parte da linha do tempo, composta pelos séculos XVI, XVII e XVIII, a Figura 155 mostra a sequência da linha do tempo no século XIX, de 1791 a 1882 e a Figura 156 mostra a sequência da linha do tempo até o final do século XIX.

Para garantir melhor diagramação das imagens, optou-se por reduzir, em alguns casos, os moldes das camisas, fazendo com que não apresentem, necessariamente, a mesma proporção entre si, em relação aos tamanhos dos traçados. No entanto, a proporção é garantida em cada diagrama de moldes, entre as partes que o compõem. Além disso, os moldes são estilizados, não representando todas as partes necessárias para a confecção da camisa, porém, mostram o suficiente para representar a forma geral de cada camisa. No capítulo 5, pode-se ver os moldes de forma completa e com indicação da escala.

³⁴ As ilustrações foram feitas pela pesquisadora com base nas fotos disponibilizadas pelos museus, apresentadas nos capítulos anteriores, e não têm por objetivo determinar como eram todas as camisas desses períodos, ou seu modo de uso, mas representar graficamente um modelo existente e significativo, conforme apresentado pelos museus ou por bibliografia especializada. Por exemplo, a camisa do século XIX ilustrada na Figura 155 com a gola dobrada, foi representada dessa forma devido ao fato de que a peça no museu ter sido fotografada com a gola dobrada, não sendo possível determinar se essa seria a exata forma de uso da peça no período.

Figura 154 – Linha do tempo da camisa masculina – parte 1.

SÉCULO XVI

A camisa é composta por retângulos da largura da peça de tecido, buscando-se aproveitar o material têxtil de ourela a ourela. A camisa é muito volumosa, tanto no corpo, quanto nas mangas. Não havia curvas na modelagem. Eram utilizados tacos abaixo das mangas, nas aberturas laterais do corpo e no encontro do pescoço com os ombros. A camisa poderia ter golas e punhos de tiras retangulares simples e abertura frontal suficiente para passar a cabeça ao vestir a peça, ou a camisa poderia ter um decote arredondado sem abertura frontal.

SÉCULO XVII

A camisa segue as mesmas estruturas do período anterior, sofrendo algumas variações de modelo, como mangas mais amplas. Ao longo do século, a camisa passa a ser mais visível sob a abertura frontal e nas mangas do casaco, revelando, nessas aberturas, o excessivo volume de tecido no corpo e nas mangas da camisa.

SÉCULO XVIII

A camisa continua seguindo as mesmas estruturas dos períodos anteriores, com algumas variações de modelo. Um estilo comum nessa época foi a gola larga e usada levantada (sem dobrar), com abertura frontal até a altura da cintura, fechamento em botões, corpo e manga amplos e franzidos e punhos estreitos com fechamento em botão.

Fonte: Elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira, 2021.

Figura 155 – Linha do tempo da camisa masculina – parte 2.

SÉCULO XIX DE 1791 A 1820

A camisa do primeiro quarto do século XIX possui as mesmas estruturas dos séculos anteriores, sofrendo variações de modelo como, por exemplo, utilização de jabot na abertura frontal, mangas e corpo menos volumosos. Com a influência da anglomanía, a gola da camisa era usada levantada, com um lenço amarrado no pescoço sobre a gola, que ajudava a mantê-la em seu lugar.

SÉCULO XIX DE 1821 A 1850

A camisa possui as mesmas estruturas dos períodos anteriores, porém agora com a inclusão do peitilho da frente retangular, com fechamento com dois ou três botões e, na maioria dos casos, com peitilho plissado ou pregueado.

SÉCULO XIX DE 1851 A 1882

Esse é um período de transição, sendo composto, em parte, por camisas com características dos períodos anteriores e, em parte, por camisas com diferenças estruturais. Essa primeira camisa mantém as características do período anterior, a modelagem composta por retângulos. Agora com variações no peitilho, que não precisa mais ser apenas plissado, mas pode ser também bordado. Seu fechamento aparece com botões frontais, abotoaduras ligadas por correntes ou fechada, apenas, por uma gravata enrolada ao pescoço (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951).

Figura 156 – Linha do tempo da camisa masculina – parte 3.

SÉCULO XIX DE 1851 A 1882**(continuação)**

A segunda camisa desse período é mais comprida, algumas vezes chamada de camisa-vestido, que começa a se tornar mais comum. Além disso, sua principal diferença em relação às camisas dos períodos anteriores está nas mudanças ergonômicas: a cava redonda começa a aparecer, assim como o corte mais acinturado, deixando a peça mais justa ao corpo. Caem em desuso o taco do decote e o taco das mangas e aqui, o taco só aparece como reforço para a abertura lateral do corpo. O peitilho da frente poderia ser usado liso, plissado ou bordado, já em formato oval. Aqui está presente a lingueta para prender a camisa à roupa interior, a fim de mantê-la esticada, uma característica que começa a aparecer nas camisas masculinas a partir desse período.

SÉCULO XIX DE 1883 A 1908

No último quarto do século XIX, se consolida a evolução das técnicas de modelagem em relação à ergonomia, com uma mudança de modelo migrando de silhuetas mais enxutas para o início de uma simplificação da camisa. Essa primeira camisa do período é bem ajustada ao corpo, com peitilho engomado liso, lingueta para prender na roupa interior e gola removível.

A segunda camisa desse período, aqui representada por uma camisa para dormir, mostra o início de uma simplificação dessa peça, mais próxima da camisa masculina utilizada no dia a dia a partir do século XX. Possui colarinho costurado à camisa (não removível) e gola costurada ao colarinho, como as camisas dos séculos seguintes. Possui, também, frente abotoada, com vista frontal, bolso frontal, punhos retangulares, barra aberta nas laterais e arredondada. Aqui, também, o taco só aparece como reforço para a abertura lateral do corpo, não mais no pescoço ou abaixo das mangas.

5 A RECRIAÇÃO DIGITAL DAS CAMISAS

Para melhor visualização dos detalhes das camisas, do período estudado, ou seja, entre o século XVI ao XIX, optou-se por uma recriação digital das mais representativas. Assim, para cada um dos nove exemplares de camisas selecionados, é apresentado, a seguir, sua possível modelagem e sua recriação digital. Para tal, foram utilizados traçados de modelagem disponíveis na literatura, em conjunto com fotos de peças, disponíveis em acervos de museus e outras fontes iconográficas, quando necessário.

Para melhor compreensão e diferenciação entre os traçados de modelagem a partir da bibliografia técnica existente, incluiu-se nas legendas das figuras uma das duas especificações: 1) “adaptado de” nos casos em que a modelagem sofreu alterações para se aproximar da peça referencial do período estudado; 2) “reproduzido a partir de” nos casos em que a modelagem foi executada tal qual discriminada na bibliografia técnica.

5.1 Camisa do século XVI

A camisa do século XVI selecionada para recriação digital é o modelo apresentado por Mikhaila & Malcolm-Davies (2006), disponível na Figura 157(a).

Figura 157 – Camisas de linho bordadas (a) masculina, c.1580-1590, selecionada para recriação digital em 3D, e (b) feminina, c.1610.

(a)

(b)

Fonte: Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.56).

Para mostrar detalhes de uma camisa do período, muito similar à da Figura 157(a), Mikhaila & Malcolm-Davies (2006) apresentam uma ilustração, que mostra detalhes como, por exemplo, o fechamento da gola e dos punhos com aselha (Figura 158). Além disso, os autores apresentam a modelagem dessa camisa, afirmando que

As modelagens que se seguem foram elaboradas após um exame cuidadoso das vestimentas existentes, material visual e evidências documentais do século 16, bem como fontes secundárias. No entanto, há uma grande quantidade de pesquisas relevantes aguardando publicação, roupas originais que não foram relatadas em coleções de museus e novas experimentações com reconstruções a serem realizadas. As modelagens são apenas as melhores estimativas com base nas informações disponíveis hoje (MIKHAILA & MALCOLM-DAVIES, 2006, p.53, tradução nossa).

Figura 158 – Detalhe da ilustração de camisa básica do século XVI.

Fonte: Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54, edição nossa).

Assim, o traçado da modelagem utilizado para recriação digital da peça é o que está disponível no livro de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006), já apresentado na Figura 25, disponível aqui também na Figura 159, dessa vez recriado pela pesquisadora em escala. O traçado da modelagem foi recriado sem alterações, tanto de elementos dos moldes quanto de medidas, executando a ideia exata proposta por Mikhaila & Malcolm-Davies (2006).

Figura 159 - Traçado da Camisa do século XVI a partir de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006), elaborado para a camisa selecionada.

Fonte: Reproduzido a partir de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.56).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

- 1 - FRENTE - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 2 - COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 3 - MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 4 - COLARINHO - CORTAR 1 VEZ E DOBRAR NA MARCAÇÃO
- 5 - PUNHO - CORTAR 2 VEZES E DOBRAR NA MARCAÇÃO
- 6 - TACO DA MANGA - CORTAR 2 VEZES E DOBRAR NA MARCAÇÃO
- 7 - TACO DO DECOTE - CORTAR 4 VEZES
- 8 - TACO DA LATERAL - CORTAR 2 VEZES E DOBRAR NA MARCAÇÃO

A respeito da confecção da camisa, Mikhaila & Malcolm-Davies dão as seguintes instruções:

1. Cortar todos os moldes, adicionando margem de costura de 12 mm (1/2 pol.) em toda a volta. Cortar a fenda da abertura frontal, fazer uma bainha

- estreita e costurar. Fazer uma barra de ponto de caseado de 6 mm (1/4 pol.) acima da parte inferior da fenda (consultar o diagrama na página 51 [do livro]).
2. Costurar os tacos das axilas nas mangas (ver o diagrama [do livro]), deixando uma abertura no punho, se necessário, e passar.
 3. Para mangas lisas, fazer o acabamento com uma bainha estreita na parte inferior. Para mangas com punhos, fazer a bainha da abertura e franzir a parti inferior das mangas para encaixar nos punhos. Alfinetar um lado do punho , no sentido do comprimento do punho, na beirada franzida da manga, direito com direito e costurar na manga. Repetir para a outra manga. Aparar as margens das costuras, dobrar o punho, virando todas as bordas e costurar à mão. Passar.
 4. Costurar os tacos do pescoço no corpo e terminar as costuras dos ombros. Costurar os tacos laterais no corpo, finalizando as costuras laterais, mas deixando a abertura para a manga conforme marcação no molde. Passar.
 5. Franzir o pescoço para ajustar à gola e costurar na gola da mesma forma que foi feito nos punhos. Passar.
 6. Virar o corpo do avesso e alfinetar as mangas no corpo. Costurar as mangas ao corpo. Abrir e passar.
 7. Fazer a bainha inferior do corpo.
 8. Finalizar os fechamentos da gola e punhos (MIKHAILA & MALCOLM-DAVIES, 2006, p.55, tradução nossa).

Essas instruções foram seguidas (de forma adaptada ao uso no software) para o desenvolvimento do protótipo digital. O resultado da recriação digital da peça em 3D é mostrado na Figura 160, Figura 161 e Figura 162.

A Figura 160 mostra a camisa digital, em 3D, vista de frente. Pode-se visualizar o taco abaixo da manga, a abertura da frente com o colarinho fechado com aselha, o franzido do corpo e das mangas.

Figura 160 - Vista da frente da camisa do século XVI recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.56), 2021.

A Figura 161 mostra a visão das costas da camisa, em que se pode ver o franzido do pescoço e o excesso de tecido do corpo da camisa, advindo da grande largura do tecido que era utilizado, para que não houvesse sobras de tecido na confecção da peça.

Figura 161 - Vista das costas da camisa do século XVI recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.56), 2021.

A Figura 162 mostra o detalhe do colarinho da camisa, com fechamento em aselha, o franzido do pescoço e o taco do decote, posicionado na linha dos ombros.

Figura 162 - Detalhe do colarinho da camisa do século XVI recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.56), 2021.

5.2 Camisa do século XVII

A camisa do século XVII selecionada para recriação é a da Figura 163, do acervo do Museu Nacional do Traje (Portugal). Segundo a descrição do museu, os detalhes decorativos das mangas são de renda de bilros, formando motivos geométricos. O decote possui aplicação de entremeio de renda e duas aberturas caseadas. A aplicação de entremeio de renda também aparece sobre as costuras dos ombros e cavas. O abotoamento dos punhos é feito com dois botões forrados e respectivas aberturas caseadas. Pendurada sobre uma haste, é possível observar o grande volume nas mangas e o seu comprimento de corpo. Essa peça possui as medidas de 112 cm de altura, 74 cm de ombros e 103 cm de mangas (MUSEU NACIONAL DO TRAJE, 2018a).

Figura 163 - Camisa masculina em cambraia de linho branco vista de frente (local desconhecido), datada de 1690, Museu nacional do Traje, Portugal, nº de registro 4094, selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Museu nacional do Traje (2018a).

Para a recriação dessa camisa foi utilizada, como base, a modelagem proposta por Arnold (2008, p.74-75), de uma camisa datada de +1659, cujo diagrama original já foi apresentado na Figura 55. No entanto, foram necessárias adaptações nessa base de modelagem, de forma que ficasse mais próxima da camisa selecionada. A primeira adaptação é composta pela redução do comprimento da camisa e do volume lateral do corpo, pois a camisa selecionada é menos franzida no decote que a camisa de 1659, de Arnold (2008). Já a segunda adaptação, é a inclusão da nesga lateral, que dá o efeito de que a peça é acinturada e se abre na barra como uma saia. A Figura 164 mostra onde está posicionada e costurada essa nesga, que é percebida pelas fotos disponíveis do museu.

Figura 164 - Camisa masculina em cambraia de linho branco vista sobre a mesa (local desconhecido), datada de 1690, Museu nacional do Traje, Portugal, nº de registro 4094, selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Museu nacional do Traje (2018a, edição nossa).

A terceira adaptação realizada na modelagem, para interpretação dessa camisa, foi realizada no decote, que é redondo na camisa selecionada (como se vê na Figura 163). Devido à falta de detalhes na descrição do museu e a dificuldade de compreensão apenas utilizando-se as fotos disponibilizadas, utilizou-se como apoio a foto de uma segunda peça do período disponível, mostrada na Figura 165. Nessa foto, pode-se observar que os ombros possuem um recorte, destacado aqui pelos bordados na costura do recorte, que seria a quarta adaptação do traçado de modelagem, a partir do molde base de Arnold (2008).

Figura 165 - Camisa bordada com peitilho (Espanha), datado de c.1700, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.358-1910.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018d, edição nossa).

O resultado desse novo traçado é mostrado na Figura 166.

Figura 166 - Traçado da Camisa do século XVII, adaptado a partir de Arnold (2008, p.74), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Adaptado de Arnold (2008, p.74).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

1 - FRENTE - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO

2 - COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO

- 3 - OMBROS FRENTE - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 4 - OMBROS COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 5 - TACO DO DECOTE - CORTAR 2 VEZES E DOBRAR NA MARCAÇÃO
- 6 - NESGA LATERAL - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 7 - MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 8 - TACO DA MANGA - CORTAR 2 VEZES E DOBRAR NA MARCAÇÃO

O resultado da recriação digital da peça em 3D está disponível na Figura 167, Figura 168 e Figura 169. Na Figura 167, pode-se observar a camisa vista de frente, com a abertura da frente até a altura do peito. O corte do corpo é reto e se une à nesga lateral, que provavelmente cumpre a função de substituir a abertura lateral do corpo. O decote redondo recebeu acabamento com uma tira de tecido. No recorte dos ombros, onde se localiza o encontro dos ombros com o corpo da camisa, foi aplicada uma renda decorativa, assim como na barra das mangas, como na camisa selecionada.

Figura 167 – Vista da frente da camisa do século XVII, recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Arnold (2008, p.74), 2021.

A Figura 168 mostra a vista das costas da camisa. É importante notar as mangas, com seu exagerado volume, e com os punhos em babados, formados a partir da continuação do comprimento das mangas.

Figura 168 – Vista das costas da camisa do século XVII, recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Arnold (2008, p.74), 2021.

O detalhe da aplicação de renda na costura dos ombros é mais visível na Figura 169. O recorte de cima dos ombros é liso, enquanto o corpo da camisa fica franzido na frente e nas costas ao longo do recorte.

Figura 169 - Vista do detalhe dos ombros da camisa do século XVII, recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Arnold (2008, p.74), 2021.

5.3 Camisa do século XVIII

A camisa do século XVIII, selecionada para recriação digital em 3D, é a da Figura 170, uma camisa do Museu Victoria & Albert, que possui esse interessante acabamento nos ombros, da aplicação de uma tira de tecido sobre o taco do decote. O corpo e as mangas são volumosos e franzidos. Seu punho é bem estreito. O documento do museu que descreve essa camisa menciona o seguinte:

Elas eram, geralmente, feitas de linho, um tecido lavável e durável. A construção da camisa era muito simples, composta de uma série de quadrados e retângulos de uma maneira que não restavam sobras de tecido depois que as partes eram cortadas de uma peça de linho (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018g, tradução nossa).

Figura 170 - Camisa de linho costurada a mão (Grã Betanha), datada de 1740-1780, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.246-1931 (a) disposta em manequim; (b) vista do ombro; (c) vista da frente superior, selecionada para recriação digital em 3D.

(a)

(b)

(c)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018g).

Essa mesma peça é estudada por Viana e Italiano (2018), que apresentam a recriação da modelagem dessa camisa em seu livro, como mostra a Figura 171. Sobre a camisa do museu Victoria & Albert, os autores afirmam o seguinte:

Os moldes da camisa aqui apresentados foram desenvolvidos a partir de um estudo, feito pelos autores, de uma camisa do acervo do Museu Victoria and Albert. Assim como os outros trajes estudados em museus, o tamanho foi adaptado para tamanhos atuais. Esta camisa está registrada no Museu V&A com o número T.246-1931 [...]. A camisa pesquisada no V&A tem todas as principais características das camisas do período. Sua modelagem parte de retângulos de tecido, de modo que nada deve ser desperdiçado, ou seja, são feitos recortes sobre um retângulo que usa a largura máxima do tecido da camisa (linho, com aproximadamente 30 polegadas de largura) (VIANA; ITALIANO, 2018, p.283)

Figura 171 – Moldes do corpo e das mangas da camisa de 1750-1800.

Figura 172 - Traçado da Camisa do século XVIII de Viana e Italiano (2018), selecionado para recriação digital em 3D.

Fonte: Reproduzido a partir de Viana e Italiano (2018, p.285).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

- 1 - FRENTE E COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 2 - MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 3 - REFORÇO DA COSTURA DA MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 4 - TACO DA MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 5 - TACO DO DECOTE - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 6 - PUNHO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 7 - TACO LATERAL - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 8 - GOLA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 9 - TIRA DE SOBREPOSIÇÃO DE ACABAMENTO DO OMBRO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO

A montagem da camisa é detalhadamente apresentada por Viana e Italiano (2018). Destaque aqui para a explicação da montagem do taco do decote, sobre os ombros, mostrada visualmente na Figura 173:

O decote é franzido na frente e atrás, de modo a ficar do tamanho certo para encaixar na gola. Porém, já considerando que os tacos do decote (pequenos quadrados dobrados ao meio, na diagonal) estejam inseridos na costura do ombro. Estes tacos, também franzidos no decote visam proporcionar mais conforto, modelando, de certa forma, a caída do ombro. Além disso, existe uma tira sobreposta, costurada sobre a linha do ombro (molde 9), que dá o acabamento final (VIANA; ITALIANO, 2018, p.286).

Figura 173 – (a) Detalhe do ombro da camisa mostrando os detalhes da colocação do decote e da linha do ombro, nº de registro T.246-1931 do V&A; (b) Detalhe do ombro da camisa com destaque para o taco do decote (molde 5), nº de registro T.246-1931 do V&A.

Fonte: Viana e Italiano (2018, p.286-287).

A camisa do museu Victoria & Albert também possui um acabamento na cava da manga, uma espécie de revel ou faixa de reforço, mostrada na Figura 174. A respeito das mangas da camisa, Viana e Italiano (2018) descrevem da seguinte forma:

As mangas também são modeladas em retângulo com uma pequena abertura e um punho bem estreito (cerca de 1,2cm). É franzida na cabeça (na costura com a camisa) e no punho. O punho tem duas casas, uma em cada extremidade e não apresenta botões. O acabamento da abertura da manga é feito com bainha de lenço bem estreita. Embaixo do braço ficam os dois grandes tacos (quadrados, dobrados ao meio na diagonal) (VIANA; ITALIANO, 2018, p.289).

Figura 174 – Detalhe do reforço no protótipo da camisa de 1750-1800, desenvolvido em algodão cru, por Viana e Italiano.

Fonte: Italiano e Viana (2018, p.289).

O resultado da recriação digital da peça em 3D está disponível na Figura 175, Figura 176 e Figura 177. A Figura 175 mostra a frente da camisa, em que se pode observar o corte reto do corpo e o volume franzido que parte do decote, no encontro com a gola. A gola é fechada com três botões, sendo utilizada levantada para amarração de um lenço ou *cravat*. Nota-se, também, o reforço interno aplicado nas cavas.

Figura 175 - Vista da frente da camisa do século XVIII recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Viana e Italiano (2018), 2021.

A Figura 176 mostra a vista das costas da camisa em que se nota, da mesma forma, o corte reto do corpo e o excesso de volume de tecido franzido no pescoço e nas mangas. O pequeno taco lateral do corpo aparece, mostrando o início da abertura lateral.

Figura 176 - Vista das costas da camisa do século XVIII, recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Viana e Italiano (2018), 2021.

A Figura 177 mostra a vista do ombro da camisa, em que é possível notar a aplicação do taco do ombro, com a tira sobreposta de acabamento, conforme visto na foto da peça do museu na Figura 170(b) e nas instruções de Viana e Italiano (2018) na Figura 173.

Figura 177 - Vista do ombro da camisa do século XVIII recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Viana e Italiano (2018), 2021.

5.4 Camisa do século XIX, de 1791 a 1820

O século XIX é dividido em quatro partes, assim como foi feito no capítulo **3 A TRAJETÓRIA DA CAMISA MASCULINA: SÉCULO XIX**, tendo, em alguns casos, mais de uma camisa selecionada para recriação digital em 3D, em cada parte do século.

A camisa do primeiro quarto do século XIX, selecionada para recriação digital em 3D é a da Figura 178, uma peça do museu Bayerisches National. Essa é uma peça de linho (corpo da camisa) e algodão (*jabot* e, provavelmente, na gola). É possível perceber um recorte horizontal no corpo, aproximadamente na altura da cintura, provavelmente, é o mesmo ponto de onde se inicia a abertura lateral, entretanto não há mais informações disponíveis sobre essa característica da peça. Observa-se que

a cava ainda é reta e há um taco abaixo da manga. O fechamento da gola é feito com um botão de madrepérola (BAYERISCHES NATIONALMUSEUM, 2020).

Figura 178 - Camisa de linho e algodão (Paris), datada do início do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/619, selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Bayerisches Nationalmuseum (2020a).

Quanto à modelagem, foi utilizada como base para interpretação, o traçado apresentado por Waugh (1964) da camisa de 1700 a 1810, mostrada na Figura 179. Como visto no subcapítulo **3.1 A camisa no período de 1791 a 1820**, a camisa masculina sofreu poucas modificações do século XVIII até o início do século XIX. Dessa forma, optou-se por utilizar o traçado da modelagem de Waugh (1964), que abrange tanto o século XVIII, quanto o início do século XIX, adaptando-o, quando necessário, para se alcançar o resultado mais próximo da camisa da Figura 178.

Figura 179 – Traçado da modelagem da camisa masculina de 1700 a 1810.

Fonte: Waugh (1964, p.82, edição nossa).

Na ausência de maiores informações do museu Bayerisches National, sobre a camisa com o nº registro 96/619, decidiu-se utilizar como apoio, na interpretação da modelagem, a camisa do acervo do MET com o nº de registro 2009.300.62, mostrada na Figura 180. Essa peça é do final do século XVIII, e a foto vista do ombro mostra o detalhe da costura do taco do decote. O mesmo acabamento com esse tipo de taco foi aplicado na recriação digital da camisa do primeiro quarto do século XIX.

Figura 180 – Vista lateral do ombro da camisa de linho (França), datada de c. 1780, The Metropolitan Museum of Art, Estados Unidos, nº de registro 2009.300.62.

Fonte: The Metropolitan Museum of Art (2020d, edição nossa).

As adaptações de modelagem foram realizadas com dois principais objetivos, sendo: 1) de manter a característica do recorte horizontal no corpo da camisa, que provavelmente foi realizado com o objetivo de aproveitamento de tecido, e 2) de reduzir o volume das mangas, que na camisa selecionada para recriação, não possuem franzido na costura com os punhos. Essas características podem ser visualizadas na Figura 181.

Figura 181 – Detalhe do recorte e das mangas da camisa de linho e algodão (Paris), datada do início do século XIX, Bayerisches Nationalmuseum, Alemanha, nº registro 96/619, selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Bayerisches Nationalmuseum (2020a, edição nossa).

Visto que o molde das mangas não poderia ser retangular, para que não houvesse franzido no encontro com os punhos, optou-se por realizar o molde das mangas com recortes, a fim de manter uma parte da manga com formato retangular, e duas partes com formato triangular. Dessa forma, pôde-se manter o princípio do melhor aproveitamento de tecido, visto que uma manga não retangular seria mais difícil de encaixar no corte sem desperdício de matéria-prima. Essa escolha foi realizada pela pesquisadora sem apoio dos registros iconográficos ou descritivos disponibilizados pelo museu Bayerisches Nationalmuseum (2020a), mas tendo como referência uma menção de Maia (1908) a respeito das mangas da camisa:

Para cortar a manga da camisa, pode assentar-se o molde com a linha AC sobre a dobra longitudinal da fazenda³⁵, cortando a manga d'uma só peça, mas os camiseiros, muitas vezes, [...] cortam uma tira com a largura (*b* C), mais estreita que a parte superior do molde e suprem essa falta de fazenda com uma nesga, que vem morrer ao punho (MAIA, 1908, p.12).

Seguindo as instruções indicadas no traçado da modelagem apresentado por Waugh (1964), com o auxílio dos registros iconográficos e bibliográficos supracitados, e considerando-se as características da camisa nº 96/619 do museu Bayerisches National, chegou-se ao traçado apresentado na Figura 182.

Figura 182 - Traçado da Camisa do primeiro quarto do século XIX de Waugh (1964), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Adaptado de Waugh (1964, p.82).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

- 1 - FRENTE E COSTAS: PARTE DE CIMA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 2 - FRENTE E COSTAS: PARTE DE BAIXO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 3 - GOLA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 4 - BABADO DA FRENTE - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 5 - MANGA PARTE MAIOR - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 6 - MANGA PARTE MENOR - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO
- 7 - PUNHO - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO

³⁵ Ou seja, tecido.

- 8 - TACO DA MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 9 - TACO LATERAL - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 10 - TACO DO OMBRO - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO

O resultado da recriação digital da peça em 3D está disponível na Figura 183, Figura 184 e Figura 185. A Figura 183 mostra a camisa vista de frente, em que se pode notar a gola levantada, fechada pelo único botão de madrepérola, o *jabot* frontal, e o recorte horizontal no corpo da camisa.

Figura 183 – Vista de frente da camisa do século XIX (primeiro quarto), recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Waugh (1964, p.82), 2021.

A Figura 184 mostra a camisa vista de costas. Observa-se como o excesso de tecido no corpo é franzido no encontro com a gola, tendo o corte reto no corpo, com o

pequeno taco da abertura lateral. Os punhos não possuem fechamento, conforme vê-se na foto do acervo do museu (Figura 178).

Figura 184 – Vista de costas da camisa do século XIX (primeiro quarto), recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Waugh (1964, p.82), 2021.

Na Figura 185, nota-se o taco do decote, na linha dos ombros, e o taco sob a manga. Também, pode-se observar como os ombros dessa camisa ficam caídos no corpo, tendo a cabeça da manga com seu franzido iniciando já no começo do braço.

Figura 185 - Vista do recorte das mangas da camisa do século XIX (primeiro quarto) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Waugh (1964, p.82), 2021.

Os ombros caídos dessa forma chamam a atenção, porém não eram estranhos à época. Uma ilustração do vestuário masculino do início do século XIX mostra homens vestidos em camisas com esses ombros caídos, tendo a cabeça da manga franzida da mesma forma, como mostra a Figura 186. Apesar do livro ter sido publicado em 1834, considera-se essa obra representativa para o vestuário masculino desde o início do século XIX.

Figura 186 - (a) Ilustração de homens vestidos em camisas e coletes; (b) detalhe ampliado da figura “a”.

(a)

(b)

Fonte: (a) Barde (1834, p.312); (b) edição nossa.

5.5 Camisa do século XIX, de 1821 a 1850

A camisa do segundo quarto do século XIX recriada digitalmente é a representada pelo protótipo confeccionado e apresentado na Figura 187. Trata-se de uma camisa civil, do acervo do museu Nacional do Traje (Portugal), estudada por Italiano e Viana (2015), cujas fotos da peça original não puderam ser reproduzidas por uma questão de direitos autorais.

Figura 187 – Protótipo da camisa civil, c.1800 (frente e costas), selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Italiano e Viana (2015, p.149).

Essa camisa possui o corte reto no corpo e mangas, peitilho da frente com corte retangular e plissado, colarinho e gola em uma única peça costurada ao decote da camisa, e tacos nas laterais, sob as mangas e no decote. O corpo possui pouco volume, como se pode observar no desenho técnico, mostrado na Figura 188.

Figura 188 – Desenho técnico da camisa de civil, c.1800 (frente e costas).

Fonte: Italiano e Viana (2015, p.146).

A modelagem apresentada por Italiano e Viana (2015), reconstruída a partir da camisa que está no acervo do Museu Nacional do Traje, está disponível na Figura 189.

Figura 189 – Moldes da camisa civil, c.1800. Modelagem: Isabel Italiano e Desirée Bastos.

Fonte: Italiano e Viana (2015, p.147).

O mesmo traçado de modelagem foi reconstituído em escala, sem quaisquer alterações no modelo, como mostra a Figura 190.

Figura 190 - Traçado da Camisa do segundo quarto do século XIX de Italiano e Viana (2015), adaptado para recriação digital em 3D.

Fonte: Reproduzido a partir de Italiano e Viana (2015, p.147).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

- 1 - FRENTE - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 2 - PALA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 3 - REFORÇO DO OMBRO (FRENTE) - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 4 - COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 5 - REFORÇO DO OMBRO (COSTAS) - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 6 - MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 7 - TACO DA MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 8 - PUNHO - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO
- 9 - TACO DO DECOTE - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 10 - COLARINHO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 11 - TACO DA ABERTURA LATERAL - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO

Italiano e Viana (2015) mostram, em detalhes, o taco do decote, como pode-se observar na Figura 191. “É deixada uma pequena abertura na costura do ombro nesse ponto, onde é costurado um taco dobrado ao meio (molde 9). O taco é, então, franzido na dobra e costurado à gola” (ITALIANO; VIANA, 2015, p.148).

Figura 191 – Detalhe da junção da costura do ombro com a gola da camisa civil, c.1800. Destaque para o taco (costas da camisa).

Fonte: Italiano e Viana (2015, p.149).

O resultado da recriação digital da peça em 3D está disponível na Figura 192, Figura 193 e Figura 194. A camisa foi recriada digitalmente, com efeito de tecido de linho, botões de madrepérola e pespontos finos. A Figura 192 mostra a camisa em 3D vista de frente. Pode-se visualizar o taco abaixo da manga, o peitilho com recorte

retangular e todo plissado com fechamento em botões, assim como as aberturas laterais com os tacos de acabamento e o corpo com menos excesso de tecido.

Figura 192 - Vista da frente da camisa do século XIX segundo quarto (de 1821 a 1850) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Italiano e Viana (2015, p.147), 2021.

A vista das costas está disponível na Figura 193, em que se pode notar o reforço dos ombros, conforme consta no traçado de modelagem, o franzido no pescoço e o volume das mangas.

Figura 193 - Vista das costas da camisa do século XIX segundo quarto (de 1821 a 1850) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Italiano e Viana (2015, p.147), 2021.

Na Figura 194(a) vê-se a lateral da camisa, mostrando a visão da manga inteira e seu franzido na cabeça da manga. Na Figura 194(b) pode-se observar o detalhe do punho, cujo fechamento em botão é rente ao encontro do punho com a manga, conforme modelo original do museu e afirmado por Italiano e Viana (2015).

Figura 194 - (a) Vista da lateral; (b) vista do punho; Camisa do século XIX segundo quarto (de 1821 a 1850) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Italiano e Viana (2015, p.147), 2021.

5.6 Camisa do século XIX, de 1851 a 1882 (cava reta)

Para a segunda metade do século XIX, foram selecionadas duas camisas, que representam cada quarto período, sendo, então, duas camisas para o período de 1851 a 1882, e duas camisas para o período de 1883 a 1908. Essa escolha foi realizada pela pesquisadora, com o objetivo de explorar as mudanças que estavam ocorrendo na camisa masculina a partir de meados do século XIX.

Nesta seção, é apresentada a reprodução digital de uma camisa de cava reta confeccionada em c.1850, conforme mostra a Figura 195. De acordo com a descrição feita pelo museu, essa camisa de linho branco possui gola média, com abertura frontal até a cintura no centro da frente. Nela, há uma pala (ou peitilho) bordado em linha branca, com motivos de folhagens e pássaros. Há dois botões de pérola no colarinho e orifícios para abotoaduras no pescoço e nos punhos. O comprimento da camisa, nas costas, é maior que o da frente e existem aberturas laterais no corpo da camisa.

As cavas são retas e possuem taco de reforço abaixo do braço (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018r).

Figura 195 – (a) Camisa com frente bordada; (b) Frente da camisa bordada, c. 1850, Inglaterra, nº registro T.94-1963, selecionada para recriação digital em 3D.

(a)

(b)

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018r).

Em uma segunda foto do museu, disponível na Figura 196, pode-se ver a mesma camisa, nº registro T.94-1963. A partir dessa foto, assumiu-se que as mangas da camisa apresentam uma prega em seu comprimento, ocultando o excesso de tecido na prega, ao invés do típico franzido apresentado nas demais camisas dos períodos anteriores. Essa conclusão foi realizada pela pesquisadora, não constando nenhuma informação a respeito disso na descrição feita pelo museu. Dessa forma, uma prega fêmea foi aplicada no comprimento das mangas da camisa, na interpretação de modelo, durante o traçado da modelagem para a sua recriação digital em 3D.

Figura 196 - Frente da camisa com peitilho bordado, c. 1850, Inglaterra, nº registro T.94-1963, selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018r, edição nossa).

Para a reprodução do modelo dessa camisa, foi utilizada, como base, a modelagem da camisa do século XIX de 1821 a 1850, elaborada por Italiano e Viana (2015), já apresentada na Figura 190. Foram realizadas as adaptações necessárias, para se alcançar o mesmo resultado visual da camisa selecionada para a recriação digital, disponível na Figura 195 e na Figura 196. As alterações realizadas no traçado base foram: 1) a remoção do reforço dos ombros, visto que não constam indicações visuais ou descritivas da presença desses reforços na camisa selecionada, 2) a inclusão de uma prega simples no final do peitilho, em cada lado, como pode-se ver na fotografia disponibilizada pelo museu, 3) a alteração do peitilho da frente, de plissado para bordado, 4) a adaptação da gola para tornar os cantos levemente arredondados, com fechamento em dois botões e (5) a indicação de posição da prega da manga, sem alteração em sua largura total. O resultado das adaptações, realizadas no traçado base, podem ser vistas na Figura 197.

Figura 197 - Traçado da Camisa do terceiro quarto do século XIX, com cava reta, de Italiano e Viana (2015), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Adaptado de Italiano e Viana (2015, p.147).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

- 1 - FRENTE - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 2 - COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 3 - PALA DA FRENTE - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 4 - MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 5 - PUNHO - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO
- 6 - TACO DA MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 7 - COLARINHO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 8 - TACO DO DECOTE - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO

- 9 - TACO DA ABERTURA LATERAL - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 10 - TACO DA CARCELA DA MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO

O resultado da recriação digital da peça em 3D está visível na Figura 198, Figura 199 e Figura 200. A Figura 198 mostra a vista da frente da camisa, a gola levantada e o peitilho da frente bordado, com motivos botânicos e arabescos³⁶, ambos com casas de botões dos dois lados para fechamento com abotoaduras. Nota-se, também, a ausência de grandes franzidos no corpo, em especial na junção com a gola, além das pregas, uma de cada lado da base do peitilho da frente, trazendo um pouco de volume ao corpo dessa camisa.

Figura 198 - Vista de frente da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava reta) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Italiano e Viana (2015, p.147), 2021.

³⁶ Design do bordado baseado no design criado por freepik, disponível em <https://br.freepik.com/vetores/flor>, acesso realizado em 12 dez 2020.

Na Figura 199, pode-se observar as pregas das mangas, que vêm acomodar o volume de tecido das mangas e permitir a união com os punhos sem franzidos na costura, ficando a prega posicionada na linha do cotovelo, para maior conforto durante o movimento do braço. No corpo, há um ligeiro franzido, no centro das costas, que acomoda o excedente de tecido.

Figura 199 - Vista das costas da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava reta) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Italiano e Viana (2015, p.147), 2021.

Observa-se, ainda, a utilização do taco no decote (na linha dos ombros) e do taco abaixo da manga (Figura 200). A partir de meados do século XIX a utilização desses tacos na camisa masculina viria cair em desuso, conforme se vê a partir da próxima seção.

Figura 200 - Detalhe da frente da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava reta) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Italiano e Viana (2015, p.147), 2021.

5.7 Camisa do século XIX de 1851 a 1882 (cava redonda)

A segunda camisa do terceiro quarto do século XIX, selecionada para recriação digital em 3D, possui as cavas das mangas arredondadas, marcando a transição dessa característica da camisa, na segunda metade do século XIX. Essa camisa foi recriada a partir do traçado base apresentado por Waugh (1964), de uma camisa masculina noturna de c.1870, como mostra a Figura 201. Segundo Waugh (1964), a frente plissada apareceu em c.1820, em 1850 era usada bordada e a partir de 1870, a frente era geralmente lisa (1964, p.125). Pode-se perceber no traçado, a cava redonda, as barras arredondadas na frente e nas costas e a presença dos pequenos tacos laterais da camisa. Nessa modelagem, não há ainda a presença da gola, apenas do colarinho, visto que o colarinho destacável era comumente utilizado.

Figura 201 – Traçado de modelagem da camisa masculina noturna de c.1870, selecionado para recriação digital em 3D.

Fonte: Waugh (1964, p.125, edição nossa).

Desta forma, não se utilizou como ponto de partida, nesse caso, uma peça de acervo de museu, mas somente o traçado de modelagem apresentado por Waugh (1964). Essa escolha foi feita tendo em vista que as informações trazidas pela autora, nesse diagrama, corroboram com a pesquisa realizada no presente trabalho e apresentada no subcapítulo **3.3 A camisa no período de 1851 a 1882**. Considerando as informações apresentadas por Waugh (1964), a modelagem foi reproduzida mantendo-se o peitilho da frente bordado, ao invés de plissado. A reprodução do traçado da modelagem em escala, conforme instruções da autora, está disponível na Figura 202.

Figura 202 – Traçado de modelagem da camisa masculina noturna de c.1870 de Waugh (1964), executado para recriação digital em 3D.

Fonte: Reproduzido a partir de Waugh (1964, p.125).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

- 1 - FRENTE - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 2 - COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 3 - MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 4 - COLARINHO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 5 - PUNHO - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO
- 6 - PEITILHO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 7 - LINGUETA - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 8 - PALA DAS COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 9 - TACO DA LATERAL - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO

O resultado da recriação digital da peça em 3D está disponível na Figura 203, Figura 204, Figura 205 e Figura 206. Pode-se observar na Figura 203, a vista da frente da camisa com o corte do corpo não mais reto, mas com uma leve curva na altura da cintura, as costas mais compridas do que a frente e a barra da frente e das costas arredondadas. Na abertura lateral, em cada lado, está posicionado um pequeno taco, o único taco que permanece nas camisas masculinas até o final do século XIX, como visto nos capítulos anteriores.

Figura 203 – Vista de frente da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava redonda) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Waugh (1964, p.125), 2021.

Observa-se, na Figura 204, a presença da pala das costas, que até então, não aparecia na construção das camisas masculinas. A partir desse período, com as

técnicas de modelagem alcançando resultados mais ergonômicos, os ombros já não são modelados retos na horizontal, mas com uma caída (inclinação) partindo do pescoço para o ápice do ombro. Nota-se, também, a presença da casa de botão no colarinho, para fixação da gola removível.

Figura 204 – Vista das costas da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava redonda) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Waugh (1964, p.125), 2021.

Na Figura 205, vê-se a manga da camisa em seu total comprimento, franzida na cabeça da manga e no encontro com os punhos. Apesar do excesso de tecido

ainda presente, as mangas, nesse exemplo, já possuem cabeça arredondada, e são costuradas às cavas arredondadas, marcando o início da utilização desse recurso de modelagem nas camisas masculinas em meados do século XIX.

Figura 205 – Vista lateral da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava redonda) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Waugh (1964, p.125), 2021.

Na Figura 206, nota-se os punhos com abotoamento simples e a ausência do taco da manga (que já não é mais necessário, pela curvatura da cava e da cabeça da manga). Pode-se observar, também, a lingueta abaixo do peitilho da frente, que era utilizada para prender a camisa na roupa interior, mantendo-a esticada e lisa durante o seu uso.

Figura 206 – Detalhe da frente e lateral da camisa do século XIX (terceiro quarto, com cava redonda) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, reproduzido a partir de Waugh (1964, p.125), 2021.

5.8 Camisa do século XIX, de 1883 a 1908

Para representar o último quarto do século XIX, foram selecionadas duas camisas masculinas, representativas do período. A primeira camisa selecionada para recriação digital em 3D, tratada nesta seção, é uma camisa que pertenceu a Rui Barbosa e parte do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, mostrada na Figura 207. Essa peça, fotografada por Isabel C. Italiano em visita presencial ao museu, se encontra em um estado de conservação precário, não tendo sido possível desdobrá-la totalmente para fotografar a peça. Dessa forma, foram obtidas fotografias de partes da camisa e seus detalhes. Interessante notar alguns detalhes dessa camisa. Um deles é uma aselha que aparece no centro costas, fixado ao colarinho. Não foi possível

identificar sua função, durante a pesquisa. Outro detalhe é o plissado na cabeça da manga, mostrando pregas estreitas bem marcadas no tecido.

Figura 207 – Detalhes da Camisa que pertenceu a Rui Barbosa (Paris), datada de c.1900, Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil, nº de registro 29.132, selecionada para recriação digital em 3D: (a) Peitilho da frente; (b) costas; (c) cabeça da manga; (d) punhos e mangas.

(a)

(c)

(b)

(d)

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia. Foto: Isabel C. Italiano, 2013.

Dito isso, utilizou-se de outros registros bibliográficos e iconográficos para a interpretação do traçado da camisa. Nesse período, o modelo que satisfazia as necessidades básicas para o dia a dia consistia em uma camisa de peitilho liso e colarinho estreito (CUNNINGTON; CUNNINGTON, 1951), como pode ser visto na Figura 208. Nota-se, na ilustração, a semelhança do desenho da pala das costas com a camisa de Rui Barbosa (Figura 207b).

Figura 208 – Camisa masculina frente e costas, ilustração do '*The tailor an cutter*', 1883.

Fonte: Cunnington e Cunnington (1951, p.187).

A camisa comprida com a lingueta para abotoar à roupa interior, estava se tornando usual, como se vê na Figura 209. Esse recurso foi considerado também na interpretação do traçado da modelagem da camisa, selecionada para recriação digital em 3D.

Figura 209 – (a) Camisa “court”, de Welch, Margetson and Co., 1883, ilustração; (b) detalhe da aba que era presa internamente na roupa interior masculina.

(a)

(b)

Fonte: (a) Cunningham e Cunningham (1951, p.189); (b) destaque nosso.

Foi utilizado como traçado base, o método apresentado por Maia (1908), cujos diagramas do corpo da camisa e da manga estão disponíveis na Figura 210. Observa-se que a lateral da camisa é bem curva, ajustando-se na altura da cintura, frente e costas com barra arredondada e cavas também curvas. Não há mais volumes excessivos de tecido para serem franzidos no pescoço ou na cava, apenas volume no centro das costas do corpo. A cabeça da manga agora é arredondada e tem parte da frente e das costas diferentes, seguindo um formato mais anatômico, como as modelagens das camisas atuais. A carcela das mangas e punhos aparecem, como mostra o traçado de modelagem, deixando a abertura dos punhos não mais na linha da costura das mangas. No caso da modelagem de Maia (1908), a carcela está posicionada próxima da linha do ápice da cabeça da manga, como se vê na Figura 210(b).

Figura 210 – (a) Traçado do corpo da camisa; (b) Traçado da manga.

(a)

(b)

Fonte: Maia (1908, p.174, 177).

Na construção da modelagem, foram realizadas as seguintes adaptações do traçado de Maia (1908) à camisa selecionada: 1) o peitilho da frente teve seu desenho levemente adaptado, de forma a ficar mais oval e similar à Figura 207a; 2) a pala das costas, dupla, teve seu desenho alterado para ficar com um bico para baixo, conforme se vê na Figura 207b; (3) os punhos foram feitos com cantos arredondados; (4) as mangas foram desenhadas com recorte no comprimento, conforme explicação de Maia (1908), que afirma ser uma característica presente nas camisas desse período para melhor aproveitamento do tecido e (5) lingueta para prender a camisa na roupa interior, conforme visto nos capítulos anteriores e representado pela ilustração da Figura 209.

O traçado da modelagem final, partindo do proposto por Maia (1908) e aplicando-se as instruções do autor, em conjunto com as adaptações de modelo explicadas acima, está disponível na Figura 211.

Figura 211 – Traçado de modelagem da camisa masculina diurna do último quarto do século XIX, de Maia (1908), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Adaptado de Maia (1908, p.174-180).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

- 1 - FRENTE - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 2 - COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 3 - MANGA PARTE MAIOR - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 4 - MANGA PARTE MENOR - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 5 - CARCELA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 6 - PEITILHO - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO (DEIXAR RIGIDO)
- 7 - PALA DAS COSTAS - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 8 - COLARINHO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 9 - PUNHO FIXO - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO
- 10 - TACO DA LATERAL - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 11 - LINGUETA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO

O resultado da recriação digital da peça em 3D é mostrado na Figura 212, Figura 213 e Figura 214. A Figura 212 mostra a visão da frente da camisa, em que se nota um modelo mais ajustado no corpo e nas mangas. O peitilho da frente é duplo e rígido, pois tinha o objetivo de permanecer bem esticado durante todo o seu uso, com o auxílio da lingueta, que prendia a camisa na roupa interior. As costas são mais compridas do que a frente, tendo a barra das costas acabamento reto, enquanto a barra da frente é arredondada.

Figura 212 – Vista de frente da camisa do século XIX (último quarto, uso de dia) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Maia (1908, p.174-180), 2021.

Na Figura 213 vê-se a pala das costas em formato de bico, com o corpo da camisa levemente franzido na costura que une o corpo à pala. O colarinho possui uma casa para prender a gola removível, comumente utilizada no final do século XIX.

Figura 213 – Vista de costas da camisa do século XIX (último quarto, uso de dia) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Maia (1908, p.174-180), 2021.

Na Figura 214, pode-se observar o plissado na cabeça da manga, de modo a replicar a característica da camisa de Rui Barbosa, como se vê na Figura 207c. A carcela das mangas está presente, próxima da altura da cabeça da manga, como indicado no traçado de Maia (1908). Nota-se o taco na abertura lateral da camisa.

Figura 214 – Vista lateral da camisa do século XIX (último quarto, uso de dia) recriada digitalmente em 3D (a) lateral de frente; (b) lateral de costas.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Maia (1908, p.174-180), 2021.

5.9 Camisa do século XIX, de 1883 a 1908 (de dormir)

Para representar a camisa de dormir do final do século XIX, foi selecionada para recriação digital em 3D, a camisa do museu Victoria & Albert (2018z), nº registro S.1418-1984, disponível na Figura 215. De acordo com a descrição do museu, a camisa apresenta a frente aberta até a altura da cintura, a gola e o colarinho como duas peças cortadas separadamente, com visual mais próximo do comumente utilizado nos dias atuais (VICTORIA & ALBERT MUSEUM, 2018).

Figura 215 – *Shirt* (Grã-Betanha), datada de c.1884-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro S.1418-1984, selecionada para recriação digital em 3D: (a) frente; (b) costas; (c) detalhe da abertura da frente da camisa.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018z).

O traçado base utilizado para a recriação dessa camisa é o apresentado por Goldsberry e Doran (1895), que se vê na Figura 216. A camisa selecionada para recriação não é descrita pelo museu como uma camisa de dormir, no entanto convencionou-se chamá-la dessa forma tendo em vista o traçado de Goldsberry e Doran (1895) de uma camisa de dormir, que é muito similar à camisa selecionada (Figura 215).

Figura 216 – (a) Traçado da camisa de dormir: manga, colarinho e bolso; (b) Traçado da camisa de dormir: corpo frente e costas.

(a)

(b)

Fonte: Goldsberry & Doran (1895, p.165-166).

As adaptações realizadas no traçado de Goldsberry & Doran (1895), foram mínimos, considerando-se a semelhança entre a peça selecionada e o traçado apresentado pelos autores. Foram adaptados: 1) o desenho do bolso, que ficou mais retangular, 2) as costas, com pala dupla recortada, 3) os punhos separados das mangas e retangulares e 4) a gola feita em duas partes (gola e colarinho), separadas e unidas por costura. O traçado da modelagem, proposto para a camisa selecionada está disponível na Figura 217.

Figura 217 – Traçado de modelagem da camisa masculina de dormir do último quarto do século XIX, de Goldsberry & Doran (1895), adaptado à camisa selecionada para recriação digital em 3D.

Fonte: Adaptado de Goldsberry & Doran (1895, p.165-166).

As seguintes informações são relativas aos moldes:

*TODOS OS MOLDES ESTÃO SEM MARGEM DE COSTURA.

- 1 - FRENTA - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 2 - COSTAS - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 3 - MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 4 - PUNHO - CORTAR 4 VEZES NO TECIDO
- 5 - VISTA DA FRENTA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 6 - BOLSO DA FRENTA - CORTAR 1 VEZ NO TECIDO
- 7 - GOLA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 8 - COLARINHO - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO

- 9 - TACO DA CARCELA DA MANGA - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 10 - PALA DAS COSTAS - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO
- 11 - TACO DA ABERTURA LATERAL - CORTAR 2 VEZES NO TECIDO

O resultado da recriação digital da peça em 3D está disponível na Figura 218, Figura 219 e Figura 220. Na Figura 218, vê-se a camisa de frente, com o corpo sem excesso de tecido franzido, porém amplo. O bolso é aplicado na altura do peito no lado esquerdo de quem veste.

Figura 218 – Vista de frente da camisa do século XIX (último quarto, uso de noite) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Goldsberry & Doran (1895, p.165-166), 2021.

A Figura 219 mostra a visão das costas da camisa, com a pala dupla e o franzido do corpo, na costura do corpo com a pala. As mangas não possuem carcela nesse modelo e o ajuste da manga ao punho é feito por uma pequena prega (sem franzido).

Figura 219 – Vista de costas da camisa do século XIX (último quarto, uso de noite) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Goldsberry & Doran (1895, p.165-166), 2021.

Pode-se observar, na Figura 220, a abertura frontal até a altura do peito, com fechamento em botões. A gola e o colarinho, fixos à camisa, mostra uma construção similar à utilizada na atualidade.

Figura 220 – Detalhe da frente da camisa do século XIX (último quarto, uso de noite) recriada digitalmente em 3D.

Fonte: Acervo do Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia (USP). Elaborada por: Studio Acci, a partir do traçado de modelagem elaborado por Luiza Helena Freitas de Oliveira e Isabel Cristina Italiano, adaptado de Goldsberry & Doran (1895, p.165-166), 2021.

6 CONCLUSÃO

Neste trabalho realizou-se o mapeamento das características materiais e construtivas da camisa masculina europeia, entre os séculos XVI e XIX. Utilizando-se de registros escritos, iconográficos e peças de acervo em museus, foi possível identificar os elementos que caracterizam a camisa, ao longo desses períodos, em especial, no século XIX, permitindo a evidência das variações de modelo e variações estruturais. Além disso, a bibliografia técnica de modelagem evidenciou como eram construídas essas peças em cada época, e possibilitou, em conjunto com as demais fontes de pesquisa, a modelagem e recriação digital em 3D de 9 (nove) peças que representam características importantes da camisa nesses períodos.

A camisa apresentou poucas variações entre os séculos XVI e XIX, porém, variações estas que foram concentradas no pescoço – como em golas, rufos e *cravats* – ou nas mangas e punhos – com mangas mais ou menos volumosas e punhos mais ou menos estreitos, com variedades de fechamentos. Sua estrutura de corpo permaneceu sem grandes variações durante quase 4 (quatro) séculos, mantendo o corte reto, tanto nas mangas quanto no corpo, com a aplicação de tacos no decote (na linha dos ombros), assim como abaixo das mangas e nas aberturas laterais.

As curvas na modelagem, que já vinham presentes nos traçados de outros itens do vestuário desde o século XVI – conforme já apontado nas obras de alfaiates como Juan de Alcega (BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA, 2019) e Burguen (1618) – são incorporadas na modelagem da camisa, apenas a partir do segundo quarto do século XIX, conforme evidências identificadas nesta pesquisa. É somente a partir da segunda metade do século XIX que as mangas e cavas da camisa se tornam curvas e o taco abaixo das mangas perde a sua posição. É também nesse período que começa a surgir a pala das costas e a inclinação dos ombros é considerada na modelagem. Com a curva mais acentuada do decote e inclinação da linha do ombro, o taco do decote torna-se desnecessário.

Na presente pesquisa, não foi possível identificar a partir de qual momento se convencionou a vista da frente da camisa aberta em todo o comprimento, como é utilizada amplamente a partir do século XX, apesar de seu surgimento ser mencionado por Cunnington e Cunnington (1951) como sendo no último quarto do século XIX.

O acabamento do decote da camisa do século XVI era formado, em geral, por uma tira que formava uma gola ereta. Ao longo dos séculos, o pescoço começou a ser mais valorizado, utilizando-se golas, rufos, lenços e *cravats* como adorno superior. As golas, formadas por uma única parte de molde, passa, no último quarto do século XIX, a ser separada em duas partes, ou seja, a gola e o colarinho, unidos por costura entre si e à camisa. Além disso, eram utilizados os colarinhos endurecidos e destacáveis, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX (DAVENPORT, 1948), que ficavam presos ao colarinho da camisa por meio de um botão no centro das costas e fechavam por um botão na frente.

O estudo sobre a trajetória da camisa masculina pode ser ainda aprofundado, realizando-se pesquisas mais amplas, que incluam museus em diversos outros países, além dos pesquisados no presente trabalho. Além disso, buscar o estudo presencial, em museus que possuam, em seus acervos, peças originais, dos períodos estudados, possibilitando melhor análise dos itens, com registros fotográficos de estruturas e detalhes que não puderam ser verificados na pesquisa iconográfica ou virtual, nos sites dos museus. Esse estudo seria importante, uma vez que foram vários os casos em que as fotografias e/ou descrições disponibilizadas pelos museus não foram suficientes para aprofundar a compreensão das características da peça, sendo necessário recorrer a fontes secundárias de pesquisa para complementação da análise.

O presente estudo, envolvendo a trajetória da camisa ao longo dos séculos evidenciou aspectos de uma peça do vestuário que possuía pouco destaque no traje masculino e que chega ao século XXI, como protagonista no vestir. O aspecto mais relevante na trajetória histórica da camisa é, certamente, quando o traçado curvo das cavas e das mangas, nos moldes, passa a ser utilizado, a partir da segunda metade do século XIX. Até então, a camisa permaneceu com as formas praticamente inalteradas, pelo menos desde o século XVI até meados do século XIX, ou seja, praticamente, 350 anos e, em um certo momento, passa a adotar uma nova forma, garantindo maior conforto, uma vez que as curvas – das cavas, das mangas e do decote – são mais ajustadas, seguindo as linhas do corpo.

Nota-se que, a partir da adoção dessas curvaturas, não houve novas mudanças estruturais na camisa, até o presente momento, ou seja, a camisa masculina mantém-se, praticamente, com as mesmas características desde meados do século XIX até os dias atuais, completando quase que 200 anos sem grandes modificações, um novo período de estabilidade em sua forma. Sendo assim, quando será a próxima grande mudança e qual o contexto poderá influenciá-la?

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, E. **Garment cutting self-taught**. Pittsburgh, Pa., M. Davis & co., lithographers, 1889. Disponível em: <https://archive.org/details/garmentcuttingse00aber/page/n7/mode/2up>. Acesso realizado em 15 abr. 2020.

ARNOLD, Janet. **Patterns of Fashion: The Cut and Construction of Clothes for Men and Women, c1560-1620**. London: New York: Macmillan; Drama Book, 1985.

ARNOLD, Janet. **Patterns of Fashion 4: The Cut and Construction of Linen Shirts, Smocks, Neckwear, Headwear and Accessories for Men and Women c.1540-1660**. Hollywood, CA: Quite Specific Media Group, 2008.

ART GALLERY NSW. **King Henry VIII**, circa 1535-1540, Anglo-Netherlandish workshop, England, nº de registro OB4.1962. Disponível em: <https://www.artgallery.nsw.gov.au/collection/works/OB4.1962/>?. Acesso realizado em 16 jul. 2019.

AUTOR DESCONHECIDO. **Tailor of suits and tailor of bodices**. The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation. Translated by Bob Trump. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2003. Web. Trans. of "Tailleur d'habits et tailleur de corps," Supplément à l'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, vol. 9 (plates). Paris, 1765. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.178?view=text;rgn=main>. Acesso realizado em 18 abr. 2020.

BARDE, F. A.. **Traité encyclopédique de l'art du tailleur**. Paris, 1834, Bibliothèque nationale de France, département Littérature et art, V-31314. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5609840h>. Acesso realizado em 10 jan. 2021.

BAUMGARTEN, Linda. **Eighteenth-Century Clothing at Williamsburg**. Colonial Williamsburg, 1986.

BAUMGARTEN, Linda; WATSON, John; CARR, Florine. **Costume Close-up: Clothing Construction and Pattern, 1750-1790**. Williamsburg: Colonial Williamsburg Foundation, 1999.

BAYERISCHES NATIONALMUSEUM. **Camisa de linho e algodão (Paris)**, datada do início do século XIX, nº registro 96/619, foto D74352. Disponível em: https://www.bayerisches-nationalmuseum.de/webgos/bnm_online.php?seite=5&fld_0=00223825. Acesso realizado em 15 abr 2020a.

BAYERISCHES NATIONALMUSEUM. **Camisa masculina (Inglaterra)**, datada do século XIX, nº de registro: 96/622, foto D74355. Disponível em: <https://www.bayerisches->

nationalmuseum.de/webgos/bnm_online.php?seite=5&fld_0=00223828. Acesso realizado em 15 abr 2020b.

BAYERISCHES NATIONALMUSEUM. **Camisa masculina (Inglaterra)**, datada do século XIX, nº de registro: 96/621, foto D74354. Disponível em: https://www.bayerisches-nationalmuseum.de/webgos/bnm_online.php?seite=5&fld_0=00223827. Acesso realizado em 15 abr 2020c.

BAYERISCHES NATIONALMUSEUM. **Camisa masculina (Paris)**, datada do século XIX, nº registro 96/477, foto D74350. Disponível em: https://www.bayerisches-nationalmuseum.de/webgos/bnm_online.php?seite=5&fld_0=00218377. Acesso realizado em 15 abr 2020d.

BAYERISCHES NATIONALMUSEUM. **Camisa masculina (Paris)**, datada do século XIX, nº registro 96/620, foto D74353. Disponível em: https://www.bayerisches-nationalmuseum.de/webgos/bnm_online.php?seite=5&fld_0=00223826. Acesso realizado em 15 abr 2020e.

BENCZES, Réka. **Creative Compounding in English: The Semantics of Metaphorical and Metonymical Noun-Noun Combinations**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA. **Libro de geometría, práctica y patrones** – lubon de feda com manga aberta (página 21) e ropa espanõla de feda (página 58), 1580, Espanha, Juan de Alcega, sem número de registro. Disponível em: <https://www.wdl.org/es/item/7333/>. Acesso realizado em 25 fev 2020.

BOEHN, Max Von. **La Moda: Historia del traje en Europa desde los orígenes del cristianismo hasta nuestros días**. Tomo Quinto: Siglo XIX (1790-1817). 3. Ed. Barcelona: Salvat Editores S. A. 1951.

BOUCHER, François. **20,000 years of fashion: the history of costume and personal adornment**. Expanded ed. New York: Abrams, 1987.

BOUCHER, François. **História do vestuário no Ocidente**. Cosac Naify, 2010.

BOULLAY, Benoît. **Le Tailleur sincère**, contenant ce qu'il faut observer pour bien tracer, couper et assembler toutes les principales pièces qui se font dans la profession de tailleur, par le sieur. Paris: A. de Raffle, 1671. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb301427103>.

BOYD, Jane E. **Celluloid: The Eternal Substitute**. Disponível em: <https://www.sciencehistory.org/distillations/celluloid-the-eternal-substitute>. Acesso realizado em 4 dez. 2020.

BROWNE, M. Prince. **The Practical Work of Dressmaking & Tailoring: With Illustrations**. Franklin Classics Trade Press, 1902.

BRUNDAGE, William W. **A complete system of cutting**: the result of thisrty yeats practice & experience. New York: A. Marrer, 1867. Disponível em: <https://archive.org/details/completesystemof00brun/page/n3/mode/2up>. Acesso realizado em 15 abr 2020.

BURGUEN, Francisco de La Rocha. **Geometria y traça perteneciente al oficio de sastres**. Valencia, 1618. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8549738.image>. Acesso realizado em 17 abr 2020.

CANNEVA, Augustin; MONNERET, Édouard. **Livre du tailleur, guide complet du tracé de la coupe et de la façon des vêtements...** A.-L. Pagnerre, 1838.

CHÂTEAU DE VERSAILLES. **Gaspard Marsy (1624-1681)**, sculpteur. 1682, óleo sobre tela, Jacques Carré (pintor), nº de registro: MV 3519. Disponível em: <http://collections.chateauversailles.fr/#b6259921-cd76-4b9f-97b7-b552a3a3d852>. Acesso realizado em 29 mar 2020.

CHENOUNE, Farid. **Des modes et des hommes**: deux siecles d´elegance masculine. Paris: Flammarion, 1993.

COMPAING, Charles; DEVERE, Louis. **L'Art du tailleur. The Tailor's Guide; a complete system of cutting every kind of garment to measure, etc.** 2 vol. London: Simpkin, Marshall & Co, Stationers'Court, 1856.

COMPAING, Charles; DEVERE, Louis. **The Tailor's Guide**. 1875.

COSTA, Manuela Pinto. **Glossário de termos têxteis e afins**. Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Patrimônio, Porto, 2004. 1 Série vol. III, p.137-161. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4088.pdf>. Acesso realizado em 26 nov. 2020.

COTTENDEN, Graham. **Men's Tailoring: Bespoke, Theatrical and Historical Tailoring 1830-1950**. New York: Routledge, 2019.

COTTON. **Madras Fabric**. Disponível em: <https://thefabricofourlives.com/learn-about-cotton/types-of-cotton/madras>. Acesso realizado em 06 abr. 2019.

COUTS, Joseph. **A practical guide for the tailor's cutting-room**; being a treatise on measuring and cutting clothing in all styles, and for every period of life from childhood to old age. Glasgow, Blackie, 1848.

CUNNINGTON, Cecil Willett. **Handbook of English costume in the sixteenth century**. London: Faber and Faber, 1954. Disponível em: https://archive.org/details/handbookofenglis0000unse_e2n2. Acesso realizado em 18 abr 2020.

CUNNINGTON, Cecil Willett. **Handbook of English costume in the seventeenth century**. London: Faber and Faber: 1963. Disponível em:

https://archive.org/details/handbookofenglis0000unse_j0e3. Acesso realizado em 18 abr. 2020.

CUNNINGTON, Cecil Willett; CUNNINGTON, Phillis. **The history of underclothes**. Courier Corporation, 1951.

CUNNINGTON, Cecil Willett; CUNNINGTON, Phillis. **Handbook of English costume in the nineteenth century**. Great Britain: R. MacLehose and Company Limited, 1959. Disponível em: <https://archive.org/details/handbookofenglis0000cwil>. Acesso realizado em 13 abr 2020.

CUNNINGTON, Cecil Willett; CUNNINGTON, Phillis. **Handbook of English costume in the eighteenth century**. Boston, Plays, 1972. Disponível em: <https://archive.org/details/handbookofenglis00cunn>. Acesso realizado em 25 mai. 2020.

DAVENPORT, Millia. **The book of costume**. Volume II. Crown Publishers, 1948.

DAVIS, R. I. **Men's garments 1830-1900: A guide to pattern cutting and tailoring**. 2ª edição. Studio City: Players Press, 1994.

DAVIS, R. I. **Men's 17th & 18th Century Costume, Cut & Fashion: Patterns for Men's Costumes**. Studio City: Players Press, 2000.

DOROTHEUM. **Portrait of a Gentleman with his dog**, 1590–1649, Paris, óleo sobre tela, Simon Vouet, sem número de registro. Disponível em: <https://www.dorotheum.com/en//460699/>. Acesso realizado em 08 mar 2020.

DOYLE, Robert. **The Art of the Tailor: With a Needle, a Thimble and 10,000 Stitches**. Stratford, Ont.: Sartorial Press Publications, 2005.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **The Miner**, sem data, gravação em madeira, Jost Amman. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Jost-Amman/images-videos>. Acesso realizado em 25 fev 2020a.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **Holland (cloth)**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/holland-cloth>. Acesso realizado em 08 mar 2020b.

FAIRHOLT, F. W. **Costume in England: a history of dress to the end of the eighteenth century – Volume 2: Glossário**. London: George Bell and Sons York Street, Covent Garden, 1896. Disponível em: <https://archive.org/details/costumeinengland02fairuoft>. Acesso realizado em 25 mai. 2020.

FAIRHOLT, F. W. **Costume in England: a history of dress to the end of the eighteenth century – Volume 1: História**. London: George Bell and Sons York Street, Covent Garden, 1909. Disponível em: <https://archive.org/details/costumeinengland01fairuoft>. Acesso realizado em 24 ago. 2020.

FALCONER, John. **Tables and Diagrams Illustrating Economy in cutting: economical methods for cutting out garments**. 3ª ed. London: John Williamson & Co, 1893. Disponível em: <https://archive.org/details/seriesoftablesdi00jfjo/page/n86/mode/1up>. Acesso realizado em 13 abr. 2020.

FISCHEL, Oskar and VON BOEHN, Max. **Modes and Manners of the Nineteenth Century As Represented in the Pictures and Engravings of the Time...** Translated by M. Edwardes. With an Introduction by Grace Rhys. London and New York: J.M. Dent and E.P. Dutton, 1909, 1927. Four volumes.

FRIENDSHIP, Elizabeth. **Pattern Cutting for Men's Costume**. London: Bloomsbury, 2014.

FURETIÈRE, Antoine. **Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des arts**. Chez Arnout et Reinier Leers, 1690. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50614b>. Acesso realizado em 10 jun. 2020.

GARSAULT, François-Alexandre-Pierre de. **Art du tailleur**: contenant le tailleur d'habits d'hommes, les culottes de peau, le tailleur de corps de femmes & enfants, la couturière & la marchande de modes. Paris, 1769. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1067622n>. Acesso realizado em 18 abr. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GILES, Edward Bowyer. **The history of the art of cutting in England**. London: F. T. Prewett, 1887. Disponível em: <https://archive.org/details/historyofartofcu00gile/page/n6/mode/2up>. Acesso realizado em 13 abr. 2020.

GOLDSBERRY & DORAN. **The Diamond Garment Cutter**. Chicago, Illinois, 1895. Disponível em: <https://archive.org/details/diamondgarmentcu00gold>. Acesso realizado em 13 abr. 2020.

GREEF, John de. **Chemises**. Paris: Booking International, 1989.

GREEN AVIAMENTOS. **Botões Alamar**. Disponível em: <http://www.greenaviamentos.com.br/website/produtos/produtos.aspx?categoria=40&subcategoria=216&>. Acesso realizado em 26 nov. 2020.

GREENSTEIN, A. M. **Erste franzsisch-amerikanische lehr-methode des zuschneidens für herrn und knaben anzüge**. New York, 1895. Disponível em: <https://archive.org/details/erstefranzsischa00gree/page/n6/mode/2up>. Acesso realizado em 14 abr 2020.

GROM, Brenton. **Slaves of fashion, loafers of industry: a history of paper collars and the men who wore them**. Disponível em: <https://disposableamerica.org/course-projects/brenton-grom/>. Acesso realizado em 4 dez. 2020.

HANS HOLBEIN ORG. **Portrait of Henry Howard, the earl of Surrey 1541-1543.** Disponível em: <http://www.hans-holbein.org/Portrait-Of-Henry-Howard-The-Earl-Of-Surrey-1541-43.html>. Acesso realizado em 11 jul. 2019.

HECKLINGER, Charles. **Vest Cutting: a manual for the practical tailor and cutter.** New York, 1883.

HERTZER, Günther F. **Garment cutting in the twentieth century.** Tiffin, Ohio, 1892. Disponível em: <https://archive.org/details/garmentcuttingin00hert/page/n6/mode/2up>. Acesso realizado em 13 abr. 2020.

HOBBSBAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848.** Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HOLME, Randle. **The academy of armory, or, A storehouse of armory and blazon...** Chester: Printed for the author, 1688.

HOUSTON, Mary G. **Medieval Costume in England and France: The 13th, 14th and 15th Centuries.** New York: Dover Publications Inc., 1871.

HULME, W. H. **The Practice Of Garment Pattern Making.** London: The National Trade Press, 1900. Disponível em: https://archive.org/details/The_Practice_Of_Garment_Pattern_Making.W.H.Hulme/page/n3/mode/2up. Acesso realizado em 14 abr. 2020.

INSTITUT NATIONAL D'HISTOIRE DE L'ART. **Charles Dupaty, statuaire: (portrait).** François Louis Dejuinne (auteur), Lithographie, 19e siècle, nº de registro: NUM EST 5724. Disponível em: <https://bibliotheque-numerique.inha.fr/collection/item/6239-charles-dupaty-statuaire?offset=5>. Acesso realizado em 02 mai 2020.

ITALIANO, Isabel. **Camisa de Rui Barbosa** (Paris), datada de c.1900, Fundação Casa de Rui Barbosa (Brasil), nº de registro 29.132a. Fotografias do acervo pessoal da pesquisadora, 2013.

ITALIANO, Isabel. **Do museu à cena: estudo, modelagem e recriação de trajes históricos.** Universidade de São Paulo (USP), Grande área: Lingüística, Letras e Artes, Livre-docência, Ano de obtenção: 2018.

ITALIANO, Isabel; VIANA, Fausto. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

JENKINS, David. **The Cambridge History of Western Textiles.** 2 vol. New York: Cambridge University Press, 2003.

JONES, Amanda. **Rules and directions for cutting men's clothes, by the square rule : by which, in a few hours, a person may acquire such a knowledge of the art, as will enable him to cut all sizes and fashions, with the greatest accuracy.** Vermont (EUA), 1822. Disponível em:

<https://archive.org/details/rulesdirectionsf00jone/page/n1/mode/2up>. Acesso realizado em 15 abr 2020.

KELLY, Francis M.; SCHWABE, Randolph. **Historic Costume: a chronicle of fashion in western europe**. New York: Charles Scribner's Sons, 1925. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015046853654&view=1up&seq=1>. Acesso realizado em 18 abr 2020.

KENT STATE UNIVERSITY MUSEUM. **Man's linen shirt, late 18th century**. Disponível em: <https://insideoutksum.wordpress.com/18th-century/mans-linen-shirt-late-18th-century/>. Acesso realizado em 06 jan 2021.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KUNSTHISTORISCHES MUSEUM. **O Retorno do Filho Pródigo**, óleo sobre tela, 1619, Giovanni Francesco Barbieri, gen. Il Guercino. Disponível em: <https://shop.khm.at/shop/detail/?shop%5BshowItem%5D=100000000027300-2330-0>. Acesso realizado em 11 ago 2020.

LA MODE PRATIQUE. **Cours de Coupe de la Mode-Pratique pour faire soi-même ses robes, ses manteaux**. França: Hachette & Cte, 1899. Disponível em: <https://archive.org/details/coursdecoupe1/page/n5/mode/2up>. Acesso realizado em 16 abr 2020.

LAVER, James. **Clothes: Pleasures of Life Series**. Burke; 1st Edition edition (1952).

LE BLANC, H. **The Art of Tying the Cravat**. New York: S. & D. A. Forbes, 1829. Disponível em: <https://archive.org/details/arttyingcravat00unkngoog/page/n7/mode/2up>. Acesso realizado em 16 abr 2020.

LE GALLERIE DEGLI UFFIZI. **Adoration of the Shepherds with angels and Saint Thomas, Saint Anthony, Saint Margaret, Mary Magdalen and the Portinari family (recto); Annunciation (verso)**. Hugo van der Goes, c.1477-1478, Oil on wood, nº de registro 1890, nos. 3191-3192-3193. Disponível em: <https://www.uffizi.it/en/artworks/adoration-of-the-shepherds-with-angels-and-saint-thomas-saint-anthony-saint-margaret-mary-magdalen-and-the-portinari-family-recto-annunciation-verso>. Acesso realizado em 7 jul. 2019.

LELOIR, Maurice. **Histoire du costume de l'antiquité à 1914 Tome XI Epoque Louis XV. 1725 a 1774**. Paris: Ernst and Cie (1914).

LES BIBLIOTHÈQUES VIRTUELLES HUMANISTES. **Les Songes drolatiques de Pantagruel**, 1565, p.27, Paris, François Desprez, nº de registro: Res 3540. Disponível em: http://www.bvh.univ-tours.fr/Consult/index.asp?numtable=B372616101_3540_2&numfiche=62&mode=1&offset=101&ecran=0&url=. Acesso realizado em 25 fev. 2020.

LEXICO OXFORD, English Dictionary. **Butterfly collar**. Disponível em: https://www.lexico.com/definition/butterfly_collar. Acesso realizado em: 15 dez. 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MADISON, James O. **Elements of garment cutting, together with parctical hints to cutters**. Hartford, Conn., The Case, Lockwood & Brainard company, 1878. Disponível em: <https://archive.org/details/elementsofgarmen00madi/page/n9/mode/2up>. Acesso realizado em 13 abr. 2020.

MAIA, Carlos Bento de. **Tratado elementar de risco e corte de roupa**. Lisboa: Editora Guimarães, 1908.

MANCHESTER ART GALLERY. **Camisa longa em linho branco**, c. 1630-1650, Inglaterra (confeccionada), nº de registro: 1995.21. Disponível em: <https://manchesterartgallery.org/collections/title/?mag-object-9984#>. Acesso realizado em 18 ago 2020.

MARTIN, James A. **Martin's shirt system**. Peoria, Illinois, 1890. Disponível em: <https://archive.org/details/martinsshirtsyst00mart/page/n6/mode/2up>. Acesso realizado em 13 abr. 2020.

MASNER, Karl. **Die Costum-Ausstellung im K.K. Oesterreichischen Museum**, 1891. Disponível em: <https://archive.org/details/diecostumausstel00kkos/page/n2/mode/2up>. Acesso realizado em 03 jul. 2020.

MCLOCHLAINN, Jason. **The Victorian Tailor**: an introduction to period tailoring. New York: St. Martin's Press, 2011.

MCNEIL, Peter. **Pretty Gentlemen: Macaroni Men And The Eighteenth-Century Fashion World**. Yale University Press, 2018.

MESANGERE, Pierre de La. **Le Bon Genre** (detail, illustration of two Incroyables, who were members of a fashionable aristocratic subculture in Paris during the Directoire period that followed the Reign of Terror, hand-colored etchings on paper), nº de registro: 102977, 1814. Disponível em: <https://images.lib.ncsu.edu/luna/servlet/s/fq5505>. Acesso realizado em 12 jul. 2020.

MIKHAILA, Ninya; MALCOLM-DAVIES, Jane. **The Tudor Tailor: Reconstructing sixteenth-century dress**. Hollywood: Costume and Fashion Press, 2006.

MINISTER. **Guide to Cutting**. 1863

MONTREAL MUSEUM OF FINE ARTS. **Portrait of Paulus van Esch**, c.1665, Holanda, óleo sobre tela, Nicolaes Maes, nº de registro: 1943.808. Disponível em: <https://www.mbam.qc.ca/en/collections/?t=man#detail-8698>. Acesso realizado em 25 mar 2020.

MUSEU DE ALBERTO SAMPAIO. **Camisa**, Portugal, XIX d.C. - XX d.C., nº de registro MAS T 402. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=6931>. Acesso realizado em 12 mai. 2019.

MUSEU DOS BISCAINHOS. **Colarinho de camisa masculina**. Número de inventário: 2881 MB. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1039235>. Acesso realizado em 23 jun. 2018a.

MUSEU DOS BISCAINHOS. **Punho de camisa masculina**. Número de inventário: 2871 MB. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=293217>. Acesso realizado em 23 jun. 2018b.

MUSEU DOS BISCAINHOS. **Camisa de homem**. Datação XIX d.C. - XX d.C. Número de inventário: 2866 MB. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1039235>. Acesso realizado em 23 jun. 2018c.

MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA. **Camisa**, final do século XIX, Portugal, Nº registro AQ.561. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=92790>. Acesso realizado em 15 abr. 2020a.

MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA. **Camisa**, final do século XIX, Portugal, Nº registro AR.641. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=92807>. Acesso realizado em 15 abr. 2020b.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE. **Camisa masculina de cambraia de linho branco**. Datação 1690 d.C. Número de inventário: 4094. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=60341>. Acesso realizado em 23 jun. 2018a.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE. **Camisa masculina de linho branco**. 1760 d.C. - 1770 d.C. Número de inventário: 4096. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=61754>. Acesso realizado em 23 jun. 2018b.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE. **Jabot/Masculino**. Datação XIX d.C. Número de inventário: 13727. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=45238>. Acesso realizado em 23 jun. 2018c.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE. **Punhos (par)/Masculino**. Datação XIX d.C. Número de inventário: 13728. Disponível em:
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1101231>. Acesso realizado em 23 jun. 2018d.

MUSEU NACIONAL DOS COCHES. **Camisa de Uniforme da Casa Real**, XIX, Portugal, nº de registro F 2260. Disponível em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1087668>. Acesso realizado em 23 jun. 2018a.

MUSEU NACIONAL DOS COCHES. **Camisa de Uniforme da Casa Real**, XIX, Portugal, nº de registro F 2511. Disponível em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1059307>. Acesso realizado em 23 jun. 2018b.

MUSÉE DU LOUVRE. **Man with a Glove**, óleo sobre tela, 1520, Tiziano Vecellio, nº de registro: INV. 757. Disponível em: <https://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/man-glove>. Acesso realizado em 24 fev. 2019a.

MUSÉE DU LOUVRE. **Portrait of François I, King of France (1494-1547)**, óleo sobre tela, c.1530, Jean Clouet, nº de registro: Inv. 3256. Disponível em: https://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/portrait-francois-i-king-france-1494-1547?sous_dept=1. Acesso realizado em 24 fev. 2019b.

MUSÉE MCCORD. F. J. **Francis et un ami**, Montréal, QC, 1895. Wm. Notman & Son. Achat de l'Associated Screen News Ltd. Disponível em: <http://collections.musee-mccord.qc.ca/fr/collection/artefacts/II-109450>. Acesso realizado em 20 jan. 2019.

MUSEUM OF FINE ARTS OF BOSTON. **A Lackey with His Master's Set of Clothes**. Etching and engraving, c. 1633, Abraham Bosse (French, 1604–1676), Published by: Jean Le Blond I (French, 1590/94–1666). Nº de registro: 44.953. Disponível em: <https://collections.mfa.org/objects/125972/a-lackey-with-his-masters-set-of-clothes>. Acesso realizado em 11 mar 2020a.

MUSEUM OF FINE ARTS OF BOSTON. **Lute Player**, c.1640, França, óleo sobre tela, Jean de Reyn, nº de registro: 34.541. Disponível em: <https://collections.mfa.org/objects/32488/lute-player?ctx=a7953874-ba24-4ae8-94c6-6559f970daff&idx=16>. Acesso realizado em 11 mar 2020b.

MUSEUM OF FINE ARTS OF BOSTON. **Homme de qualité en habit d'espée. Engraving and etching with hand-applied color on laid paper**, 1687, França, Nicolas Arnoult, nº de registro 44.1198. Disponível em: <https://collections.mfa.org/objects/312468/homme-de-qualite-en-habit-despee>. Acesso realizado em 29 mar 2020c.

NAIRN, Thomas. **Practical essays on shirt cutting [microform]: together with exhaustive lessons in shirt making**. Toronto, 1881. Disponível em: https://archive.org/details/cihm_34564/page/n5/mode/2up. Acesso realizado em 13 abr. 2020.

NATIONAL GALLERY OF ART. **Portrait of a Gentleman**, óleo sobre tela, 1569, Antonio Moro, nº de registro: 1937.1.52. Disponível em:

<https://www.nga.gov/collection/art-object-page.59.html>. Acesso realizado em 25 fev 2020a.

NATIONAL GALLERY OF ART. **Henri II de Lorraine**, c. 1634, óleo sobre tela, Sir Anthony van Dyck, nº de registro: 1947.14.1. Disponível em: <https://www.nga.gov/collection/art-object-page.34046.html#overview>. Acesso realizado em 23 mar 2020b.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY. **Robert Dudley, 1st Earl of Leicester**, c.1575, Inglaterra, óleo em painel, Unknown Anglo-Netherlandish artist, nº de registro: NPG 447. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw03851/Robert-Dudley-1st-Earl-of-Leicester>. Acesso realizado em 12 ago 2020.

NASCIMENTO, C. P. **Metodologia de pesquisa em design**: disciplina de pós-graduação. Mar – jun 2018. Notas de aula.

NORDISKA MUSEET. **Konst och nyhetsmagasin: för medborgare af alla klasser. Dräkt Modejourn Rar /Magasin**, Stockholm, ilustração nº44, 1819. Disponível em: <https://nordiskamuseet.mikromarc.se/mikromarc3/Detail.aspx?Unit=6473&db=nordiskamuseet&id=91378>. Acesso realizado em 02 mai 2020a.

NORDISKA MUSEET. **Konst och nyhetsmagasin: för medborgare af alla klasser. Dräkt Modejourn Rar /Magasin**, Stockholm, ilustração nº28, 1821. Disponível em: <https://nordiskamuseet.mikromarc.se/mikromarc3/Detail.aspx?Unit=6473&db=nordiskamuseet&id=91378>. Acesso realizado em 02 mai 2020b.

OLIVEIRA, Gracinéia Imaculada. **Estudo do vocabulário do vestuário em documentos setecentistas de Minas Gerais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2010. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1349M.pdf>. Acesso realizado em 26 nov. 2020.

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA. **Camisa**, c.1838-1889, nº de registro: 55339. Museu em Portugal. Disponível em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=990770>. Acesso realizado em 23 jun. 2018.

QUICHERAT, Jules Etienne Joseph. **Histoire du costume en France: depuis les temps les plus recules jusqu'a la fin du XVIIIe siecle**, 1875. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=AgYGAAAAQAAJ&rdid=book-AgYGAAAAQAAJ&rdot=1>. Acesso realizado em 20 mai 2020.

ROYAL COLLECTION TRUST. **Portrait of a Young Man**, óleo sobre tela, c.1505, Giovanni Bellini, nº de registro: RCIN 405761. King's Dressing Room, Windsor Castle. Disponível em: <https://www.rct.uk/collection/search#/12/collection/405761/portrait-of-a-young-man>. Acesso realizado em 24 fev. 2019.

RUPPERT, Jacques. **Le Costume** - 5 volumes. Flammarion, 1973.

SANTOS, Valéria Oliveira. **Sob medida: uma etnografia da prática da alfaiataria**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-06082018-160558/en.php>. Acesso realizado em 27 dez. 2020.

SEARS, ROEBUCK & COMPANY. **Sears, Roebuck & Co. Catalogue**. New York: Skyhorse Publishing, 1897.

STAATLICHE MUSEEN ZU BERLIN. **Porträt des Clemens August Carl Klenze**, Lithografie, Eduard Meyer (criador), c.1800-1815, nº de registro: 14138157. Disponível em: <http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&lang=en>. Acesso realizado em 02 mai 2020.

SUTHERLAND, Edwin Hardin. **White Collar Crime**. New York: Dryden Press, 1949.

TAWNEY, Richard Henry. **The establishment of minimum rates in the tailoring industry under the Trade Boards Act of 1909**. G. Bell and Sons Ltd: London, 1915. Disponível em: <https://go-gale.ez67.periodicos.capes.gov.br>. Acesso realizado em 03 jul. 2020.

TERRAZO, Ricardo. **As Partes da Camisa Social Masculina – Glossário da Moda**: foto da carcela da camisa com punho. Disponível em: <https://www.canalmasculino.com.br/as-partes-da-camisa-social-masculina-glossario-da-moda/>. Acesso realizado em 26 nov. 2020.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Shirt, linen, silk and metal thread**. Accession Number: 10.124.2. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/83867?sortBy=Relevance&wh=en=A.D.+1400-1600&what=Costume&ft=shirt&offset=0&rpp=20&pos=2>. Acesso realizado em 23 jun. 2018a.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Portrait of a Man**, Portrait, Oil on canvas, ca. 1520–25, Moretto da Brescia (Alessandro Bonvicino), Italian. Accession Number: 28.79. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/437158>. Acesso realizado em 23 jun. 2018b.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Chancellor Leonhard von Eck** (1480–1550), 1527, Alemanha, óleo em abeto, Barthel Beham, nº de registro: 12.194. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/435635>. Acesso realizado em 12 ago 2020a.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Juan de Pareja**, Portrait, Spain, c.1606–1670, Diego Rodríguez de Silva y Velázquez. Accession Number: 1971.86.

Disponível em: <https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/437869>. Acesso realizado em 17 jul. 2019a.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **A Musical Party**, c. 1650, Holanda, óleo sobre tela, Gerbrand van den Eeckhout, nº de registro: 26.260.8. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/436267>. Acesso realizado em 23 mar 2020b.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Paying the Hostess**, c. 1670, Holanda, óleo sobre tela, Pieter de Hooch, nº de registro: 58.144. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/436677>. Acesso realizado em 25 mar 2020c.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Shirt**, c.1780, French, linen, nº de registro: 2009.300.62. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/159171>. Acesso realizado em 25 mar 2020d.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. **Joseph-Antoine Moltedo (born 1775)**, ca. 1810, Oil on canvas, Jean Auguste Dominique Ingres, nº de registro: 29.100.23. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/438818>. Acesso realizado em 06 abr. 2019b.

THE NATIONAL GALLERY. **Hans Holbein the Younger**. Disponível em: <https://www.nationalgallery.org.uk/artists/hans-holbein-the-younger>. Acesso realizado em 12 jul. 2019.

THIRIFOCCQ, Louis. **Le nouveau livre du tailleur: traité complet de la coupe des vêtements d'homme**. Paris, 1881. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k108047d/f1.image>. Acesso realizado em 16 abr 2020.

THORNTON, J. P. **International System of Garment Cutting**. 2nd Ed. London: The Thornton Institute, 1885. Disponível em: https://archive.org/details/Thornton_International_System_of_Garment_Cutting/page/n3/mode/2up. Acesso realizado em 14 abr. 2020.

THURSFIELD, Sarah. **The Medieval Tailor's Assistant: making common garments 1200-1500**. Carlton: Ruth Bean Publishers, 2001.

TREASURY DEPARTMENT. **Quarterly reports of the chief of the bureau of statistics showing the imports and exports of the United States**. 1885. Washington: Government Printing Office. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=U68pAAAAYAAJ&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 14 jan. 2021.

TRUMAN, Nevil. **Historic Costuming**. London: Sir Isaac Pitman & Sons Ltd, 1949.

VIANA, Fausto; ITALIANO, Isabel. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XVIII**. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em:

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/292>. Acesso realizado em 18 abr. 2020.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, ca. 1540 (made). Museum number: T.112-1972. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O115767/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 26 jun. 2018a.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Young Man among Roses**, aquarela em pergaminho colada em cartão, ca. 1587, Inglaterra, Nicholas Hilliard, nº de registro: P.163-1910. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O17315/young-man-among-roses-portrait-miniature-hilliard-nicholas/>. Acesso realizado em 25 fev 2020a.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Rufo de linho**, 1620-1629 (fabricação), Inglaterra, nº de registro: T.287-1916. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O137837/ruff-unknown/>. Acesso realizado em 15 mar 2020b.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Colarinho caído**, 1620-1630 (fabricação), Inglaterra, nº de registro: 190-1900. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O130591/falling-collar-unknown/>. Acesso realizado em 15 mar 2020c.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Man's ensemble**, made in England, c.1630. Museum number: T.58 to B-1910. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O13918/mans-ensemble-unknown/>. 15 mar 2020d.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Gola**. 1650-1665 (fabricação), Flandres, nº de registro: T.99-1967. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O90043/collar-unknown/>. Acesso realizado em 23 mar 2020e.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, ca. 1600-1650 (made). Museum number: 139-1880. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O356815/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018b.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Portrait of Charles Killigrew**, c.1673 (pintado), óleo sobre tela, Peter Lely, nº de registro: S.540-1983. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O84855/charles-killigrew-painting-lely-peter-sir/>. Acesso realizado em 26 mar 2020f.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Portrait of John Wilmot, Second Earl of Rocheste**, c.1677 (pintado), óleo sobre tela, Peter Lely, nº de registro: 491-1882. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O8822/john-wilmot-second-earl-of-oil-painting-lely-peter-sir/>. Acesso realizado em 26 mar 2020g.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Portrait of a Young Man**, c. 1685 (pintado), óleo sobre tela, Louis Ferdinand Elle, nº de registro: P.68-1917. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O114040/portrait-of-a-young-man-oil-painting-elle-louis-ferdinand/>. Acesso realizado em 26 mar 2020h.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt frill and ruffles**, ca. 1690-1715 (made). Museum number: T.397 to D-1970. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O225666/shirt-frill-and-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018c.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, c.1700, Spanish. Museum number: T.358-1910. Disponível em: <https://collections.vam.ac.uk/item/O358366/shirt/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018d.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, ca. 1650-1700 (made). Museum number: 975-1864. Disponível em: <https://collections.vam.ac.uk/item/O318726/shirt-c/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018e.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, c. 1700-1720, made in England. Museum number: T.356-1980. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O364847/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 25 jun. 2018f.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, c.1740-1780, made in Great Britain. Museum number: T.246-1931. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O13939/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 25 jun. 2018g.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt frill**, c.1755-1765, made in France. Museum number: 779-1890. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O224769/shirt-frill-unknown/>. Acesso realizado em 25 jun. 2018h.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt frill and ruffles**, c.1760, made in Valenciennes. Museum number: 1511, A to D-1900. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O224532/shirt-frill-and-unknown/>. Acesso realizado em 25 jun. 2018i.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, c. 1780-1795, made in Great Britain. Museum number: T.360-1984. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O137719/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 25 jun. 2018j.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**: Man's linen shirt, made in England, dated 1791. Museum number: T.281-1987. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O366237/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018k.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**: Men's, long and full, upright collar, dress. Made in Britain, dated 1820. Museum number: T.156-1930. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O364854/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018l.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**: Shirt of white linen, England, 1830. Museum number: T.97-1963. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O364851/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018m.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, 1846 (made). Museum number: T104-1934. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O110106/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018n.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**: Man's shirt, white cambric with pleated front, England, 1820s-1840s. Museum number: T.474-1995. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O351237/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018o.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Wedding shirt**, England (possibly, made), 1848. Museum number: T.561-1919. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O364859/wedding-shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018p.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Wedding shirt front**, Great Britain (made), 1848, Museum number: T.147-1925. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O364855/wedding-shirt-front-unknown/>. Acesso realizado em 25 jun. 2018q.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**: White linen shirt, English, 1850. Museum number: T.94-1963. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O364842/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018r.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**: Shirt of white cotton with woven decoration, made in England, 1850s. Museum number: T.393-1985. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O366214/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018s.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, ca.1800-1850 (made). Museum number: 1112-1904. Disponível em: <https://collections.vam.ac.uk/item/O364857/shirt/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018t.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, 1800-1900 (made), Ireland (country) (possibly, made), Great Britain (possibly, made). Museum number: 740-1902. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O364858/shirt-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018u.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt sampler**, made in England, 1878. Museum number: T.415-1976. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O317187/shirt-sampler-whittaker-jane/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018v.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, ca. 1866-1890 (made). Museum number: T.208-1972. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O78784/shirt-welch-margetson-co/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018x.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Collar**, 1890-1900 (made). Museum number: T.84-2000. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O40183/fitzwilliam-collar-morgan-and-ball/>. Acesso realizado em 11 fev. 2018y.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, ca.1884-1900 (made). Museum number: S.1418-1984. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O1113622/shirt-clothing-unknown/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018z.

VICTORIA & ALBERT MUSEUM. **Shirt**, ca.1884-1900 (made), Great Britain (made). Museum number: S. 1417-1984. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O1113623/shirt-clothing-dr-jaegers-co/>. Acesso realizado em 23 jun. 2018aa.

VICTORIANA MAGAZINE. **Victorian Clothing for Men from Harper's Bazaar. 1860s: GENTLEMEN'S SHIRT**. c.1868. Harper's Bazaar ed. sept. 26, 1868. Disponível em: <http://www.victoriana.com/Mens-Clothing/mens-clothing-1868.html>. Acesso realizado em 10 jan. 2019a.

VICTORIANA MAGAZINE. **Victorian Clothing for Men from Harper's Bazaar. 1860s: GENTLEMEN'S COLLARS AND CUFFS**. Harper's Bazaar ed. sept. 26, 1868. Disponível em: <http://www.victoriana.com/Mens-Clothing/mens-clothing-1868.html>. Acesso realizado em 10 jan. 2019b.

VINCENT, William D. F. **The Cutter's practical guide to cutting and making shirts, undergarments, collars, and specialite clothing for various occupations**. London: John Williamson Co, 1890. Disponível em: <https://archive.org/details/vincentmakinshirts18xx>. Acesso realizado em 18 abr. 2020.

WALKER, W., GEORGE & HEARN. **The Tailor's Masterpiece, or the Art of Cutting all kinds of Coats, Waistcoats, Children's Dresses, Military, Hussar, and other Jackets....** Richardson & Clark, 1835.

WATT, Melinda. Nineteenth-Century European Textile Production. In: **Heilbrunn Timeline of Art History**. [2000-]. New York: The Metropolitan Museum of Art. Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/txtn/hd_txtn.htm. Acesso em: 17 jan. 2021.

WAUGH, Norah. **The cut of men's clothes: 1600 – 1900**. London: Faber and Faber Ltd., 1964.

WHOLE ART. **The whole art of dress! or, The road to elegance and fashion, at the enormous saving of thirty...** London: 1830. Disponível em: <https://archive.org/details/wholeartdressor00artgoog/page/n9/mode/2up>. Acesso realizado em 16 abr 2020.

WIKIPEDIA. **Selvage (orela)**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Selvage>. Acesso realizado em 27 nov. 2020.

WILCOX, D. 2010, 'book review: **Pattern Cutting for Men's Costume (London: A & C Black, 2008)**', **Costume**, vol. 44, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1179/174963010x12662396506166>. Acesso realizado em 13 abr. 2020.

GLOSSÁRIO

ALAMAR

É um aviamento de duas partes, lado direito e lado esquerdo, utilizado para fechamento.

Figura 221 – Foto de um modelo de alamar.

Fonte: Green Aviamentos, 2020.

ASELHA

Tipo de fechamento que possui o botão de um lado e um laço ou arco de metal do outro.

Figura 222 – Fechamento da gola com aselha, ilustração

Fonte: Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54, edição nossa).

CAMISA

O *sherte* ou *camise* era a parte do vestuário usado próximo da pele sem distinção de termo para os sexos (FAIRHOLT, 1896). Para fins desta pesquisa, se considera uma “camisa” o artigo geralmente confeccionado de linho, algodão e às vezes lã fina que era utilizado sob toda a veste do homem europeu, sendo a última peça de vestuário em contato direto com a parte superior do seu corpo, geralmente constituída de mangas compridas.

CARCELA

A carcela é uma tira de tecido que arremata a fenda da manga comprida, e quando longa pode ter um botão. Ela dá continuidade a abertura do punho da camisa.

Figura 223 – Foto de carcela da camisa com punho.

Fonte: Terrazo, 2020.

COLARINHO

“Uma proteção de tecido para o pescoço” (FAIRHOLT, 1896, p.126). Na presente pesquisa, é designada como a tira de tecido que faz o acabamento do decote da camisa e, a partir de determinada época oferece estrutura para a gola ou para o colarinho destacável.

Figura 224 – Ilustrações de camisas do século XVI, tipos de colarinhos

Fonte: Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.54, edição nossa).

**COLARINHO
DESTACÁVEL OU
REMOVÍVEL**

As golas de camisa removíveis (ou seja, que não são costuradas à camisa) são comumente chamadas de colarinhos removíveis, ou colarinhos destacáveis. De acordo com Cunnington e Cunnington (1951), os colarinhos destacáveis eram fixados na camisa por abotoamento na frente e nas costas. A Figura 225 apresenta a fotografia de um colarinho destacável que faz parte do acervo do museu Victoria & Albert.

Figura 225 – Colarinho destacável (Londres, Inglaterra), datado de 1890-1900, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº registro T.84-2000

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018y).

GIBÃO

Do inglês *doublet*, “um nome que parece ter sido derivado da vestimenta sendo feita de tecido duplo acolchoado entre eles” (FAIRHOLT, 1896, p.149). “O gibão foi usado pelos homens desde a Idade Média e continuou a ser usado até a terceira década do século 17, quando finalmente desapareceu” (WAUGH, 1964).

Figura 226 – Gibão com decote quadrado baixo e camisa decotada aparecendo acima.

Fonte: Cunningham (1954, p.18).

HOLLAND

Tecido de linho liso ou com acabamento opaco. Pode ser também um tecido de algodão que é tornado mais ou menos opaco por um acabamento vitrificado ou não vidrado (chamado acabamento *Holland*). Originalmente, o nome era aplicado a

qualquer roupa de cama de linho importada do continente europeu e, principalmente, ao produto obtido dos Países Baixos. Na Grécia, vários tecidos de algodão colorido também são conhecidos como *hollands* (ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, 2020b).

JABOT

Tira de tecido ou renda aplicada de forma fixa ou removível na região do pescoço de forma a dar volume, seja com babados ou dando-se laços com a mesma, podendo-se utilizar mais do que uma tira para dar esse efeito.

Figura 227 – *Jabot* de renda no manequim (Bélgica ou França), datado de c.1690-1715, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.397 to D-1970.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018c, edição nossa).

JUSTAUCORPS

Tipo de gibão justo ao corpo. Tipo de casaca francesa surgida no século XVII caracterizada pelo excessivo ornamento. O uso do *justaucorps* perdurou até final do século XVIII, sendo usado na França apenas por homens de condição social inferior, enquanto os homens de prestígio usavam-no apenas como sobretudo (OLIVEIRA, 2010).

MADRAS

Um leve tecido de algodão tecido à mão com um padrão xadrez ou listrado feito com corantes vegetais. Embora o termo “madras” seja também utilizado para designar padronagens de

xadrez, o tecido original de madras veio da região de Madras, na Índia (COTTON, 2019).

MODELAGEM

É uma técnica que gera um conjunto de moldes, que são formas em duas dimensões de diferentes partes de um item de vestuário, feitas normalmente em papel, a fim de serem posicionadas sobre o tecido que será cortado naquele formato para a sua posterior costura (WAUGH, 1964).

OURELA

Arremate nas extremidades laterais dos tecidos. Do inglês “selvage”.

Figura 228 – Pedaco de tecido com ourela.

Fonte: Wikipedia (2020).

PEITILHO (OU PALA DA FRENTE)

Para esta pesquisa denomina-se peitilho ou pala da frente a parte da camisa que é recortada na frente, normalmente dupla, ou plissada, ou bordada, onde se posiciona a abertura da camisa para a passagem da cabeça ao vestir.

Figura 229 – Dois peitilhos de camisa do século XIX, ilustração.

Fonte: Vincent (1890, p.7, edição nossa)

**PREGUEADO
CARTUCHO**

Um franzido muito compacto, utilizado para fazer um franzido muito fino com uma grande quantidade de tecido. Esse tipo de prega é sempre feito à mão, quanto maiores forem os pontos, mais grossas são as pregas (MIKHAILA & MALCOLM-DAVIES, 2006).

Figura 230 – (a) Camisa de linho bordada com seda, detalhe da gola (Inglaterra), datada de c.1540, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.112-1972; (b) Ilustração da elaboração de pregas cartucho, edição nossa.

(a)

(b)

Fonte: (a) Victoria & Albert Museum (2018a); (b) Adaptado de Mikhaila & Malcolm-Davies (2006, p.53).

RUFO

Tipo de gola armada que se tornou mais importante no período Elizabetano (1558-1603).

Figura 231 – *Young Man among roses*, aquarela em pergaminho colada em cartão, ca. 1587, Inglaterra, Nicholas Hilliard, nº de registro: P.163-1910, detalhe ampliado

Fonte: Victoria & Albert Museum (2020a, edição nossa)

TACO

Triângulo de tecido, geralmente formado por um quadrado dobrado ao meio, utilizado como reforço nas mangas, pescoço e aberturas laterais das camisas até o século XIX. Nas mangas também tinha a função de dar espaço para a colocação dos braços e facilitar o movimento.

Figura 232 – Exemplo de taco abaixo da manga, Camisa bordada com peitilho (Espanha), datada de c.1700, Victoria & Albert Museum, Inglaterra, nº de registro T.358-1910.

Fonte: Victoria & Albert Museum (2018d, edição nossa).

APÊNDICE A – LISTA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE A CAMISA MASCULINA CONSULTADOS PARA A PESQUISA: HISTÓRIA, DIAGRAMAS E MODELAGENS

Lista ordenada por período, iniciando-se antes do século XVI e terminando no século XIX.

REFERÊNCIA SOBRE A CAMISA MASCULINA	CONTEMPLA QUAL PERÍODO?	TEM INFORMAÇÃO SOBRE CAMISA MASCULINA?
HOUSTON, Mary G. Medieval Costume in England and France: The 13th, 14th and 15th Centuries. New York: Dover Publications Inc., 1871.	Pré XVI	Não foi possível consultar
THURSFIELD, Sarah. The Medieval Tailor's Assistant: making common garments 1200-1500. Carlton: Ruth Bean Publishers, 2001.	Pré XVI	Não foi possível consultar
CUNNINGTON, C. Willett. Handbook of English costume in the sixteenth century. London: Faber and Faber, 1954. Disponível em: https://archive.org/details/handbookofenglis0000unse_e2n2 . Acesso realizado em 18 abr 2020.	XVI	SIM
MIKHAILA, Ninya; MALCOLM-DAVIES, Jane. The Tudor Tailor: Reconstructing sixteenth-century dress. Hollywood: Costume and Fashion Press, 2006.	XVI	SIM
FRIENDSHIP, Elizabeth. Pattern Cutting for Men's Costume. London: Bloomsbury, 2014.	XVI - XVII - XVIII - XIX	Não foi possível consultar
GILES, Edward Bowyer. The history of the art of cutting in England. London: F. T. Prewett, 1887. Disponível em: https://archive.org/details/historyofartofcu00gile/page/n6/mode/2up . Acesso realizado em 13 abr 2020.	XVI - XVII - XVIII - XIX	SIM
RUPPERT, Jacques. Le Costume - 5 volumes. Flammarion, 1973.	XVI - XVII - XVIII - XIX	Não foi possível consultar
KELLY, Francis M.; SCHWABE, Randolph. Historic Costume: a chronicle of fashion in western europe. New York: Charles Scribner's Sons, 1925. Disponível em: https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015046853654&view=1up&seq=1 . Acesso realizado em 18 abr 2020.	XVI - XVII - XVIII	SIM

REFERÊNCIA SOBRE A CAMISA MASCULINA	CONTEMPLA QUAL PERÍODO?	TEM INFORMAÇÃO SOBRE CAMISA MASCULINA?
QUICHERAT, Jules Etienne Joseph. Histoire du costume en France: depuis les temps les plus recules jusqu'a la fin du XVIIIe siecle, 1875. Disponível em: https://play.google.com/store/books/details?id=AgYGA AAAQAAJ&rdid=book-AgYGAAAAQAAJ&rdot=1 . Acesso realizado em 20 mai 2020.	XVI - XVII - XVIII	SIM
DAVIS, R. I. Men's 17th & 18th Century Costume, Cut & Fashion: Patterns for Men's Costumes. Studio City: Players Press, 2000.	XVII-XVIII	Não foi possível consultar
WAUGH, Norah. The cut of men's clothes: 1600 – 1900. London: Faber and Faber Ltd., 1964.	XVII- XVIII - XIX	SIM
ARNOLD, Janet. Patterns of Fashion 4: The Cut and Construction of Linen Shirts, Smocks, Neckwear, Headwear and Accessories for Men and Women c.1540-1660. Hollywood, CA: Quite Specific Media Group, 2008.	XVII	SIM
ARNOLD, Janet. Patterns of Fashion: The Cut and Construction of Clothes for Men and Women, c1560-1620. London : New York: Macmillan ; Drama Book, 1985.	XVII	NÃO
BURGUEN, Francisco de La Rocha. Geometria y traça perteneciente al oficio de sastres. Valencia, 1618. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8549738.image . Acesso realizado em 17 abr 2020.	XVII	NÃO
CUNNINGTON, C. Willett. Handbook of English costume in the seventeenth century. London : Faber and Faber: 1963. Disponível em: https://archive.org/details/handbookofenglis0000unse_j0e3 . Acesso realizado em 18 abr. 2020.	XVII	SIM
HOLME, Randle. The academy of armory, or, A storehouse of armory and blazon... Chester: Printed for the author, 1688.	XVII	NÃO

REFERÊNCIA SOBRE A CAMISA MASCULINA	CONTEMPLA QUAL PERÍODO?	TEM INFORMAÇÃO SOBRE CAMISA MASCULINA?
AUTOR DESCONHECIDO. Tailor of suits and tailor of bodices. The Encyclopedia of Diderot & d'Alembert Collaborative Translation. Translated by Bob Trump. Ann Arbor: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2003. Web. Trans. of "Tailleur d'habits et tailleur de corps," Supplément à l'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, vol. 9 (plates). Paris, 1765. Disponível em: https://quod.lib.umich.edu/d/did/did2222.0000.178?view=text;rgn=main . Acesso realizado em 18 abr. 2020.	XVIII	SIM, MAS NÃO ESTÁ CLARO
BAUMGARTEN, Linda. Eighteenth-Century Clothing at Williamsburg. Colonial Williamsburg, 1986.	XVIII	Não foi possível consultar
BAUMGARTEN, Linda; WATSON, John; CARR, Florine. Costume Close-up: Clothing Construction and Pattern, 1750-1790. Williamsburg: Colonial Williamsburg Foundation, 1999.	XVIII	P.105
CUNNINGTON, C. Willett. Handbook of English costume in the eighteenth century. Boston, Plays, 1972. Disponível em: https://archive.org/details/handbookofenglis00cunn . Acesso realizado em 25 mai. 2020.	XVIII	SIM
FAIRHOLT, F. W. Costume in England : a history of dress to the end of the eighteenth century. London: George Bell and Sons York Street, Covent Garden, 1896. Volume 2: Glossário. Disponível em: https://archive.org/details/costumeinengland02fairuoft . Acesso realizado em 25 mai. 2020.	XVIII	SIM
FAIRHOLT, F. W. Costume in England : a history of dress to the end of the eighteenth century. London: George Bell and Sons York Street, Covent Garden, 1909. Volume 1: História. Disponível em: https://archive.org/details/costumeinengland01fairuoft . Acesso realizado em 24 ago. 2020.	XVIII	SIM

REFERÊNCIA SOBRE A CAMISA MASCULINA	CONTEMPLA QUAL PERÍODO?	TEM INFORMAÇÃO SOBRE CAMISA MASCULINA?
GARSAULT, François-Alexandre-Pierre de. Art du tailleur: contenant le tailleur d'habits d'hommes, les culottes de peau, le tailleur de corps de femmes & enfants, la couturière & la marchande de modes. Paris, 1769. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1067622n . Acesso realizado em 18 abr. 2020.	XVIII	NÃO
ITALIANO, Isabel; VIANA, Fausto. Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XVIII. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em: http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/292 . Acesso realizado em 18 abr. 2020.	XVIII	P.283
LELOIR, Maurice. Histoire du costume de l'antiquité à 1914 Tome XI Epoque Louis XV. 1725 a 1774. Paris: Ernst and Cie (1914).	XVIII	Não foi possível consultar
MCNEIL, Peter. Pretty Gentlemen: Macaroni Men And The Eighteenth-Century Fashion World. Yale University Press, 2018.	XVIII	Não foi possível consultar
ABERCROMBIE, E. Garment cutting self-taught. Pittsburgh, Pa., M. Davis & co., lithographers, 1889. Disponível em: https://archive.org/details/garmentcuttingse00aber/page/n7/mode/2up . Acesso realizado em 15 abr 2020.	XIX	NÃO
BROWNE, M. Prince. The Practical Work of Dressmaking & Tailoring: With Illustrations. Franklin Classics Trade Press, 1902.	XIX	Não foi possível consultar
BRUNDAGE, William W. A complete system of cutting: the result of thisrty yeats practice & experience. New York: A. Marrer, 1867. Disponível em: https://archive.org/details/completesystemof00brun/page/n3/mode/2up . Acesso realizado em 15 abr 2020.	XIX	NÃO
CANNEVA, Augustin; MONNERET, Édouard. Livre du tailleur, guide complet du tracé de la coupe et de la façon des vêtements... A.-L. Pagnerre, 1838.	XIX	Não foi possível consultar

REFERÊNCIA SOBRE A CAMISA MASCULINA	CONTEMPLA QUAL PERÍODO?	TEM INFORMAÇÃO SOBRE CAMISA MASCULINA?
COMPAING, Charles; DEVERE, Louis. L'Art du tailleur. The Tailor's Guide; a complete system of cutting every kind of garment to measure, etc. 2 vol. London: Simpkin, Marshall & Co, Stationers' Court, 1856.	XIX	NÃO
COMPAING, Charles; DEVERE, Louis. The Tailor's Guide, 1875	XIX	Não foi possível consultar
COTTENDEN, Graham. Men's Tailoring: Bespoke, Theatrical and Historical Tailoring 1830-1950. New York: Routledge, 2019.	XIX	NÃO
COUTS, Joseph. A practical guide for the tailor's cutting-room; being a treatise on measuring and cutting clothing in all styles, and for every period of life from childhood to old age. Glasgow, Blackie, 1848.	XIX	NÃO
CUNNINGTON, Cecil Willett; CUNNINGTON, Phillis. Handbook of English costume in the nineteenth century. Great Britain: R. MacLehose and Company Limited, 1959. Disponível em: https://archive.org/details/handbookofenglis0000cwil . Acesso realizado em 13 abr 2020.	XIX	SIM
DAVIS, R. I. Men's garments 1830-1900: A guide to pattern cutting and tailoring. 2ª edição. Studio City: Players Press, 1994.	XIX	NÃO
FALCONER, John. Tables and Diagrams Illustrating Economy in cutting: economical methods for cutting out garments. 3ª ed. London: John Williamson & Co, 1893. Disponível em: https://archive.org/details/seriesoftablesdi00jfjo/page/n86/mode/1up . Acesso realizado em 13 abr 2020.	XIX	SIM
FISCHEL, Oskar and VON BOEHN, Max. Modes and Manners of the Nineteenth Century As Represented in the Pictures and Engravings of the Time... Translated by M. Edwardes. With an Introduction by Grace Rhys. London and New York: J.M. Dent and E.P. Dutton, 1909, 1927. Four volumes.	XIX	Não foi possível consultar

REFERÊNCIA SOBRE A CAMISA MASCULINA	CONTEMPLA QUAL PERÍODO?	TEM INFORMAÇÃO SOBRE CAMISA MASCULINA?
GOLDSBERRY & DORAN. The Diamond Garment Cutter. Chicago, Illinois, 1895. Disponível em: https://archive.org/details/diamondgarmentcu00gold . Acesso realizado em 13 abr 2020.	XIX	SIM
GREENSTEIN, A. M. Erste franzsisch-amerikanische lehr-methode des zuschneidens für herrn und knaben anzüge. New York, 1895. Disponível em: https://archive.org/details/erstefranzsischa00gree/page/n6/mode/2up . Acesso realizado em 14 abr 2020.	XIX	NÃO
HECKLINGER, Charles. Vest Cutting: a manual for the practical tailor and cutter. New York, 1883.	XIX	NÃO
HERTZER, Günther F. Garment cutting in the twentieth century. Tiffin, Ohio, 1892. Disponível em: https://archive.org/details/garmentcuttingin00hert/page/n6/mode/2up . Acesso realizado em 13 abr. 2020.	XIX	NÃO
HULME, W. H. The Practice Of Garment Pattern Making. London: The National Trade Press, 1900. Disponível em: https://archive.org/details/The_Practice_Of_Garment_Pattern_Making.W.H.Hulme/page/n3/mode/2up . Acesso realizado em 14 abr 2020.	XIX	NÃO
ITALIANO, Isabel; VIANA, Fausto. Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.	XIX	p.146
JONES, Amanda. Rules and directions for cutting men's clothes, by the square rule : by which, in a few hours, a person may acquire such a knowledge of the art, as will enable him to cut all sizes and fashions, with the greatest accuracy. Vermont (EUA), 1822. Disponível em: https://archive.org/details/rulesdirectionsf00jone/page/n1/mode/2up . Acesso realizado em 15 abr 2020.	XIX	NÃO

REFERÊNCIA SOBRE A CAMISA MASCULINA	CONTEMPLA QUAL PERÍODO?	TEM INFORMAÇÃO SOBRE CAMISA MASCULINA?
LA MODE PRATIQUE. Cours de Coupe de la Mode-Pratique pour faire soi-même ses robes, ses manteaux. França: Hachette & Cte, 1899. Disponível em: https://archive.org/details/coursdecoupe1/page/n5/mod e/2up . Acesso realizado em 16 abr 2020.	XIX	NÃO
LE BLANC, H. The Art of Tying the Cravat. New York: S. & D. A. Forbes, 1829. Disponível em: https://archive.org/details/arttyingcravat00unkngoog/pa ge/n7/mode/2up . Acesso realizado em 16 abr 2020.	XIX	NÃO
MADISON, James O. Elements of garment cutting, together with parctical hints to cutters. Hartford, Conn., The Case, Lockwood & Brainard company, 1878. Disponível em: https://archive.org/details/elementsofgarmen00madi/pa ge/n9/mode/2up . Acesso realizado em 13 abr 2020.	XIX	NÃO
MAIA, Carlos Bento de. Tratado elementar de risco e corte de roupa. Lisboa: Editora Guimarães, 1908.	XIX	SIM
MARTIN, James A. Martin's shirt system. Peoria, Illinois, 1890. Disponível em: https://archive.org/details/martinsshirtsyst00mart/page/ n6/mode/2up . Acesso realizado em 13 abr 2020.	XIX	SIM
MASNER, Karl. Die Costum-Ausstellung im K.K. Oesterreichischen Museum, 1891. Disponível em: https://archive.org/details/diecostumausstel00kkos/pag e/n2/mode/2up . Acesso realizado em 03 jul 2020.	XIX	SIM
MCLOCHLAINN, Jason. The Victorian Tailor: an introduction to period tailoring. New York: St. Martin's Press, 2011.	XIX	NÃO
MINISTER. Guide to Cutting, 1863	XIX	Não foi possível consultar
NAIRN, Thomas. Practical essays on shirt cutting [microform]: together with exhaustive lessons in shirt making. Toronto, 1881. Disponível em: https://archive.org/details/cihm_34564/page/n5/mode/2 up . Acesso realizado em 13 abr 2020.	XIX	SIM

REFERÊNCIA SOBRE A CAMISA MASCULINA	CONTEMPLA QUAL PERÍODO?	TEM INFORMAÇÃO SOBRE CAMISA MASCULINA?
THIRIFOCCQ, Louis. Le nouveau livre du tailleur: traité complet de la coupe des vêtements d'homme. Paris, 1881. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k108047d/f1.image . Acesso realizado em 16 abr 2020.	XIX	NÃO
THORNTON, J. P. International System of Garment Cutting. 2nd Ed. London: The Thornton Institute, 1885. Disponível em: https://archive.org/details/Thornton_International_System_of_Garment_Cutting/page/n3/mode/2up . Acesso realizado em 14 abr 2020.	XIX	NÃO
VINCENT, William D. F. The Cutter's practical guide to cutting and making shirts, undergarments, collars, and specialite clothing for various occupations. London: John Williamson Co, 1890. Disponível em: https://archive.org/details/vincentmakingshirts18xx . Acesso realizado em 18 abr. 2020.	XIX	SIM
WALKER, W., GEORGE & HEARN. The Tailor's Masterpiece, or the Art of Cutting all kinds of Coats, Waistcoats, Children's Dresses, Military, Hussar, and other Jackets.... Richardson & Clark, 1835.	XIX	Não foi possível consultar
WHOLE ART. The whole art of dress! or, The road to elegance and fashion, at the enormous saving of thirty... London: 1830. Disponível em: https://archive.org/details/wholeartdressor00artgoog/page/n9/mode/2up . Acesso realizado em 16 abr 2020.	XIX	NÃO
DOYLE, Robert. The Art of the Tailor: With a Needle, a Thimble and 10,000 Stitches. Stratford, Ont.: Sartorial Press Publications, 2005.	Desconhecido	Não foi possível consultar
LAVIER, James. Clothes: Pleasures of Life Series. Burke; 1st Edition edition (1952).	Desconhecido	Não foi possível consultar